

ANais

VI Congresso Internacional

Corpos em Movimento 2025

VI Jornada Internacional de Psicanálise, Educação e Cultura

I Fórum de Discussão e Debates em Psicanálise e Política

24 a 29 de novembro de 2025

UFRRJ • LEGESEX • CPAPEC/EPEP • UFRGS

115 Resumos Expandidos • 7 Eixos Temáticos • 16 Mesas



Ficha Catalográfica

Anais do VI Congresso Internacional Corpos em Movimento 2025

VI Jornada Internacional de Psicanálise, Educação e Cultura

I Fórum de Discussão e Debates em Psicanálise e Política

Coordenação Geral do Evento: Profa. Dra. Joyce Alves (UFRRJ — SIAPE: 1742750)

Organizadores: Prof. Me. Jairo Carioca de Oliveira • Prof. Dr. Ronald Lopes de Oliveira • Prof. Dr. Hudson A. R. Bonomo

Comissão Científica: Hudson A. R. Bonomo • Ronald Lopes de Oliveira • Jairo Carioca de Oliveira

Revisora: Karen Gomes da Rocha

Diagramador: Hudson A. R. Bonomo

Instituições: UFRRJ • LEGESEX • CPAPEC/EPEP • UFRGS

Período: 24 a 29 de novembro de 2025

Modalidade: Online — YouTube (Português e Espanhol)

Certificação: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Publicação: Revista Periférica — Periódico do CPAPEC

Plataforma: Open Journal Systems (OJS/PKP)

Licença: Creative Commons BY-NC-SA 4.0

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.18568120>

Realização:

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Laboratório de Educação, Gênero e Sexualidades (LEGESEX/UFRRJ)

Coletivo de Pesquisa Ativista em Psicanálise, Educação e Cultura / Escola Psicanalítica da Escuta Periférica (CPAPEC/EPEP)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)



Comissão Organizadora e Científica

Profa. Dra. Joyce Alves

Coordenadora Geral do Evento — UFRRJ (SIAPE: 1742750)

Prof. Dr. Hudson A. R. Bonomo

Organizador • CPAPEC/EPEP

Doutor em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida (UVA). Mestre em Ciências em Engenharia Mecânica pela COPPE/UFRRJ. Especialista em Clínica Psicanalítica na Universidade Santa Úrsula (USU). Coordenador da Especialização em Teoria e Clínica Psicanalítica Freud-Lacaniana da Universidade Santa Úrsula (CEPCOP/USU). Psicanalista Membro Titular da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID). Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF). Coordenador do Coletivo de Pesquisa Ativista em Psicanálise, Educação e Cultura (CPAPEC).

Prof. Dr. Ronald Lopes de Oliveira

Organizador • UERJ • CPAPEC

Doutorando em História (UERJ). Mestre e Licenciatura em História (UNIRIO). Pós-graduado em Psicanálise e Saúde pelo SEPAI-RJ. Pós-graduado em Orientação, Supervisão e Gestão Escolar (UNINTER). Pós-graduado em Ciências da Religião (AVM/UCAM). Bacharel em Teologia (FACETEN). Psicanalista e Pesquisador no Laboratório de Educação, Gênero e Sexualidade da UFRRJ, no Grupo de Pesquisa Ativista Audre Lorde/UNIR e no Grupo ÁFRICAS Sociedade, Política e Cultura (UERJ-UFRRJ). Coordenador do Coletivo de Pesquisa Ativista em Psicanálise, Educação e Cultura.

Prof. Me. Jairo Carioca de Oliveira

Organizador • UFRRJ • CPAPEC

Doutorando e Mestre em Educação Contemporânea e Demandas Populares (PPGEduc/UFRRJ). Teólogo e Pesquisador na interface entre Psicanálise e Feminismos Plurais — Estudos de Gênero no Laboratório de Educação, Gênero e Sexualidades da UFRRJ, no Grupo de Pesquisa Ativista Audre Lorde da UNIR e no Diversitas - FFLCH/USP. Coordenador do Coletivo de Pesquisa Ativista em Psicanálise, Educação e Cultura. Membro no Coletivo Psicanalistas Unidos pela Democracia — PUD e Membro da Comissão Permanente da Política Institucional pela Diversidade, Gênero, Etnia/Raça e Inclusão (CPID) da UFRRJ. Escritor, Poeta e Bolsista CAPES.

Karen Gomes da Rocha

Revisora

Apresentação

O corpo, como locus onde o sujeito (de)encontra o mundo ao seu redor, é o ponto de partida para um campo de possibilidades transformadoras. Corpo pertencente à gramática do desejo, surgindo como ato na linguagem que pela via da identificação se introduz na economia do gozo — corpo pulsional, provocado pelo Outro Real, representado ocasionalmente pela mãe, que institui o existente humano a partir de uma carência que é sua (do Outro), se instituindo pouco a pouco como sujeito do desejo.

Que corpos são esses, atravessados por forças históricas, políticas e subjetivas? Que potências podem ser mobilizadas quando, na escuta psicanalítica, esses corpos fa(ca)lam e reinv(t)entam suas ex-sistências?

Este encontro se propôs a pensar ações afirmativas e criativas que utilizem a psicanálise como ferramenta prática e simbólica de transformação social, buscando fortalecer a potência de sujeitos e comunidades a partir da singularidade de suas vivências corporais.

Seja o corpo biológico, objeto da medicina e de intervenções cirúrgicas, o corpo social, moldado pelas forças das normas coletivas, ou o corpo político, que se ergue como território de resistência e luta, todos carregam camadas de significação que ultrapassam seus limites aparentes. Mais que uma análise teórica, o desafio aqui é convocar práticas criativas que transformem essas dimensões em campos de ação, emancipação e desejo.

A psicanálise, desde Freud, nasceu como uma prática de escuta que se organizou no entrecruzamento do discurso e do corpo. É na relação entre a fisicalidade (Körper) e a vivência subjetiva (Leib) que o sintoma emerge, ressignificando experiências traumáticas e abrindo espaço para novos significados.

Na contemporaneidade, a psicanálise é convocada a pensar não apenas o corpo do sintoma, mas também o corpo como território de cruzamentos simbólicos, políticos e criativos. Em tempos marcados pela hiperconectividade, pela violência sistêmica e pelas políticas de exclusão, os corpos emergem como espaços de confronto e potência.

O Brasil, como território marcado pela desigualdade e pelo racismo, nos apresenta um desafio inescapável: pensar práticas psicanalíticas que respondam às demandas de populações excluídas e marginalizadas, espaço onde podemos voltar a ser pretos, ser trans, ser LGBTQIAPN+, ser mulher e devires-outros. A subversão é chave. Abram os portões!

Os presentes Anais reúnem 115 resumos expandidos aprovados pela Comissão Científica, distribuídos em sete eixos temáticos e apresentados ao longo de 16 mesas de comunicação, entre os dias 24 e 29 de novembro de 2025, em formato inteiramente online, com transmissão simultânea em português e espanhol.

Que estes Anais sejam não apenas registro, mas convocação: para que os corpos sigam em movimento, para que a escuta se faça gesto, e para que a psicanálise continue a se reinventar desde as margens.

Hudson A. R. Bonomo • Ronald Lopes de Oliveira • Jairo Carioca de Oliveira

Organizadores

UFRRJ • LEGESEX • CPAPEC/EPEP • UFRGS

Sumário

Eixo 1 — Corpo Clínico (9 trabalhos)

Do corpo-sem-órgãos à dessubjetivação do além-outro (perspectivas clínicas deleuzianas antes de o anti-Édipo?) ■

Mário Bruno

O corpo que ri: psicanálise, palhaçaria e literatura como cuidado clínico ampliado ■

Vanessa Castilho

O corpo da mulher e o câncer de mama – Uma experiência de DEsidentificação ■

Andréa Pinheiro Bonfante

A Pele como Linguagem do Inconsciente: Um Olhar Psicanalítico sobre o Corpo da criança adotada

LIDIA MICAELY FERREIRA DA SILVA MORAES

A ex-sistência da violência no diagnóstico estrutural: caso Atlas ■

Vitailma Conceição Santos

Interlocutores entre a Psicanálise e a Medicina no tratamento de dores crônicas

Inajá Almeida Quelhas de Oliveira, Leandro do Vale Pereira Almeida, Márcia Regina Lima Costa

Cuidados paliativos e psicanálise: o im-possível no cuidar

Luíza Michelini Vilanova, LUCIANE DE CONTI, Gabriela Carpena Kleine

Entre o corpo biológico e o corpo simbólico: a falha do binário no caso de uma adolescente com Síndrome de Turner ■

Esther Maria Dias Kfuri, Ana Paula Menezes de Souza

Psicanálise e decolonialidade: implicações clínicas ■

Matheus Faria Ferreira, George Miguel Thisoteine, Andre Luiz Gellis

Eixo 2 — Corpo Estético e Tecnológico (16 trabalhos)

A engrenagem da servidão': a alternativa ciborgue e o (in)consciente colonialista

João Peçanha, Iago Santos Pires de Sousa Ghazi

Ciborgues agonizantes: o limite da influência da cibernética em ciências humanas ■

Nelson Job

Corpo motriz e experiência estética: elaborações de resistência ao neoliberalismo ■

Mariana Bergo Damaso Silva

Adolescência e o corpo em tela: subjetivação em tempos de hiperconectividade ■

Ingrid Ayana De Oliveira Teco

A vulnerabilidade algorítmica: o corpo digital como arena de desejo e validação na era da Inteligência Artificial ■

Giselly Tiago Ribeiro Amado

O corpo digital e a espera da alma: psicanálise e poesia a partir de Verena Kast

Alessandra Baptista Gonçalves Cunha, Mirian Caroline De Carvalho, ANA PAULA MAZARIOLLI AFFONSO

Representatividade midiática e constituição psíquica: um olhar psicanalítico sobre a autoestima da população LGBTQIAPN+ ■

Yago Felipe Dias, ERICO BRUNO VIANA CAMPOS

Construção publicitária do corpo menstrual: discursos, normatividades e exclusões

Maria Eduarda Pelegrini Pinas, Vivian Rafaella Prestes, Alexandre Luis Ponce Martins

Masculinidade e sadismo na nova pornografia: da estrutura à mercadoria

Gabriel de Sousa Pereira, Tiago Neves

A agressividade digital: considerações sobre o narcisismo

Guilherme de Lima Ferreira Lucena, Tiago Neves

Práticas estético-performativas em contextos periféricos: tecnologias do corpo e produção de singularidades

Taís Carvalho Soares

A imagem espetacularizada do corpo na era digital ■

gustavo césar fernandes santana, João Luiz Leitão Paravidini, Anamaria Silva Neves

Corpo estético e tecnológico: subjetividade, corpo, imagem e redes sociais - a construção do self a partir da virtualidade

Luis Roberto Melo, BRENDA BATISTA FREITAS, TARSIS EDUARDO DA CRUZ FERREIRA

Corpo Artificial: A.I. Inteligência Artificial

Victória de Freitas Arruda

"Que me perdoem as feias, mas beleza é fundamental": Reflexões psicanalíticas sobre os efeitos da mídia na relação das mulheres com o próprio corpo

Brenda Seixas, Juliana Gama

Corpo estético e tecnológico: subjetividade em meio a padrões e avatares

Marcio Martins

Eixo 3 — Corpo e Trabalho (8 trabalhos)

Corpo precarizado: mapeando os impactos da informalidade na saúde física e mental de trabalhadores urbanos

José Muriel Oliveira Alves

"Confusão não é boa pra ninguém"? Uma imersão sobre autoridade e regramentos nas relações entre os agentes do estado e a prostituição na "Rua da Zona", Três Rios/RJ.

Manuel Flavio Saiol Pacheco

Corpo-migrante e trabalho: perspectivas sociológicas

Marcelo Pereira Souza

Jornadas de trabalho, percursos de adoecimento ■

Bruna Mello da Fonseca

Muito Além da Nutrição: Problemas Ergonômicos em Manipuladores de Alimentos

Cibelle Maria de Abreu Ibiapina

Culpa e moralidade do trabalho: o corpo como palco da produtividade ■

Susan Emi Matsumoto, Vivian Rafaella Prestes, Alexandre Luis Ponce Martins

A precarização da escuta como efeito da gestão neoliberal do tempo e seus efeitos sobre as práticas de cuidado em saúde

Renata Rosa da Costa, Maria Isabel Rosa da Silva Arello

Plataformização do trabalho sexual: subjetivação, vulnerabilidade e sofrimento psíquico sob a lógica neoliberal ■

Luciano Henrique Moreira Santos, Anamaria Silva Neves

Eixo 4 — Corpo e Educação (12 trabalhos)

Educação Física e resistência: o corpo como instrumento de crítica aos padrões de beleza impostos pela mídia

Beatriz Ferreira Da Silva

A função normativa docente a serviço da vigilância dos corpos no espaço escolar ■

Luiz Paulo Dos Santos Monteiro

Corpo estrangeiro: o francês como imposição linguística e exclusão corporal na escola haitiana ■

Maxo St Victor

Corpo, corporeidade e educação: reflexões acerca da formação de professores ■

Geovana Larissa Amâncio da Cruz, Selma Cristina Trindade Vieira, Monica de Avila Todaro

Vivendo um Corpo-Água: a experiência corporal do Body-Mind Centering e suas fecundidades

Maria Clara Walcacer

Educação, Corpo e Marketing: notas sobre as adolescências contemporâneas ■

Lia Silva Fonteles Serra, Thaís Fontinele

Pedagogia Queer: o que a psicanálise tem a ver com isso? ■

Danielle Ferreira Bastos, Marília Arreguy

Escrevendo gênero(s) no futebol: uma análise de experiências esportivo-pedagógicas dirigida as mulheres na Colômbia

Maira Yesenia Trujillo Vanegas

Categorias emergentes para um estudo acerca do sexual sobre a obra de Sigmund Freud a partir da análise de discurso foucaultiana

George Miguel Thisoteine, Andre Luiz Gellis, Jair Lopes Junior

Psicanálise e docência: revisão narrativa sobre as implicações da teoria dos quatro discursos nas práticas educativas

João Vitor Araújo, Andre Luiz Gellis, George Miguel Thisoteine

Psiquiatria das crianças: efeito de diagnósticos e medicalização na escola ■

Márcia Balmberg

(Des)construção de debates de gênero e sexualidade na Graduação em Psicologia

Gabriela Pereira Cavalcanti, Anna Julia de Melo Brandão

Eixo 5 — Corpo Histórico e Antropológico (8 trabalhos)

Nós, Travestis: Corpos em Movimento e a Cultura como Disputa Simbólica

Sara Wagner York

Pedagogias do patriarcado ■

PATRICIA FASUOLO SERFATY

Discursos e representações dos corpos durante a Ditadura Militar no Brasil (1968-1979)

ANDERSON DA SILVA SOARES

Rupturas e epistemologias insurgentes: descolonizando a formação do bailarino clássico na ETDUFPA ■

João Carlos Cunha Dergan, Francisco Clever Ferreira Lobato Junior, Stella Sabrina Sther Mendes Ferreira

Entre máscaras e memórias: Anastácia e a herança do silenciamento nas mulheres negras periféricas ■

MARIA SOLINEIDE OLIVEIRA ALENCAR

Uma permissão para esquecer: memória, testemunho e intergeracionalidade no luto, a partir da perspectiva da psicanálise ■

Maria Isabel Rosa da Silva Arello

Elementos para uma virada ontológica na psicanálise: diálogos com o pensamento ameríndio e com as religiões de matriz africana ■

Marcos de Jesus Oliveira

Migração e exclusão nas sociedades coloniais ■

Carlos Mendes Rosa, Joana De Vilhena Novaes

Eixo 6 — Corpo Político e Marginalidades (19 trabalhos)

Dos males aos Malês: o inconsciente e a política ■

Fabíola Menezes De Araújo

Resenha cinematográfica: Coisa mais linda x Gabriela: será que a mulher já deixou de ser patrimônio público?

Carliane Mendes de Oliveira, Mariana Colares, Ana Beatriz Silva de Oliveira

Entre Iroko e Exu: a clínica como gira de travessias e desobediências ■

Camila Ferreira

A autoficção O Parque das Irmãs Magníficas: o espelho inverso e a gratuidade do mal ■

Michele Calheiros

Na encruzilhada da carne e do vento: Pomba Gira, memória negra e os ecos de um passado que não passa ■

Clodoaldo Matias da Silva, Maria Eduarda Moraes da Silva

Onde se dançam os corpos marginais? o Baile da Paz, o resgate dos Bailes de Corredor e a valorização das expressões culturais periféricas no Recife (2015-2025)

Isnaldo Fernandes da Silva Júnior

Poéticas da sobrevivência: canibalismo, arte queer contemporânea e psicanálise

Samuel Alexandre de Almeida Batista

Clínica da cegueira e psicanálise: uma vida pelas margens.

Marta Luzie de Oliveira Frecheiras

Conversações psicanalíticas no contexto escolar: uma aposta na pesquisa participativa com adolescentes

Távina Romão Silva, Erilânia Ferreira Mendes, Vladia Jamile Dos Santos Jucá

Corpo e política nas reflexões de Judith Butler: análise temática reflexiva a partir de grupo de estudos sobre gênero

Agnes Vitorio Colombari, Atila Alexandre Trapé, Matheus Rozário Matioli

Violência e Testemunho em Conversações com Adolescentes em uma Escola da Rede Pública

Vladia Jamile Dos Santos Jucá, Távina Romão Silva, Erilânia Ferreira Mendes

Em Busca de uma Psicanálise Negativa: a Periferia como Lugar de Escuta ■

Vladimir Oliveira

O velho não vale? Corpo, velhice e desejo no contemporâneo: projeto de escuta psicanalítica lacaniana

Eduardo De Carvalho Paixão Serraglia, Matheus Rozário Matioli, Juliana Vendruscolo

A clínica com pessoas transmasculinas e a entrada em análise

Luiz Henrique Martins Araújo Ávila

Corpos desmentidos: uma leitura metapsicológica da exploração sexual infanto-juvenil na Ilha de Marajó ■

Eduarda Negromonte, KAREN NASCIMENTO DE ALBUQUERQUE

Pagamento como economia política da clínica psicanalítica? Um olhar sobre as práticas econômicas dos analistas

ARTHUR COSTA HENRIQUES, Tiago Neves

Quando olho, sou visto. portanto, inexisto: o abjeto em Ricardo III

Dara Cristina Alves, Ayrton Yuri Alves Souza., Monique Luiz

No último pub ainda havia um brinde: Neoliberalismo, desamparo e caminhos para coletividade

Fabrise Rosa Amaro

A sub-representação da mulher no campo político: o corpo feminino como território político e de resistência. ■

MARIANA MENDONÇA DE ALMEIDA, Anamaria Silva Neves

Eixo 7 — Corpo Subjetivo e Psicanálise (43 trabalhos)

O corpo de Alice, a do tal país que disseram que era das maravilhas ■

anna heller moraes mendes

A arte na Clínica Periférica ■

Renata Pereira

Como escutamos as construções de feminilidades negras na clínica psicanalítica de pacientes adeptas às espiritualidades de matrizes africanas? ■

Isis Abena

O que podemos aprender sobre a noção de insulto de gênero a partir do diálogo entre as obras de Didier Eribon e Edouard Louis?

Clarice Arantes Martin

Sublimação e feminino: a resistência do erotismo na arte de Teresinha Soares

Letícia da Cunha Soares Motta

Entre o Dogma e o Afeto: A Suavização dos Discursos Pentecostais Frente a Vivências Familiares LGBTQIA+

Célio César de Aguiar Lima

A invasão da culpa no imaginário: controle do corpo feminino e experiências de resistência pela palavra e pelo desejo

Larissa Lima

Corpos que Dançam Pensamentos: o Inconsciente na dança ■

Auterives Maciel Junior

Corpo sensorial e subjetividade plural: travessias invisíveis do desejo

Najla Gergi Krouchane

O ser mulher na escolha em fazer a redesignação sexual: a contribuição de Stoller e Lacan na escuta ativa do psicólogo contemporâneo

Cláudio Noel de Toni Júnior

O Corpo diz

PRISCYLLA SPENCER

Corpos capitalizáveis no palco do neoliberalismo e as rodas de conversação como dispositivo crítico que invoca corpos-desejantes

Tatyane Marques Ferreira

Marcas da pluralidade: leituras psicanalíticas do mal-estar e da diferença no movimento LGBTQ+

Andre Alonso Marques, Gustavo Angeli

A escuta psicanalítica do feminino e da violência doméstica na obra Tudo é Rio

Larissa Medeiros, Andre Alonso Marques, Gustavo Angeli

Casamento, poliamor e psicanálise: estudo autoanalítico e exploratório

Roberto Pacheco

Enlutar o estranho, reencontrar o familiar: a clínica dos lutos parentais frente à homossexualidade

Paulo Ricardo Deboletto Oliveira, Robson Mello, Maria Virginia Filomena Cremasco

Não-binariedade e o Édipo: da escola ao divã ■

Patrícia Raffo Coutinho

PT: Diante da Porta de Vidro: Analisando o Processo de Racialização de Psicanalistas Brancos(As) EN: In View of the Glass Door: Analyzing the Racialization Process of White Psychoanalysts ■

Gabriella Celestino Lemos Furtado Gondim, Vladia Jamile Dos Santos Jucá

A mulher negra e os deslocamentos das concepções psicanalíticas de feminino e feminilidade ■

Debora Lydinês Martins Corsino

(Re)significando corpos: mulheres mastectomizadas em um estúdio de tatuagem ■

Laura Salek Gouveia, Joana De Vilhena Novaes

Discurso capitalista e o mercado da beleza

Nicole Oliveira Rocha

Corpo, sociedade da representação e clínica psicanalítica do possível

Klaylian Marcela Santos Lima Monteiro

Corpo, cuidado e intersubjetividade: a institucionalização da velhice em uma perspectiva psicanalítica

José Francisco Teixeira Araujo Neto

Escrivência e subversão: a autorização do texto da própria vida ■

Sofia Baeta Casula Pereira, Pedro Teixeira Castilho

A clínica psicanalítica com adolescentes privados de liberdade: inscrições no corpo e sofrimento psíquico

Guilherme Cruz, Pedro Teixeira Castilho

O reborn da subjetividade: aproximações entre Winnicott e o cuidado de bebês reborn

Luan Anderson Dalmas, Camila Turchetto, Pedro Henrique Conte Gil

Fenômeno de drop no BDSM: um olhar crítico aos saberes normativos

Magdalena Markowicz

Em nome de ser mãe: sobre a captura do filho como objeto das demandas maternais

Mariah Moraes Ribeiro, Luciana Ribeiro Marques

Viver um dia de cada vez: experiência psicanalítica mediada por tecnologia como prática democrática

Márcia Campos de Oliveira, Carolina Oliveira Da costa Luchetta

Tecendo juntas um lugar para ser mulher: psicanálise e prática grupal na Atenção Primária à Saúde

Emanuella Oliveira Diniz Lins, Heloisa Aguetoni Cambuí

Habitar o risco, reinventar o corpo: o surfe como prática clínica e cultural de cuidado ■

Thaís Marques Simões, DIEGO ANDRES SALCEDO, Tony Meireles dos Santos

A Escultura Bordada da Língua: Pulsões, Desejos e Linguagem na experiência de expressão no espectro do Autismo

Renata Borges do nascimento, Luana Cristina De Lima E Silva

Possibilidades para o real - o corpo em movimento na dança ■

LUCIANE DE CONTI, Ana Nathália Eduarda Farias da Silva, Luíza Michelini Vilanova

Corpo-aberração: da norma ao sintoma ■

Ana Paula Menezes de Souza, Esther Maria Dias Kfuri

“Não sou de verdade”: a dimensão do corpo na experiência da criança trans ■

Yasmim Marques de Souza

Sexual e sexualidade no Seminário 18 de Jacques Lacan: notas sobre o lugar do corpo na desigualdade de gênero

Louise Victoria Domingos Santos, George Miguel Thisoteine, Andre Luiz Gellis

Corpo e sexualidade no contexto do Cristianismo brasileiro: reflexões psicanalíticas

BENJAMIN TAVARES DE OLIVEIRA PINHEIRO, Anaís Souza de Santana

Psicanálise e Identidade de Gênero na Literatura Científica Contemporânea: Uma Revisão da Literatura

Maria de Fátima Alencar Castro Santos, MONIQUE BARBOSA DA LUZ, Lilyane Andressa Aguiar Morais De Moura

Cartas e dissidências de gênero e sexualidades: uma metodologia encarnada frente ao trauma colonial ■

Lis Paiva de Medeiros, Iasmin Sharmayne Gomes Bezerra - UFRN

A palavra sem corpo: considerações sobre Efeitos das Práticas diagnósticas contemporâneas.

Geovana França Feitosa, Juliana Gama, Tiago Neves

A devastação nas relações mãe e filha na obra Um amor incômodo, de Elena Ferrante

Anna Caroline Garcia Resende, Christiane Carrijo Eckhardt Mouammar

Categorias emergentes sobre o sexual e a sexualidade no Seminário 16, de Jaques Lacan

Isabela de Oliveira Fogaça, George Miguel Thisoteine, Andre Luiz Gellis

Implicações do imaginário social nas produções discursivas e sintomáticas das mulheres

Maria Eduarda Farias Maciel, Juliana Gama

Eixo 1 — Corpo Clínico

O eixo Corpo Clínico explora práticas médicas humanizadas que colocam a subjetividade no centro do cuidado, abordando desde os impactos do trauma em doenças autoimunes até saberes ancestrais como alternativas de cura e transformação. Este eixo reúne projetos e pesquisas que promovem programas de suporte clínico para pacientes em cuidados paliativos, ações afirmativas que integrem práticas terapêuticas tradicionais de populações indígenas e quilombolas no cuidado comunitário, ou iniciativas interdisciplinares que utilizem a escuta psicanalítica em redes de apoio para pessoas com doenças crônicas ou em transição de gênero.

Do corpo-sem-órgãos à dessubjetivação do além-outro (perspectivas clínicas deleuzianas antes de o anti-Édipo?)

Mário Bruno

Palavras-chave: Deleuze, corpo, alteridade, perversão, esquizofrenia

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 11 - Epistemologias da Clínica: Da Decolonialidade à Invenção — por Mário Bruno

■ Assistir: Português

No livro *Lógica do Sentido*, do filósofo Gilles Deleuze, são muito intensas as páginas sobre Antonin Artaud. A obra de Antonin Artaud remete a um corpo esquizofrênico como uma espécie de corpo-coador em que não há mais fronteiras entre as coisas e as proposições. Trata-se de uma profundidade que engole tudo. Nesse “universo”, tudo é corpo: corpo, mistura de corpos, encaixe e penetração. Uma das revelações que anima o gênio de Antonin Artaud é o corpo-sem-órgãos, no qual nada impede das proposições se abaterem sobre os corpos e de se confundirem seus elementos com as afecções dos corpos. Entretanto, em *Lógica do Sentido*, o mundo das profundidades, com suas pulsões destruidoras, com seu instinto de morte, coexiste, de direito, com uma superfície invisível — daí a importância da leitura que Gilles Deleuze realiza de *Sexta-feira e os limbos do pacífico*, de Michel Tournier. O penúltimo apêndice de *Lógica do Sentido* aborda essa aventura, que vai da profundidade à superfície, ao mundo sem Outrem. Um além-do-Outro enquanto dessubjetivação, numa espécie de estranho espinosismo, em que a categoria do necessário substituiu completamente a categoria do possível. Interessa-nos, nesse estudo de Gilles Deleuze, o aspecto clínico da passagem do corpo-sem-órgãos à dessubjetivação “além-do-Outro”.

O corpo que ri: psicanálise, palhaçaria e literatura como cuidado clínico ampliado

Vanessa Castilho

Palavras-chave: Psicanálise, palhaçaria, oficinas terapêuticas, literatura, cuidado clínico

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 11 - Epistemologias da Clínica: Da Decolonialidade à Invenção — por Vanessa Castilho

■ Assistir: Português

Este trabalho apresenta uma proposta de oficina terapêutica voltada para o público adulto, fundamentada na articulação entre psicanálise, palhaçaria e literatura como formas de cuidado clínico ampliado. As oficinas são espaços de escuta e criação, onde o corpo não é visto apenas como organismo, mas como território sensível, afetivo e simbólico. Trata-se de reconhecer os sujeitos como integrantes de seus próprios corpos e risos, valorizando a potência da linguagem e da imaginação como caminhos para a elaboração psíquica. A proposta parte da escuta psicanalítica, compreendida aqui como abertura ao inconsciente, às narrativas que escapam ao discurso racional e às formas de expressão que emergem pelo corpo. A palhaçaria é incorporada como ferramenta terapêutica, permitindo o encontro com o lado cômico da existência: o tropeço, o exagero, o erro acolhido com graça. O riso, nesse

contexto, não se apresenta como distração ou fuga, mas como linguagem legítima de produção de sentido. Utiliza-se a literatura como ponto de partida simbólico para os encontros: fragmentos de romances, poesias e narrativas de ficção operam como dispositivos de escuta e criação. Por meio de leituras, dinâmicas corporais e escrita espontânea, os participantes são convidados a se conectar com sua subjetividade, reescrever suas histórias e inventar novos sentidos para o viver. O público das oficinas é composto por adultos diversos, alguns em situação de adoecimento físico ou emocional, outros em processos de transição de vida, luto, crise ou busca pessoal. A metodologia envolve rodas de leitura, jogos de palhaçaria, exercícios de presença, escrita de cartas e partilhas subjetivas. O espaço grupal é concebido como lugar ético de escuta e cuidado. Os resultados observados incluem o fortalecimento da autonomia simbólica dos participantes, o resgate da voz, a ampliação do repertório expressivo e a ressignificação de memórias e afetos. Em muitos casos, o riso emerge como potência de elaboração do trauma e reconexão com o prazer de existir. Esta experiência articula práticas clínicas humanizadas e interdisciplinares, alinhadas à proposta do eixo "Corpo Clínico", ao propor uma clínica que integra saberes da psicanálise, da arte e dos cuidados tradicionais, favorecendo a escuta dos corpos silenciados, normatizados ou adoecidos. O trabalho contribui para o debate sobre metodologias alternativas de cuidado, com ênfase na subjetividade como centro do processo terapêutico.

O corpo da mulher e o câncer de mama – Uma experiência de DESidentificação

Andréa Pinheiro Bonfante

Palavras-chave: Câncer, corpo, mulher, desidentificação, seio

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 13 - O Corpo Ferido: Clínica, Trauma e (Des)identificação — por Andréa Pinheiro Bonfante

■ Assistir: [Português](#)

Partindo da premissa de que o corpo é um lugar onde o sujeito encontra o mundo ao seu redor, e tido como ponto de partida para um campo de possibilidades transformadoras, trago então a seguinte pergunta e algumas reflexões que pretendo desenvolver aqui, alinhando a proposta da jornada aos meus atravessamentos: que corpo biológico, objeto da medicina e de intervenções cirúrgicas é esse, que a mulher, mutilada pelo câncer de mama, se vê diante? Que experiência de “DESidentificação” é essa? A proposta do texto pauta-se nas experiências clínicas e intervenções médicas e usa como metodologia um breve relato das vivências da própria autora e dos relatos das mulheres do grupo de apoio, criada por ela, com o objetivo de acolher. Essa fala que falha no contexto social, que nem sempre valida suas queixas e dores. O diagnóstico da doença, e tudo que ele traz, violenta o corpo da mulher no que tange a condição física concreta, palpável e localizada, carimbada no corpo de toda mulher que se vê diante de um diagnóstico de câncer de mama, também atravessa de forma avassaladora esse corpo social, cobrando performance e rejeitando qualquer outra proposta que não seja a padronização e os estereótipos de beleza que a sociedade insiste em perpetuar como herança Mal-dita, condição sine qua non sobre o que é ser uma mulher. Sonhos, projetos tomados e principalmente o corpo marcado, pois a doença se encarrega de deixar marcas indelévels no corpo físico e no psiquismo desta mulher, que atordoada por toda essa tempestade de eventos cataclísmicos se vê diante dessa DESidentificação, que não se reconhece mais frente ao espelho, que sem floreios lhe mostra as olheiras, a mama esvaziada ou lhe tirado um quadrante, arrancando-lhe suas auréolas e lhe deixando desnuda dessa sua identidade feminina, o seio. Para tantas outras, não é só isso que a doença toma, coloca-as diante de um luto sem precedentes. O luto da saúde perdida, do corpo saudável, e de tantos outros diante da eminência da recidiva e da metástase, frente a um grande enigma. E como a psicanálise pode contribuir como força emancipadora para resgatar esses corpos e suas subjetividades? Quais experiências transformadoras podemos REinventar para dar a essas mulheres uma escuta acolhedora, que possa promover autonomia e revelar a potência e as forças criativas desses sujeitos? O grupo de Whatsapp® “O Seio da palavra”, nome escolhido por uma homenagem dedicada a mim, através de um poema escrito por uma das minhas alunas, propõe ali, na intimidade das conversas coletivas, por mais que pareça um paradoxo, abrir espaço para que essas mulheres falem de suas dores, que possam ser ouvidas e acolhidas, compartilhando com outras as experiências e seus “experimentos”, na luta de suas superações.

A Pele como Linguagem do Inconsciente: Um Olhar Psicanalítico sobre o Corpo da criança adotada

LIDIA MICAELY FERREIRA DA SILVA MORAES

Palavras-chave: *Psicanálise, Eu-pele, Adoção, Corpo, Subjetividade*

Este artigo propõe um olhar psicanalítico sensível sobre o corpo da criança adotada, tomando a pele como uma via possível de expressão do sofrimento psíquico. A partir de um relato clínico com uma adolescente, refletimos sobre como experiências precoces de negligência e ruptura nos vínculos primários podem deixar marcas que vão além da memória verbal — marcas que se inscrevem no corpo. A teoria do eu-pele, de Didier Anzieu, juntamente com os aportes de Winnicott, Bick, Bowlby e outros autores, nos ajuda a compreender como a pele pode funcionar como um “envoltório” psíquico frágil, especialmente quando o cuidado inicial falha. No caso apresentado, a dermatite atópica ganha significado não apenas como sintoma médico, mas como linguagem do inconsciente — uma tentativa do corpo de dizer o que ainda não pôde ser simbolizado em palavras. A escuta clínica, nesse contexto, se amplia: acolhe o silêncio, os gestos e as marcas na pele como formas legítimas de expressão subjetiva. A adoção, embora represente uma nova chance de vínculo, também convoca a criança a revisitar dores precoces. Concluímos que, quando há escuta, presença e continência afetiva, o corpo pode deixar de ser apenas um lugar de dor e passar a ser também um espaço de encontro, construção e cuidado.

A ex-sistência da violência no diagnóstico estrutural: caso Atlas

Vitailma Conceição Santos

Palavras-chave: *Psicanálise, Racismo, Subjetividade, Trauma, Violência*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 13 - O Corpo Ferido: Clínica, Trauma e (Des)identificação — por Vitailma Conceição Santos

■ Assistir: [Português](#)

Este resumo apresenta o caso clínico de "Atlas", sob a ótica da psicanálise e de epistemologias decoloniais e antirracistas. Através da metáfora do mito de Atlas, que sustenta os céus, o texto investiga como o sujeito pôde deslizar de um discurso concreto-persecutório para um caminho de fazer fala própria e corpo próprio. O método é o relato de caso clínico e a análise se estrutura em três eixos. O primeiro aborda o uso da pasta de documentos como gadget de autoafirmação diante de um Outro tirânico; o segundo marca a evitação do olhar como defesa contra a culpa imputada e a violência simbólica; e o terceiro, marca sua escolha pela leitura como modo de vida e descolonização do sofrimento psíquico, através do uso dos livros. O caso ilustra a interseção entre racismo, psicopatologia e a subjetividade. Utilizei o referencial psicanalítico da clínica das psicoses, para descrever como o caso Atlas apontou, para mim, a necessidade de escutar as interseccionalidades, além do diagnóstico estrutural. Embora seu discurso demonstrasse uma organização cristalizada, minha própria posição quanto à direção do tratamento oscilou por diversas vezes, a cada nova violência relatada, pois estas complexificavam as relações de Atlas com o mundo. Escolhi a pasta, o olhar e os livros, mas poderia seguir por muitos caminhos. Trata-se de uma escrita sobre o que Atlas me ensinou, para a clínica psicanalítica. Ao mesmo tempo em que destaco um uso decolonial da clínica das psicoses, apresento como Atlas pôde se reinventar pelos livros, a partir de estratégias afetivo-sociais fora do real da violência, apresentado a ele, muito precocemente.

Interlocutores entre a Psicanálise e a Medicina no tratamento de dores crônicas

Inajá Almeida Quelhas de Oliveira; Leandro do Vale Pereira Almeida; Márcia Regina Lima Costa

Palavras-chave: *Psicanálise, Dor Crônica, Tratamento, Clínica da Dor, Sofrimento psíquico*

O estudo aborda o problema atual: o cuidado em saúde a pacientes com dores crônicas. Recentemente, a própria definição de dor foi repensada e reformulada pelas instituições de referência para o Estudo da Dor (Associação Internacional para o Estudo da Dor e, no Brasil, Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor). Esta investigação parte dos pressupostos que a dor pode ter uma função na estruturação e dinâmica psíquica dos sujeitos, e, ainda, que o tratamento pela fala pode incidir nas formas de manifestação do sofrimento psíquico no corpo. Trata-se de uma pesquisa-intervenção, caracterizada por coletar dados ao mesmo tempo em que se dá a própria ação com os sujeitos do estudo. A partir de uma triagem inicial com o preenchimento de um formulário, são analisados alguns critérios para participação do sujeito na pesquisa. Os pacientes vinculados via SUS, podem ser atendidos

ambulatorialmente nas instituições onde o projeto acontece ou virtualmente, com o suporte da Psicanálise. Realizados por profissionais e acadêmicos de Psicologia e Medicina das universidades UFRJ e Unigranrio Afya – campus Barra visa contribuir para os estudos sobre a clínica da dor que se insere na concepção de clínica ampliada, da saúde coletiva e do trabalho transdisciplinar. Considerando a definição dada à dor pela IASP (Associação Internacional para o Estudo da Dor) acredita-se que a proposta de tratamento combinados, medicamentosos e não-medicamentosos, encontra-se a psicoterapia. As síndromes de dor crônica têm a dor como o sintoma principal caracterizados por um conjunto de sinais que comumente não respondem ao modelo médico de localização de causas orgânicas classificadas de acordo com a região acometida. A superposição entre as diversas síndromes é comum - LER e fibromialgia; fibromialgia e síndrome de fadiga crônica; pacientes de sensibilidade química múltipla e síndrome de fadiga crônica. Ao tratamento psíquico, geralmente, são relacionadas à somatização ou à conversão histérica, podendo ser acompanhadas da presença de transtornos de ansiedade e depressão. Na medicina, o paciente busca o diagnóstico e a medicação possível, como alívio para suas dores, fazendo reconhecer pelo Outro¹ aquilo que sentem. Até o momento o perfil dos pacientes atendidos a totalidade são mulheres, com queixa de dor crônica diagnosticado com fibromialgia, baixo índice de pacientes com queixa de dor sem fibromialgia e em sua maioria apresentando um contexto de vulnerabilidade social. A atual pesquisa pretende viabilizar a interlocução de saberes no campo do tratamento a pacientes com dores crônicas; incentivar o envolvimento de alunos de graduação de Psicologia e Medicina na pesquisa clínica psicanalítica, e dar continuidade aos trabalhos de pesquisa sobre as manifestações corporais do sofrimento.

Cuidados paliativos e psicanálise: o im-possível no cuidar

Luíza Micheline Vilanova; LUCIANE DE CONTI; Gabriela Carpena Kleine

Palavras-chave: *Cuidados Paliativos, Psicanálise, Política Pública de Saúde*

Os Cuidados Paliativos (CP) são uma abordagem em saúde voltada ao cuidado de pessoas que estão convivendo com uma doença que ameaça ou limita a continuidade da vida. Diante de um cenário de práticas de saúde que tendem a não dar lugar à morte, essa abordagem realiza uma virada do mapa da cura para o cuidado, a partir da proposta de que o cuidado é possível mesmo quando a cura não é uma possibilidade. Assim, os CP buscam propor outras alternativas para o cuidado em saúde. Desde 2024, os CP configuram-se enquanto uma política pública de saúde no Brasil, a Política Nacional de Cuidados Paliativos (PNCP). Este trabalho é um estudo teórico-clínico que parte de experiências clínicas em Cuidados Paliativos no contexto hospitalar dentro do Sistema Único de Saúde (SUS) de uma das autoras e de discussões realizadas no Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias (NEPIS/UFRGS). Objetiva-se investigar as possíveis contribuições teórico-clínicas da psicanálise para as condições de cuidado no contexto da política pública de Cuidados Paliativos. Sob o método da pesquisa em psicanálise, utilizamos a leitura dirigida pela escuta e a instrumentalização da transferência como dispositivos metodológicos. No levantamento de dados, delinearam-se os princípios da abordagem paliativa, os quais embasam a PNCP, e realizou-se uma revisão narrativa da literatura sobre as articulações entre CP e psicanálise. Além disso, recorreu-se a formulações de autores contemporâneos que realizam análises críticas sobre as incidências do poder na organização da vida e da morte. Os resultados indicam que os CP são uma questão de direitos humanos na medida em que defendem e ampliam o cuidado do sofrimento de pacientes e familiares. Contudo, ainda que as possibilidades de cuidado possam ser alargadas, a impossibilidade não pode ser subtraída, pois os ensinamentos de Freud e Lacan apontam que o impossível é condição da vida humana. Nesse sentido, percebe-se que, através dos ideais paliativista de qualidade de vida, alívio do sofrimento e aceitação da morte como um processo natural, podem ocorrer tentativas ilusórias de excluir completamente o sofrimento. Analisamos que o estabelecimento de normas associadas a ideais de cuidado ou do morrer podem ser buscas de tamponamento do Real. Todavia, o Real não é passível de ser recoberto, visto que marca a contingência da experiência. Destaca-se que há o risco de que tais ideais comprometam a escuta da dimensão singular de cada caso. O adoecimento e a morte podem lançar, de forma singular, cada sujeito em um território onde a linguagem não consegue contornar por completo a experiência do sofrimento. Há um limite que escancara algo da ordem do impossível, uma dimensão inalcançável pelo saber. Entendemos que considerar a singularidade e a irredutibilidade do Real é o que contém a potência de um cuidado que possa realizar transformações políticas, sociais e subjetivas. Conclui-se que a psicanálise pode trazer contribuições à PNCP através da inclusão da dimensão do impossível no campo do cuidado, ao transmitir o registro do Real enquanto furo no saber, de forma a convocá-lo como operador de trabalho no um a um.

Entre o corpo biológico e o corpo simbólico: a falha do binário no caso de uma adolescente com Síndrome de Turner

Esther Maria Dias Kfuri; Ana Paula Menezes de Souza

Palavras-chave: *Diferença Sexual, Corpo Simbólico, Adolescência*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 13 - O Corpo Ferido: Clínica, Trauma e (Des)identificação — por Esther Maria Dias Kfuri

■ Assistir: [Português](#)

A partir do encontro com um caso clínico em um ambulatório voltado ao atendimento de adolescentes, pretende-se discutir neste trabalho as ressonâncias que esse acompanhamento proporciona para pensarmos, no campo da psicanálise lacaniana em interface com a política, no hiato intransponível aos seres falantes entre a tentativa de se ter um corpo - conforme construído por Lacan no seminário 23 - e a estranheza que inevitavelmente acompanha essa experiência. O caso em questão, de uma adolescente com síndrome de Turner, escancara como a distância entre o corpo biológico e o corpo simbólico é sempre existente. Ao contrário do que discursos conservadores e pretensamente naturalizantes tentam produzir, há sempre um esforço nada natural dos sujeitos para se pensarem enquanto uma unidade corporal minimamente estável. Nessas tentativas, são os semblantes que se fazem presentes, orientando nomeações que tentam dar contorno às experiências subjetivas: ser mulher, ser homem, ser adolescente, não ser nada disso. Na Síndrome de Turner, há uma ausência parcial ou total dos cromossomos X, de modo que a definição biológica de sexo imposta usualmente pela ciência se coloca em xeque (isto é, aquela que classifica as mulheres como XX e os homens como XY). Na presença de apenas um X, a indeterminação que acompanha sempre a divisão sexual fica escancarada frente ao discurso biomédico. E, então, o que passa a sustentar ser homem ou ser mulher? Neste trabalho, fazemos essa discussão tendo a vinheta clínica como força-motriz que impulsiona o trabalho com a ética psicanalítica em contraposição aos discursos normatizantes de gênero e sexo. Diante da pergunta que trazemos, apostamos que as respostas possíveis se constroem a cada caso, mas que pode haver, enquanto ética mais ampla que nos orienta pela psicanálise, o esforço coletivo de mantê-la em aberto.

Psicanálise e decolonialidade: implicações clínicas

Matheus Faria Ferreira; George Miguel Thisoteine; Andre Luiz Gellis

Palavras-chave: *Decolonialidade, psicanálise, clínica, decolonial*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 11 - Epistemologias da Clínica: Da Decolonialidade à Invenção — por Matheus Faria Ferreira

■ Assistir: [Português](#)

O avanço dos estudos decoloniais, em seu movimento de crítica ao colonialismo como produto da modernidade, gera impasses e potencialidades para a prática psicanalítica. A viabilidade dos modelos psicanalíticos eurocentrados diante de populações originárias é tensionada, revelando lacunas da teoria que constituem, simultaneamente, limites de atuação e possibilidades de expansão epistemológica. Diante dessas questões, empregou-se uma revisão bibliográfica sistemática de artigos científicos sobre a relação entre psicanálise e decolonialidade como tema, seguida de uma análise de conteúdo do material coletado que a partir da leitura dos artigos, permitiu o agrupamento das passagens e a construção de três categorias emergentes mutuamente excludentes: 1. Os limites de uma posição conservadora na psicanálise; 2. Os impasses epistêmicos diante da alteridade; e 3. As alternativas ético-decoloniais para a prática psicanalítica; das quais destaca-se a última para o recorte do presente trabalho. Os resultados encontrados permitiram identificar ideias valiosas para construção de uma posição de atuação da psicanálise alinhada a valores e questões decoloniais. A ideia de ‘analista cidadão’ proposta por Éric Laurent se destaca pelo compromisso ético-político da figura do analista em promover a transformação social através de ‘convergências entre o discurso analítico e uma política democrática inclusiva’. Para isso, é necessário que o analista seja capaz de oferecer uma ‘escuta situada’, ou seja, que este analista seja capaz de reconhecer os atravessamentos de gênero, raça, classe e outros que constituem o lugar do qual ele oferece sua escuta. Não obstante, uma das contribuições centrais encontradas remete a Frantz Fanon ao firmar a necessidade

de acrescentar ao trabalho diagnóstico uma sociogênese do sofrimento psíquico, na qualidade de condição ética e técnica diante da insuficiência dos modelos psicanalíticos em lidar com a colonialidade e o sofrimento imputado a corpos racializados. Estratégias epistemológicas também são levantadas em vista de novas formas de construção de saberes emancipadores. A proposta de uma ‘desobediência epistemológica’ postula a necessidade de um constante questionamento do lugar de Mestre e do discurso proveniente desse lugar e uma constante interlocução da psicanálise com outros campos do saber. Sobre o primeiro aspecto, valorizar o saber produzido nas margens através de uma ‘epistemologia do posicionamento’ é uma ferramenta útil para ‘reinventar o Mestre’. Nesse sentido, o contato da psicanálise com povos originários e suas concepções de fenômenos como os sonhos, por exemplo, não deve constituir uma impossibilidade, mas sim uma potencialidade de expansão da teoria. Sobre o segundo aspecto, é enfatizada a necessidade de um tensionamento da teoria psicanalítica através das críticas tecidas por outras áreas do saber leve a composição de uma psicanálise ‘hibridada’ e sensível politicamente. A importância desses resultados consiste em situar, dentro de um debate tardio e contemporâneo, as tendências e possibilidades de avanço que vêm sendo construídas. A problemática é urgente e incontornável, sendo uma responsabilidade ética do psicanalista manter-se à altura dos desafios de seu tempo. É imprescindível que a transformação atinja o tronco psicanalítico, não se restringindo a ramos específicos.

Eixo 2 — Corpo Estético e Tecnológico

No eixo Corpo Estético e Tecnológico, são discutidas as influências dos padrões estéticos globais e locais na subjetividade, a presença do corpo digital nas redes sociais e no metaverso, e as transformações das corporeidades na arte, na mídia e na cibercultura. Reúnem-se aqui trabalhos que incluem oficinas que utilizem avatares digitais para ressignificar identidades corporais de jovens em situação de vulnerabilidade, projetos artísticos comunitários que explorem a relação entre corpo e estética em contextos periféricos, ou ainda programas educativos que problematizem o impacto dos padrões de beleza veiculados pela mídia.

A engrenagem da servidão': a alternativa ciborgue e o (in)consciente colonialista

João Peçanha; Iago Santos Pires de Sousa Ghazi

Palavras-chave: Subalternidade, periferia, sujeito, ciborgue

Este artigo investiga as dinâmicas coloniais e os estereótipos subalternizantes que ainda estão presentes na sociedade contemporânea, tomando como ponto de partida a análise da personagem Rosie, a robô-doméstica da série "Os Jetsons". Por mais que esteja inserida em um contexto de ficção científica e um aparente avanço tecnológico, sua figura carrega diversas marcas profundas que evidenciam um imaginário social ainda pautado por hierarquias coloniais, de gênero e etnia. A pesquisa parte das teorias pós-coloniais e psicanalíticas para compreender como os discursos modernos não apenas essencializam e dessubjetivam o Outro, mas também perpetuam uma violência simbólica que sustenta relações de poder desiguais. Utilizando autores como Spivak, Freud e Haraway, argumenta-se que Rosie representa um arquétipo subalterno moldado por um inconsciente colonialista que reforça a naturalização da opressão. Sua posição na família Jetson remete à histórica subordinação de mulheres, negros e periféricos, evidenciando a continuidade das dinâmicas coloniais em produções midiáticas.

Essa configuração evidencia a persistência de uma lógica colonial que naturaliza - direta e indiretamente - a presença de sujeitos subalternizados em posições de servidão. A personagem, embora robótica, apresenta traços humanizados que remetem historicamente à figura estereotipada da empregada doméstica. Ao situar Rosie nesse lugar, a série atualiza e projeta no futuro uma estrutura social que ecoa as desigualdades herdadas pela colonialidade. Algo que se relaciona diretamente à ideia da "alternativa ciborgue" - mais bem discorrida ao longo do texto, onde a personagem apresenta uma composição semelhante a uma figura híbrida entre humano e máquina, enraizada no inconsciente do sujeito da massa, alienado e refém das imposições culturais indiretas manifestadas em nossa sociedade e muito bem evidenciadas na perspectiva construída nos trejeitos, personalidade e aparência da empregada-robô. Ao analisar Rosie como uma construção simbólica que condensa tensões históricas e políticas ainda vigentes, é evidenciado como produtos culturais que aparentemente seriam "inofensivos" - por talvez não manifestar uma violência direta - continuam a reproduzir lógicas de exclusão, submissão e dominação. Por fim, propõe-se que a figura de Rosie também carrega a possibilidade de rupturas e ressignificações, apontando para modernidades alternativas e formas de resistência que transcendem fronteiras e questionam o status quo.

Ciborgues agonizantes: o limite da influência da cibernética em ciências humanas

Nelson Job

Palavras-chave: Cibernética, ciências humanas, estruturalismo, Tecnologia da Informação

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 03 - Máquinas, Cibernética e IA: Críticas da Representação e da Técnica — por Nelson Job

■ Assistir: [Português](#) | [Espanhol](#)

Com a emergência de um mundo cada vez mais atravessado pela Tecnologia da Informação (TI), passando pelas redes sociais, games, streamings e a onipresença do algoritmo em vários aspectos da vida, norteando desde

crédito bancário até diagnósticos, e sobretudo, exercendo guerras híbridas e cognitivas, urge rever a bibliografia das ciências humanas, incluindo a psicanálise, intensamente influenciada pela então cibernética e seus desdobramentos. Para tanto, o primeiro passo é apreender, de um lado, a influência da obra do antropólogo e semiólogo inglês Gregory Bateson. Ele foi o principal arquiteto da relação entre cibernética e ciências humanas, constituindo sua antropologia e sua clínica, incluindo seu famoso conceito de "duplo vínculo". Bateson trabalhou para o governo norte-americano durante a Segunda Guerra, entre outras façanhas, realizando o que hoje poderíamos chamar de "fake news" no Japão em prol dos Aliados. Ele assinaria um documento reforçando a necessidade de os Estados Unidos manterem seus serviços de espionagem mesmo no pós-guerra, o que contribuiu para a criação da Central Intelligence Agency. Bateson, na década de 1950, já falava sobre a importância de associar seu conceito de cismogênese - resultante de sua etnografia que mostrou como o povo iatmul, na Nova Guiné - com a cibernética em prol de ações políticas: "o antropólogo distingue duas formas de cismogênese, a complementar, em que grupos mantêm comportamentos antagônicos em relação aos outros indivíduos, e a simétrica, em que ambos os grupos possuem os mesmos comportamentos, mas se distinguem politicamente". Tal proposta foi largamente utilizada nas chamadas guerras híbridas, "um tipo de conflito que evita o uso de armas, utilizando diplomatas, agentes infiltrados, robôs que manipulam os algoritmos de redes sociais e mídias digitais em geral, com o objetivo de direcionar a opinião pública, dividindo um país, estimulando a emergência de bolhas que se constituem por cismogênese". A cibernética também influenciou o estruturalismo, seja pela apropriação do próprio Roman Jakobson, que já havia elaborado sua teoria estruturalista da linguagem antes do advento da cibernética, mas foi entusiasta da sua relação, abrindo o caminho para Lévi-Strauss o utilizar largamente. Por sua vez, o clínico Félix Guattari propôs substituir o conceito de "estrutura" por "máquina", obviamente muito entusiasmado com a cibernética, o que mais tarde culminou na esquizoanálise e sua proposta de "inconsciente maquínico", em sua obra conjunta com o filósofo Gilles Deleuze, "O anti-Édipo". Mais tarde, o conceito de "rizoma", também proposto por Deleuze e Guattari, agora em "Mil platôs", também foi inspirado pela cibernética. Agora, visto o problema que a cibernética e sua faceta atual, a TI, trazem para a contemporaneidade, é o momento de rever criticamente a influência da cibernética nas ciências humanas e apontar para linhas de fuga que constituam um corpo que possa se agenciar com a máquina, mas de modo mais crítico e saudável.

Corpo motriz e experiência estética: elaborações de resistência ao neoliberalismo

Mariana Bergo Damaso Silva

Palavras-chave: Corporeidade, dança-teatro, estética, teoria crítica, psicanálise, educação

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 12 - Coreografias do Inconsciente: A Dança como Práxis Clínica e Teórica — por Mariana Bergo Damaso Silva

■ Assistir: Português

Este trabalho, resultado de uma pesquisa de doutoramento, propõe uma reflexão crítica sobre o corpo enquanto centro da experiência formativa, articulando contribuições da dança-teatro de Pina Bausch, com as elaborações da teoria crítica de Theodor Adorno e da psicanálise lacaniana. A partir da concepção do corpo como mediação entre o sujeito e o mundo, compreende-se a corporeidade como local de articulação de tensões históricas e sociais que recaem sobre a subjetividade. O movimento corporal, longe de ser apenas funcional, é apresentado como componente da linguagem e como meio de manifestação de desejos, afetos e, possivelmente, de resistências. Nessa perspectiva, o gesto, a postura e o ritmo são compreendidos como expressões estéticas de modos de produção de sentido e de subjetivação sendo, portanto, objetos de práticas de dominação. Ao problematizar a centralidade do corpo nos processos tanto de formação quanto de dominação social, o presente trabalho investiga como as práticas disciplinares, historicamente moldam o corpo à imagem da máquina, impondo normatizações que visam a eficiência produtiva. A crítica à racionalidade contemporânea evidencia como a ideologia atua sobre o corpo, convertendo a identidade corporal em objeto de consumo e naturalizando a submissão do sujeito a tal lógica. Como modelo de análise, a dança-teatro de Pina Bausch é investigada como representante de um processo de ruptura com o paradigma racionalista, rompendo a noção de corpo como extensão da razão e o destacando como potência expressiva autônoma, capaz de apresentar o indizível e de provocar o estranhamento necessário à reflexão crítica. A arte com enfoque corporal, nesse sentido, não se limita à comunicação, mas à expressão de uma alteridade que escapa à racionalidade instrumental e revela o não-idêntico silenciado pela lógica do capital. Com base no

referencial teórico mobilizado no trabalho, a contemporaneidade é caracterizada pelo apelo neoliberal de estruturação social e o corpo é compreendido como simultaneamente biológico, simbólico e pulsional, resultado da inscrição do sujeito no mundo. A experiência estética, ao recuperar a dimensão sensível do sujeito e a potencialidade expressiva do corpo, abre espaço para a contestação da semiformação e da massificação subjetiva. A forma artística apresentada pela dança-teatro, ao articular unidade e multiplicidade, promove a emergência do outro e permite ao sujeito reencontrar-se com sua dimensão singular. Dessa forma, o corpo em movimento torna-se operador crítico da cultura, revelando-se como lugar de luta simbólica e de reconstrução do humano frente à objetificação promovida pelas estruturas de dominação contemporâneas.

Adolescência e o corpo em tela: subjetivação em tempos de hiperconectividade

Ingrid Ayana De Oliveira Teco

Palavras-chave: *Adolescência, Hiperconectividade, Subjetivação, Olhar do outro, Virtualização das relações*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 02 - O Espetáculo do Eu: Laço Social e Subjetividade nas Redes Digitais — por Ingrid Ayana De Oliveira Teco

■ Assistir: [Português](#) | [Espanhol](#)

Este trabalho analisa os modos de subjetivação durante a adolescência atravessada pelo excesso de hiperconectividade, configurada como um tipo de laço virtualizado marcado pela disseminação de imagens do próprio adolescente em redes sociais. A pesquisa de iniciação científica examina documentos oficiais, institucionais e midiáticos produzidos nos últimos cinco anos, buscando compreender como os discursos atuais constroem sentidos sobre o modo de ser adolescente, de se vincular e criar conexões afetivas em tempos digitais. Nosso estudo questiona os efeitos subjetivos e simbólicos da virtualização das relações e da substituição do outro encarnado por um outro-virtual, impondo um novo regime de temporalidade. O adolescente é, por excelência, aquele que se constrói entre faltas. O corpo muda, o nome não basta, e a presença do outro torna-se condição para que algo de si se organize no campo simbólico. É nesse momento da vida que a pergunta “quem sou eu para o outro?” ganha contornos urgentes, e o olhar do outro se torna vital. No entanto, na contemporaneidade marcada pela hiperconectividade, esse outro que responde, que limita, mostra-se cada vez mais dissolvido em telas, algoritmos e avatares. Ao observarmos os modos de laço entre adolescentes e seus pares nas redes sociais, vemos surgir uma nova topologia do desejo: um desejo de ser visto, curtido, reconhecido — mas sem angústia, sem demora, sem falta. A escuta cede lugar à performance; o afeto, ao algoritmo. A validação torna-se moeda, e o gozo se desloca para o terreno da repetição imagética, em que corpos se tornam perfis e as diferenças são silenciadas por filtros. O que se oferece como comunicação é, muitas vezes, apenas um eco superficial, marcado pela circularidade narcísica e pela fragilidade dos vínculos. Assim, o adolescente encontra-se diante de um novo impasse: como se constituir quando o outro é uma interface? Como elaborar a dor, a diferença e o desejo em um espaço que exige respostas rápidas e identidades fixas? A alteridade, que antes convocava à simbolização, hoje aparece como ameaça à lógica do igual. A escuta do mal-estar é substituída por métricas de engajamento. A linguagem perde sua polissemia, e o corpo se vê capturado por um ideal imagético inatingível. Esse cenário convoca a Psicanálise a repensar os contornos do laço virtualizado, do sintoma e do modo de subjetivação na contemporaneidade. O adolescente em tela é também o sujeito em queda, que busca no like um resto de olhar, que deseja na notificação um sinal de existência. A questão que se impõe é: como sustentar a transmissão do desejo em uma cultura que recusa a falta e estetiza a dor? Entre telas e silêncios, este trabalho propõe escutar o que ainda pulsa.

A vulnerabilidade algorítmica: o corpo digital como arena de desejo e validação na era da Inteligência Artificial

Giselly Tiago Ribeiro Amado

Palavras-chave: *Psicanálise, Redes Sociais, Estética, Subjetividade, Discurso*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 03 - Máquinas, Cibernética e IA: Críticas da Representação e da Técnica — por Giselly Tiago Ribeiro Amado

■ Assistir: [Português](#) | [Espanhol](#)

No cenário contemporâneo das redes sociais, a ascensão dos corpos digitais e da inteligência artificial redefine profundamente a percepção de si e do outro, criando novas arenas para a performatividade da subjetividade. Este estudo propõe uma análise do perfil @sulistavaqueirapv no Instagram, que apresenta uma persona inteiramente gerada por inteligência artificial: uma jovem loira, de olhos claros, vestida com trajes típicos do interior, que aparece em vídeos com paisagens rurais e elementos da vida simples. A estratégia discursiva central da personagem é a autodeclaração de uma suposta “imperfeição” ou “falta”, lamentando publicamente não ser “produzida como as influencers” e não receber curtidas por ser “simples e da roça”. Essa estratégia discursiva levanta questões cruciais sobre a autenticidade, a performatividade da vulnerabilidade e a busca incessante por validação em um ambiente digital. A análise busca compreender a discursividade dessa provocação, que joga com a expectativa do público e com as “histórias que contamos a nós mesmos” sobre o que é belo, autêntico e digno de atenção. Do ponto de vista psicanalítico, observamos como esse “corpo” de inteligência artificial, ao se apresentar em falta (“feia e pobre”, “simples e da roça”), mobiliza o desejo do Outro (os seguidores) para preencher essa carência, mesmo que artificial, dinâmica que remete diretamente à economia do gozo e à constituição do sujeito do desejo. O objetivo deste estudo é analisar como o discurso de “vulnerabilidade” - a autodeclaração de “simplicidade” e “imperfeição” - em um corpo digital gerado por inteligência artificial opera como uma estratégia de engajamento, e quais as implicações psicanalíticas dessa performatividade para a construção da subjetividade e do desejo na contemporaneidade. Buscamos compreender como a linguagem é utilizada para construir essa “vulnerabilidade corajosa” artificial e como ela ressoa com as dinâmicas dos usuários. A metodologia empregada é a análise discursiva do conteúdo do perfil @sulistavaqueirapv, incluindo legendas, comentários dos usuários e elementos visuais, sob uma perspectiva psicanalítica. Exploramos conceitos como o narcisismo digital, o olhar do Outro (o público), a busca por reconhecimento, a idealização do eu e a economia do desejo no contexto das redes sociais. Consideramos que a “vulnerabilidade” expressa pelo perfil de inteligência artificial não se revela como uma fraqueza, mas como uma tática calculada que explora a empatia e o desejo de validação do público. O corpo digital, mesmo sendo uma construção, torna-se um “território de desejo” e projeção para os usuários, que se engajam em uma tentativa de “salvar” ou “validar” a imagem. A análise revela como a busca por curtidas e comentários contrários à autodepreciação da inteligência artificial reflete a necessidade humana de conexão e de reafirmação de padrões estéticos, mesmo quando confrontados com o artificial. Este trabalho contribui significativamente para a compreensão das novas formas de subjetividade e corporeidade na era digital, especialmente na interseção entre tecnologia, estética e psicanálise. Ao analisar um fenômeno contemporâneo, buscamos oferecer uma lente crítica sobre os padrões estéticos heteronormativos, que são perpetuados e até mesmo reforçados por essas construções digitais, mesmo quando simulam a marginalização para fins de engajamento.

O corpo digital e a espera da alma: psicanálise e poesia a partir de Verena Kast

Alessandra Baptista Gonçalves Cunha; Mirian Caroline De Carvalho; ANA PAULA MAZARIOLLI AFFONSO

Palavras-chave: *Corpo digital, Psicanálise, Estética, Poesia, Verena Kast*

Problema e relevância, neste resumo, nosso objetivo é pensar sobre as mudanças no corpo dentro do cenário estético e tecnológico atual, usando como base os trabalhos de Verena Kast e os princípios da psicanálise. A autora lembra que “a alma precisa de tempo” (KAST, 2011, p. 15) para absorver vivências e sentimentos, ressaltando a importância das pausas internas como condição para que a subjetividade possa elaborar experiências e dar sentido às emoções. Em contrapartida, o corpo digital é marcado pela lógica da rapidez dos algoritmos, pela atualização constante, pelo consumo imediato e pela uniformização da imagem. Esse contraste revela o choque entre o corpo simbólico, que busca expressão, morada e singularidade, e o corpo virtual, sempre fragmentado, artificial e exposto como espetáculo. Objetivo, em psicanálise, Freud (2011) diz que o corpo é a referência do ser: “o ser é, acima de tudo, um ser corporal” (Freud, 2011, p. 40). Essa perspectiva se aproxima das ideias de Kast, já que ambas mostram a importância de um tempo pessoal e de um espaço simbólico que permita que a vivência do corpo tenha sentido. A metodologia baseou-se na análise interpretativa das obras de Freud e Verena Kast, o corpo, quando vira só um show e uma vitrine, perde sua função de refúgio, abrigo, tornando-se apenas um objeto de visibilidade e consumo, submetido às pressões da estética digital e do olhar alheio. A escrita poética, pode ser assim, uma forma de resistir e processar. Ao dizer: escrevo para que meu corpo não seja só vitrine, mas lar, sugerimos que a poesia possa funcionar como um momento criativo capaz de devolver ao corpo sua força simbólica e sua individualidade. O gesto da escrita poética se parece com o papel da psicanálise de dar forma ao que não se pode dizer, permitindo que

a pessoa resista à padronização estética imposta pelo mundo digital. Os resultados apontam que, a tensão entre corpo, psique e tecnologia é, portanto, atravessada por uma disputa entre aceleração e pausa, exposição e interioridade, uniformização e singularidade. O corpo digital, padronizado por filtros e algoritmos, tende a se distanciar de sua dimensão simbólica, reduzindo-se a mercadoria estética. Entretanto, tanto a psicanálise quanto a poesia oferecem caminhos de resistência. A conexão entre ambos revela que o corpo pode ser resgatado como espaço de memória, criação e elaboração subjetiva. Considerações finais, conclui-se, então, que a colaboração de Verena Kast, junto com a psicanálise de Freud, compreende o corpo como um lugar de lembrança, criação e resistência. A escrita poética, nesse contexto, não é só um enfeite, mas um jeito de lidar com as tensões entre corpo, psique e tecnologia, dando à pessoa a chance de se sentir em casa em meio à pressa e às cobranças da cultura digital.

Representatividade midiática e constituição psíquica: um olhar psicanalítico sobre a autoestima da população LGBTQIAPN+

Yago Felipe Dias; ERICO BRUNO VIANA CAMPOS

Palavras-chave: *Psicanálise, Mídias, Representatividade, Autoestima, LGBTQIAPN+*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 02 - O Espetáculo do Eu: Laço Social e Subjetividade nas Redes Digitais — por Yago Felipe Dias

■ Assistir: [Português](#) | [Espanhol](#)

Introdução: Na pós-modernidade, marcada pelo avanço tecnológico e pela ubiquidade das mídias, a construção da identidade é fortemente influenciada pelo que é veiculado nos espaços midiáticos. No contexto neoliberal, certos corpos são privilegiados, enquanto subjetividades LGBTQIAPN+ frequentemente são marginalizadas. Este estudo visa analisar como a representatividade na mídia impacta a autoestima e o reconhecimento identitário desses grupos minoritários. Metodologia: Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, organizada em dois eixos: levantamento de artigos científicos sobre LGBTQIAPN+ na mídia (27 artigos selecionados de 260 encontrados) e fundamentação teórica em Psicanálise, Teoria Crítica e Teoria da Comunicação (29 obras analisadas). Resultados: A mídia atua como um “Outro” simbólico, moldando hábitos, modos de vida e padrões de reconhecimento. A ausência ou distorção de representações LGBTQIAPN+ reforça estereótipos e invisibiliza identidades dissidentes, dificultando o processo de identificação entre pares e gerando descompasso entre o Ideal de Eu e o Eu percebido. Isso contribui para baixa autoestima e sensação de exclusão social. Discussão: A subjetividade contemporânea é atravessada por referências externas, especialmente midiáticas, que têm poder de legitimar ou marginalizar identidades. A representatividade é, portanto, essencial para o fortalecimento da autoestima e do reconhecimento social. A exclusão midiática dessas populações reproduz mecanismos de controle social e simboliza negação de cidadania e humanidade, refletindo dinâmicas de poder hegemônicas descritas por Foucault. Conclusão: A presença de representações diversas na mídia é crucial para a valorização das identidades LGBTQIAPN+. A democratização desses espaços deve ser encarada como um compromisso ético e político, promovendo inclusão, diversidade e equidade, fortalecendo a autoestima e garantindo visibilidade e reconhecimento social para grupos historicamente marginalizados.

Construção publicitária do corpo menstrual: discursos, normatividades e exclusões

Maria Eduarda Pelegrini Pinas; Vivian Rafaella Prestes; Alexandre Luis Ponce Martins

Palavras-chave: *Corpo, gênero, menstruação, publicidade, subjetividade*

Este trabalho propõe uma análise crítica das representações da menstruação em propagandas televisivas de absorventes veiculadas no Brasil entre as décadas de 1980 e 2010, com foco nas implicações estéticas, simbólicas e subjetivas desses discursos. A escolha desse recorte temporal justifica-se pela consolidação da televisão como principal meio de comunicação de massa e pela relevância que a publicidade adquiriu nesse período na construção de imaginários sociais. As peças publicitárias selecionadas, produzidas por marcas como Modess®, Sempre Livre®, Ela®, Carefree® e Naturella®, permitem observar continuidades e transformações nos modos como a mídia tratou a experiência menstrual, em um intervalo anterior à ascensão das redes sociais digitais como arena central de circulação simbólica. As propagandas analisadas revelam estratégias recorrentes que articulam tecnologia, estética e

pedagogia, convertendo o corpo menstruante em objeto de gestão, vigilância e consumo. A ausência sistemática de palavras como “menstruação” e “sangue”, substituídas por eufemismos (“naqueles dias”) ou pela metáfora visual do líquido azul, evidencia um esforço de higienização simbólica. Ao transformar o vermelho em azul, a publicidade neutraliza a experiência corporal real, afastando-a de sua dimensão biológica e emocional e ressignificando-a como um problema técnico a ser controlado. Essa operação cromática não é apenas estética: funciona como dispositivo ideológico que regula a visibilidade do corpo, reforçando padrões de feminilidade baseados na limpeza, na secura e no frescor. Os anúncios analisados também reforçam padrões normativos: apresentam exclusivamente mulheres cis, brancas e magras, reforçando um ideal homogêneo de feminilidade. A invisibilidade de homens trans e pessoas não binárias que menstruam revela o caráter cisnormativo dessas representações, contribuindo para a marginalização de identidades que escapam ao modelo hegemônico. Ao mesmo tempo, slogans que destacam frescor, limpeza e neutralização de odores constroem um imaginário no qual o corpo menstruante é potencialmente inadequado, devendo ser constantemente corrigido, silenciado e controlado. Inserido no eixo “Corpo Estético e Tecnológico”, este trabalho evidencia como a publicidade de absorventes opera na fronteira entre corpo, estética e tecnologia, ao mesmo tempo em que molda subjetividades. O corpo aparece não como potência vital, mas como superfície a ser higienizada e normalizada, submetida a dispositivos de consumo que prometem segurança e invisibilidade. A estética publicitária, com roupas claras, cenários bucólicos, atrizes sorridentes em vestidos brancos, contribui para a construção de uma corporeidade idealizada, distante da experiência concreta da menstruação. A análise demonstra como o corpo menstrual, ao ser representado pela mídia televisiva, é simultaneamente estetizado e higienizado. Essa construção simbólica repercute diretamente na subjetividade das pessoas menstruantes, promovendo sentimentos de inadequação, vigilância e constrangimento. Essas campanhas ensinaram como “deveria ser” a experiência menstrual: limpa, invisível, silenciosa. Pergunta-se, ao final: a segurança prometida pela publicidade protege contra vazamentos ou contra a própria visibilidade do corpo? Em que medida a insistência em tornar azul o que é vermelho revela uma tentativa de controlar não apenas o sangue, mas os sentidos e as narrativas possíveis sobre o corpo que menstrua?

Masculinidade e sadismo na nova pornografia: da estrutura à mercadoria

Gabriel de Sousa Pereira; Tiago Neves

Palavras-chave: Pornografia, Masculinidade, Sadismo, Internet

A presente pesquisa é de caráter bibliográfico e tem por objetivo discutir sobre a masculinidade e o sadismo no escopo das produções da indústria pornográfica contemporânea. É exposto um breve panorama sobre o conceito de sadismo na teoria psicanalítica freudiana, no que versa sobre a pulsão por dominação e humilhação. A partir disso, desenvolve-se uma discussão amparada na literatura sobre as produções audiovisuais pornográficas, que figuram atualmente na internet, sintetizada por alguns autores na denominação de “Nova pornografia” (a saber, uma produção que visa a um consumo em massa de fácil acesso, fator inédito na história deste tipo de conteúdo). Nesse sentido, a metodologia adotada foi a de uma revisão narrativa da literatura abarcando as produções dos últimos 5 anos, em português e espanhol, nas seguintes bases de dados: Scielo (várias bases); CAPES Periódicos (várias bases); Biblioteca Virtual em Saúde (Index-Psicologia e LILACS). Essa metodologia se justifica pela pouca uniformidade da literatura que versa sobre os efeitos subjetivos da pornografia contemporânea, fator que impede pesquisas mais específicas e, portanto, integrativas e sistemáticas. Priorizou-se a seleção de trabalhos de cunho empírico, de acesso gratuito e revisado por pares, adotando-se por critérios de exclusão: trabalhos de revisão; trabalhos de comentadores ou de cunho editorial; e trabalhos que tratam de temáticas criminais específicas (pornografia infantil e pornografia de vingança, por exemplo). Finda-se com uma elaboração desses dados por meio da intersecção entre a “Super-indústria do Imaginário” (conceito criado por Eugênio Bucci) e a “Indústria Farmacopornográfica”, discutida por Paul Preciado, assim como as implicações desse cenário para as formas de subjetivação que cercam as produções dessa “Nova pornografia” e as formas de consumo e navegação na internet.

A agressividade digital: considerações sobre o narcisismo

Guilherme de Lima Ferreira Lucena; Tiago Neves

Palavras-chave: Digitalidade, Identidade, Internet

Diante das alterações causadas pelas mediações algorítmicas, a antropóloga Letícia Cesarino, em um estudo de comunidades digitais, observa a presença de um engajamento a qual ela intitula amigo versus inimigo, cuja perspectiva de aniquilação do outro é a exata medida de coesividade dos grupos digitais. Tal fato não se dá apenas por uma perspectiva técnica, mas também por alterações na esfera material de reprodução da vida: Marx, desde os *Grundrisse*, afirmava que o movimento do capital pode sumarizar-se na anulação do espaço pelo tempo de produção. Além disso, Theodor Adorno, tal como Vladimir Safatle, apontam para a cisão constitutiva, nas sociedades ocidentais, causada pela divisão social do trabalho, influenciando em medidas disciplinares de ordenamento do corpo e do tempo. Questiona-se, então, à luz de autores como Donald Winnicott e Jacques Lacan, como o ambiente de subjetivação digital, cuja organização se dá pela aceleração do tempo de troca, está influenciando no narcisismo e no ordenamento corporal direcionado às redes. Com esta pesquisa, objetiva-se compreender os modos de atualização da constituição psíquica nas mediações algorítmicas. Para tanto, fez-se uso da análise bibliográfica de autores contemporâneos da antropologia digital, de clássicos do marxismo e da psicanálise. Como resultado, observamos que o identitarismo, tal como conceituado pelo filósofo e psicanalista Douglas Barros, é o horizonte de organização subjetiva pressuposto pela arquitetura digital da economia política das redes, com os modos de produção de valor alicerçados na base técnica dos algoritmos, a qual necessita da criação de confirmações de identidade para obter engajamento na plataforma objetivando a produção de informação para venda de anúncios; por outro lado, ressaltamos a importância do conceito de agressividade, desenvolvido nos primeiros anos da produção teórica lacaniana, enquanto fator central do contato com a alteridade no mundo digital, sendo um afeto necessário à estabilização de identidade requerida pela dinâmica das redes; por fim, advogamos que o resgate do conceito de “ambiente” cunhado por Winnicott mostra-se profícuo na medida em que é associado à teoria do valor, buscando pensar o que é o tempo subjetivo de singularização nas redes a partir das exigências materiais de reprodução da vida no capitalismo contemporâneo. Enfatizamos, enfim, que o valor desta pesquisa se encontra na proposta de ampliação conceitual para o entendimento dos fenômenos digitais, recorrendo a diversas ciências e vertentes da psicanálise com o objetivo de firmar uma explicação capaz de agregar diversos dados de forma coesa; desse modo, esta pesquisa aumenta o campo conceitual da psicanálise para essa nova gama de fatos causados pelas tecnologias.

Práticas estético-performativas em contextos periféricos: tecnologias do corpo e produção de singularidades

Taís Carvalho Soares

Palavras-chave: Afeto, singularidade, performatividade, duração, educação estética

Esta pesquisa integra o Grupo Transdisciplinar de Pesquisas em Artes, Culturas e Sustentabilidade (GTRANS-UFSJ), na linha Metodologias regenerativas transdisciplinares: Corpo, tecnologias, artes e performatividade. Embora em estágio inicial, resulta de um longo processo de investigações teórico-práticas situadas na psicologia do corpo e nos estudos da subjetividade, em interface com filosofias da imanência, práticas clínicas e comunitárias, especialmente sob o viés esquizoanalítico, no diálogo com as artes do corpo e da cena, em particular a dança, explorada em contextos educacionais e periféricos. O trabalho teve início na graduação em Psicologia, articulando prática clínica e oficinas artísticas com ênfase nas artes da cena. Posteriormente, consolidou-se em uma perspectiva ético-estético-política na pesquisa de mestrado interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, ampliada no doutorado em Psicologia, onde a atuação clínico-política aprofundou os estudos da subjetividade nas práticas comunitárias de improvisação em dança. No pós-doutorado, propôs-se uma clínica do improviso por meio da metodologia cartográfico-somático-performativa, aplicada a estudantes de graduação. Ao estabelecer alianças com filosofias da imanência, sustentadas na epistemologia de Espinosa (2015), atualmente, a pesquisadora atualiza essa proposta, sugerindo a nomenclatura metodologia estético-performativa para se referir ao método em estudo. A pesquisa também dialoga com concepções de singularidade. Enquanto na física o termo remete à infinitude de quantidades e descontinuidade de geodésicas, e em Leibniz adquire um sentido matemático-filosófico relacionado ao cálculo infinitesimal, em autores como Rolnik (2021) a singularidade se conecta ao sujeito e sua orientação no espaço empírico e no diagrama de afetos. Para ela, é na tensão entre forças vitais e a presença do outro que o sujeito se define enquanto acontecimento (devir-outro). O objetivo central é pensar metodologias do corpo em encontros ético-estético-políticos capazes de produzir singularidades por meio de

práticas de improvisação em contextos comunitários. Parte-se da compreensão de que os processos de subjetivação, a criação coletiva e a transformação sensível dos espaços comuns se fortalecem em uma abordagem transdisciplinar da produção artística. Busca-se articular metodologias do corpo e propor técnicas que ampliem as possibilidades de expressão, sobretudo na interface entre psicologia e educação. Dada a natureza teórico-prática da pesquisa, articulam-se dois eixos metodológicos: a investigação teórica, no diálogo com filosofias da imanência de autores como Rolnik, Deleuze, Guattari e Bergson, mediante análise interpretativa de conceitos para produção de sentidos; e a investigação empírica, inicialmente fundamentada pelo método somático-performativo de Fernandes (2012), em composição com o método cartográfico de Deleuze e Guattari (1995) por meio de práticas coletivas de improvisação em realidades marginais. O estudo e prática do método cartográfico-somático-performativo, desenvolvidos em diferentes etapas acadêmicas da trajetória da pesquisadora, desdobram-se agora em novas investigações que, à luz dos autores imanentistas, respondem às questões sobre subjetividade, corporeidade e experiência afetiva. Até o momento atual da pesquisa é possível afirmar que a duração que se dá na experiência do espaço e do tempo é intensificada na sensibilização dos corpos. E que o conceito bergsoniano de duração em articulação com o repertório técnico corporal e a educação estética permitem uma análise viva das experiências e processos de singularização nas práticas de improvisação.

A imagem espetacularizada do corpo na era digital

gustavo César fernandes santana; João Luiz Leitão Paravidini; Anamaria Silva Neves

Palavras-chave: *Psicanálise, Corpo, Subjetividade*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 02 - O Espetáculo do Eu: Laço Social e Subjetividade nas Redes Digitais — por gustavo César fernandes santana

■ Assistir: [Português](#) | [Espanhol](#)

Neste artigo, analisamos, a partir da psicanálise lacaniana e da crítica de Guy Debord sobre a sociedade do espetáculo, como a espetacularização do corpo na era digital redefine a subjetividade contemporânea. Objetiva-se investigar de que modo a hiperexposição do corpo nas plataformas virtuais transforma-o em imagem projetada e performada, reduzindo o sujeito a um reflexo narcísico e subtraindo sua dimensão simbólica e alteritária. Adotando um método teórico-reflexivo, articulam-se conceitos cruciais como o Estádio do Espelho (Lacan), a pulsão escópica e a imagem-toda (Didi-Huberman) para sustentar uma leitura sobre os efeitos da visibilidade digital. A pesquisa demonstra que a virtualidade intensifica a lógica imaginária, na qual o corpo se converte em uma mercadoria visual, sendo submetido a um "mal-olhar" social voraz que o captura. Nesse contexto, a incessante demanda por aparecer alinha o sujeito a um "ideal unívoco" de perfeição — uma "anatomia fantasmática" que busca apaziguar a condição faltante e, paradoxalmente, gera um "narcisismo mortificante". A compulsão pela exibição e pelo like revela uma modalidade de satisfação aditiva, que entorpece o sujeito e impede a elaboração psíquica. Conclui-se que, embora essa dinâmica asfixie a vida psíquica, imobilizando o sujeito na imagem, ela também oferece uma via para a reinvenção pela aposta no irreduzível do inconsciente. O fragmento do corpo e a insistência pulsional resistem à tirania da imagem-toda, reintroduzindo a falta estrutural que a imagem busca encobrir. O estudo, ao desvelar essas manobras do desejo e do inconsciente em meio ao império das imagens, contribui para repensar os desafios da clínica psicanalítica e dos laços sociais na cultura digital.

Corpo estético e tecnológico: subjetividade, corpo, imagem e redes sociais - a construção do self a partir da virtualidade

Luis Roberto Melo; BRENDA BATISTA FREITAS; TARSIS EDUARDO DA CRUZ FERREIRA

Palavras-chave: *Psicanálise, Self, Virtualidade, Redes sociais, Corpo*

A partir da reflexão sobre o conceito de espaço potencial e sua relação com o espaço virtual, compreende-se que a internet e as redes sociais se configuram como lugares privilegiados para a construção da subjetividade. Cada sujeito que se insere na dinâmica das redes e dos algoritmos passa a estar sujeito aos efeitos desse campo, o que implica uma transformação profunda no meio pelo qual se opera a comunicação e a linguagem — e, consequentemente, nos conteúdos produzidos e compartilhados. Trata-se de uma mudança no modo como o sujeito

se apresenta e se reconhece, dado que o espaço virtual cria novas condições de possibilidade para o encontro com o Outro e para a constituição de si. Essa reflexão conduz à pergunta central sobre o papel do corpo nesse processo. Nas redes, o corpo é recortado, filtrado e adaptado para corresponder ao olhar do Outro virtual. A investigação tomou como referência a noção de estádio do espelho, de Jacques Lacan, que descreve o momento em que a criança se reconhece no espelho e constitui sua imagem corporal, e o conceito de narcisismo, formulado por Freud, que trata da forma como o sujeito investe libido em sua própria imagem. Com isso, observou-se que a constituição do corpo, antes pensada a partir do espelho físico, passa hoje pela mediação da tela do smartphone. O olhar que antes se encontrava no espelho e permitia a inscrição do corpo no psiquismo é agora atualizado pela tela do celular, que reflete não apenas a imagem de si, mas também a imagem do Outro, frequentemente apresentada na forma de eu ideal. Essa imagem é construída e reforçada pela lógica dos algoritmos, que privilegiam conteúdos que despertam desejo, identificação e engajamento. A análise dessa dinâmica levou à formulação da noção de sujeito virtual, entendido como uma modalidade de subjetividade que só pode ser plenamente compreendida em articulação com o digital. Há, portanto, uma indissociabilidade entre subjetividade, corpo e tecnologia, uma vez que o corpo é continuamente construído pela imagem que retorna da câmera e pelas respostas que ela gera — curtidas, comentários e compartilhamentos — que validam e moldam a percepção de si. Em um cenário marcado pela positividade e felicidade compulsória, o corpo se inscreve no psiquismo como objeto que deve performar satisfação, beleza e bem-estar. No TikTok®, em particular, esse fenômeno se expressa na valorização de corpos atléticos e erotizados, que dançam e encenam alegria. O corpo torna-se, assim, objeto causador do desejo, inserindo-se em um circuito de gozo narcísico sustentado pela retroalimentação constante dos algoritmos e das interações virtuais.

Corpo Artificial: A.I. Inteligência Artificial

Victória de Freitas Arruda

Palavras-chave: Cores, Subjetividade, Corpo

Este trabalho deriva de reflexões obtidas ao decorrer do processo de doutoramento da autora, não sendo essencialmente o tema da sua pesquisa. A reflexão desta análise advém do seguinte problema: Como o corpo artificial representado no filme A.I. – Inteligência Artificial, reflete as lógicas contemporâneas do consumo, exclusão, afeto e desejo? A relevância do tema encontra-se na atualidade das discussões em torno da cibercultura, inteligências artificiais e das novas configurações de subjetividade, ou seja, os modos das pessoas se percebem e se relacionam consigo e com os outros. Objetiva-se analisar como a produção fílmica antecipa discussões sobre tecnologia, afetividade e corporeidade a partir dos padrões estéticos e da subjetividade. A metodologia consiste em uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, fundamentada na análise fílmica. O procedimento analítico, assim, privilegiou a investigação das cores em diferentes espaços (floresta, Rouge City, Manhattan submersa), bem como a trajetória do personagem David e suas relações. O filme se passa em um futuro distópico de escassez ambiental, onde a reprodução humana é controlada e robôs suprem funções emocionais, afetivas e práticas. A relação entre corpos humanos e artificiais é marcada pela desigualdade, até mesmo entre os robôs. Os principais resultados indicam que a obra usa de estéticas cromáticas distintas para simbolizar processos de exclusão, desejo e mercantilização dos corpos. A floresta, marcada por tons marrons, traduz a melancolia dos corpos descartados (Farina, Perez & Bastos, 2006). Rouge City, iluminada por cores vibrantes, sugere a lógica do consumo e da hipersexualização dos corpos artificiais. Já Manhattan submersa, dominada pelo cinza, remete ao fim da civilização humana e à sobrevivência de uma memória tecnológica (Heller, 2012). Esses elementos revelam que o corpo é atravessado por dinâmicas sociais de padronização, exclusão e consumo. David é o primeiro robô-criança desenvolvido para amar incondicionalmente seus “pais” humanos. O vínculo afetivo criado com sua mãe, Mônica, desperta nele uma busca incessante por reconhecimento e pertencimento. Sua jornada é marcada pelo conto de Pinóquio: David acredita que só será amado de verdade caso se torne humano, ou seja, se percebe digno de amor apenas ao atingir o padrão humano de corporeidade e afetividade. Essa relação ecoa em nossa sociedade contemporânea, na qual muitas pessoas acreditam que só serão vistas e amadas quando atingirem determinado padrão de beleza idealizado pelas mídias e redes sociais. Outro momento importante é o encontro de David com seu criador, o professor Hobby. Este reduz David à condição de um protótipo bem-sucedido, ignorando a sua consciência e sofrimento. Essa cena nos faz questionar: O que define a humanidade? David possui sentimentos ou é apenas uma programação? Ao final, a trajetória de David revela que o amor, simultaneamente, legitima sua existência e o condena, pois sua subjetividade está condicionada a um ideal humano inalcançável. O filme, portanto,

antecipa discussões atuais, revelando tanto as potencialidades quanto as contradições do corpo estético e tecnológico. Ademais, contribui para os estudos sobre cinema, corpo e cibercultura ao demonstrar como a obra articula imaginários estéticos que permanecem centrais nas disputas contemporâneas sobre subjetividade e tecnologia.

"Que me perdoem as feias, mas beleza é fundamental": Reflexões psicanalíticas sobre os efeitos da mídia na relação das mulheres com o próprio corpo

Brenda Seixas; Juliana Gama

Palavras-chave: Corpos femininos, mídia, mulheres, psicanálise, corpo

O presente artigo propõe uma reflexão psicanalítica sobre os efeitos da mídia na construção dos corpos femininos e na intensificação do mal-estar das mulheres em relação à própria imagem. A partir de uma revisão de literatura narrativa, de natureza qualitativa, articulam-se conceitos freudianos e lacanianos à análise do papel desempenhado pelas redes sociais na contemporaneidade. Historicamente, o corpo feminino foi atravessado por diferentes significações culturais: da valorização atlética na Grécia antiga à repressão medieval, da idealização renascentista à mercantilização moderna. No século XXI, com o avanço das tecnologias digitais, as mídias sociais assumem protagonismo na produção de ideais estéticos e na disseminação de padrões homogêneos, promovendo um corpo estetizado e artificial. Ferramentas como filtros e aplicativos de edição reforçam a promessa de perfeição, ao mesmo tempo em que intensificam o sofrimento psíquico diante da impossibilidade de sustentar tais ideais. A psicanálise desloca a noção de corpo do registro biológico para compreendê-lo como efeito de linguagem, atravessado pela falta e constituído pelo olhar do Outro, como explicita Lacan no Estádio do Espelho. Freud já havia apontado diferentes modalidades de corpo — histérico, pulsional, narcísico —, todos atravessados pela linguagem e pelo desejo. Lacan, ao introduzir a noção de gozo feminino e a ideia de que “A Mulher não existe”, revela que não há um universal capaz de definir o feminino, mas singularidades que se constroem uma a uma. Nesse contexto, os corpos femininos se tornam terreno privilegiado de disputa entre ideais sociais e experiências subjetivas. Os discursos midiáticos contemporâneos se articulam ao discurso capitalista, que opera pela recusa da castração e pela promessa de felicidade via consumo. Essa lógica transforma os corpos femininos em objetos de desejo e mercadoria, reforçando sua submissão a cirurgias, procedimentos estéticos e remodelamentos constantes. O Brasil, por exemplo, figura entre os países que mais realizam cirurgias plásticas no mundo, sobretudo em mulheres adultas, o que evidencia a força desses ideais. Tal cenário contribui para a disseminação dos chamados “novos sintomas”, manifestos em quadros de ansiedade, depressão, transtornos alimentares e baixa autoestima. As redes sociais, particularmente o Instagram, potencializam esse processo ao oferecer ferramentas de edição e comparação constantes. O desejo de “estar bem na foto” traduz-se na busca por reconhecimento do Outro, evidenciando que, para muitas mulheres, a relação com a própria imagem é mediada por padrões inalcançáveis. O resultado é um ciclo de insatisfação, em que a beleza aparece tanto como promessa de valorização quanto como instrumento de violência simbólica contra o corpo feminino. Conclui-se que a mídia, ao ditar modelos homogêneos, mina a singularidade das mulheres e enfraquece sua relação subjetiva com o corpo, promovendo alienação e sofrimento psíquico. A psicanálise, por sua vez, possibilita compreender que o corpo não é dado natural, mas efeito de significações e lugar de inscrição da história de cada sujeito. Assim, oferece caminhos para resistir à tirania dos ideais midiáticos, afirmando que ser mulher não pode ser reduzido a prescrições universais, mas se constitui como processo singular e sempre inacabado.

Corpo estético e tecnológico: subjetividade em meio a padrões e avatares

Marcio Martins

Palavras-chave: Corpo estético, tecnológico, avatares

A relação entre corpo estético e tecnológico reflete uma complexa teia de influências que remodelam a subjetividade na era digital. As pessoas são constantemente confrontadas com padrões estéticos globais e locais veiculados pela mídia e pelas redes sociais. Essas normas, frequentemente idealizadas e inatingíveis, exercem pressão intensa sobre a autoimagem, ditando o que é aceitável, desejável e belo, o que impacta profundamente o bem-estar psíquico e emocional dos indivíduos. O humano aparece como um corpo híbrido entre o orgânico, o

maquínico e o informático, simbiose capaz de fazê-lo ampliar sua própria condição perceptiva e simbólica. Nessas plataformas, o corpo se torna uma construção maleável, sujeita a filtros, edições e representações virtuais (avatars). Essa plasticidade digital permite a resignificação da identidade corporal, mas também pode aprofundar a dissociação entre a persona online e o corpo físico, intensificando o mal-estar estético. A cibercultura transforma as corporeidades, fazendo com que a autoaceitação passe a depender, em grande parte, da validação e do desempenho da imagem digital. A influência tecnológica também se manifesta na arte e na mídia, linguagens nas quais o corpo é constantemente objeto de manipulação e intervenção. A arte contemporânea, por vezes, utiliza o corpo digital e o ciborgue para questionar limites e identidades, enquanto a mídia de massa reforça (ou, em raras exceções, critica) os padrões hegemônicos. Para enfrentar os impactos negativos desses padrões e da cultura digital, o trabalho sugere a necessidade de ações afirmativas focadas na crítica e na resignificação da identidade corporal. Tais ações visam transformar o corpo de um objeto passivo em um espaço ativo de expressão e crítica e promovendo: oficinas com Avatares Digitais, em que jovens em situação de vulnerabilidade possam explorar e resignificar suas identidades corporais de forma segura e criativa, desvinculando o valor da pessoa da estética biológica; projetos artísticos comunitários no desenvolvimento de iniciativas em contextos periféricos, que possam explorar a relação entre corpo e estética local, celebrando a diversidade e narrativas que fogem ao modelo globalizado; e programas educativos que problematizem o impacto dos padrões de beleza disseminados pela mídia e pela publicidade, estimulando o senso crítico e a literacia midiática nos estudantes. Por fim, refletir sobre a relação entre o corpo estético e tecnológico torna-se marcada pelo conflito entre a pressão por um ideal inatingível e o potencial de resignificação na esfera digital e artística. A resposta a esse desafio está na educação crítica e em práticas que promovam a dignidade e a aceitação corporal a partir da subjetividade real, e não apenas do perfil idealizado.

Eixo 3 — Corpo e Trabalho

O eixo Corpo e Trabalho foca nas condições de precarização e desgaste do corpo no trabalho informal, na experiência de corpos transculturais em contextos migratórios e na mercantilização do corpo no consumo cultural. Aqui se encontram propostas como redes de suporte psicanalítico para trabalhadores precarizados, oficinas de narrativas para migrantes que reflitam sobre suas experiências corporais transculturais, ou ações voltadas para conscientização sobre os impactos do capitalismo na alienação e desgaste físico e mental no ambiente de trabalho.

Corpo precarizado: mapeando os impactos da informalidade na saúde física e mental de trabalhadores urbanos

José Muriel Oliveira Alves

Palavras-chave: Precarização do Trabalho, Saúde do Trabalhador, Informalidade, Saúde Mental, Corpo e Trabalho

A crescente precarização do trabalho, impulsionada por transformações econômicas e a flexibilização das relações laborais, tem levado milhões de indivíduos a atuar na informalidade. No Brasil, esse fenômeno é especialmente relevante, com grande parte da população economicamente ativa engajada em atividades sem vínculo empregatício formal. Este cenário, embora muitas vezes visto como uma alternativa para a subsistência, traz consigo uma série de desafios que se refletem diretamente no corpo e na saúde do trabalhador. A ausência de direitos trabalhistas, a jornada exaustiva e a instabilidade financeira são fatores que contribuem para um quadro de vulnerabilidade que se manifesta tanto no aspecto físico quanto no mental, gerando um ciclo de desgaste e adoecimento. Este estudo busca aprofundar a compreensão sobre essa realidade, investigando como a informalidade molda a experiência corporal e de saúde dos trabalhadores urbanos. O objetivo geral desta pesquisa é mapear e analisar os impactos da informalidade na saúde física e mental de trabalhadores urbanos, identificando as principais vulnerabilidades e estratégias de enfrentamento adotadas por esses indivíduos. De forma específica, busca-se: descrever as condições de trabalho e vida de trabalhadores informais; analisar as manifestações de desgaste físico (dores crônicas, lesões) e mental (estresse, ansiedade, depressão) relatadas; e compreender a percepção desses trabalhadores sobre o próprio corpo e a relação entre trabalho e saúde. A pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo, de caráter exploratório e descritivo. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com trabalhadores informais de diferentes setores. Os nomes dos participantes foram anonimizados para garantir o sigilo e a privacidade. Os resultados da pesquisa indicam que a informalidade impõe um constante desgaste físico e mental. O corpo do trabalhador informal é frequentemente levado ao limite, manifestando-se em dores crônicas, lesões por esforço repetitivo e esgotamento. Em paralelo, a instabilidade e a falta de segurança geram um quadro de ansiedade, estresse e angústia constante. Muitos dos entrevistados relataram a dificuldade em separar a vida pessoal da profissional, com a preocupação com o trabalho invadindo todos os aspectos da vida. A pesquisa também revelou que, apesar das adversidades, os trabalhadores desenvolvem estratégias de resiliência e apoio mútuo, embora a falta de acesso a serviços de saúde adequados persista como uma barreira significativa. Este estudo reforça a necessidade de uma visão mais abrangente sobre a saúde do trabalhador, que vá além das doenças ocupacionais formais e considere as complexas interações entre trabalho, corpo e saúde na informalidade. Os achados sublinham a urgência de políticas públicas que não apenas regulamentem o trabalho informal, mas que também ofereçam redes de suporte e acesso à saúde para essa parcela da população. A pesquisa contribui para ampliar o debate sobre o tema, oferecendo uma perspectiva qualitativa que dá voz e visibilidade às experiências de indivíduos cujos corpos são constantemente tensionados pelas exigências de um mercado de trabalho cada vez mais precário.

“Confusão não é boa pra ninguém”? Uma imersão sobre autoridade e regramentos nas relações entre os agentes do estado e a prostituição na “Rua da Zona”, Três

Rios/RJ.

Manuel Flavio Saiol Pacheco

Palavras-chave: Prostituição, Autoridade, Regramentos, Trabalho Sexual, Discrecionalidade Policial

Esta pesquisa qualitativa aprofundada investiga as dinâmicas complexas da prostituição na “Rua da Zona”, em Três Rios, Rio de Janeiro, através de método etnográfico inspirado nas concepções clássicas de Bronislaw Malinowski. O estudo explora não apenas as relações de poder e a discrecionalidade policial, intrinsecamente entrelaçadas no comércio sexual local, mas também evidencia a existência de um sistema de regramentos paralelos que regulam, mantêm e operam conforme as necessidades sociais dos atores envolvidos, em um contexto que transcende a tensão do Código Penal brasileiro. Apesar da prostituição em si não ser criminalizada no Brasil, as condutas relacionadas à exploração do trabalho sexual são criminalizadas, concedendo à polícia poderes discretórios cuja aplicação, muitas vezes, confronta a realidade vívida na “Rua da Zona”. A máxima local de que “confusão não é boa pra ninguém” funciona como orientação coletiva para evitar conflitos, promovendo uma paz relativa fundamentada em regras tacitamente aceitas e socialmente construídas. Além disso, o estudo revela que tais regras, não formalizadas no direito positivado, coexistem com normas sociais efetivas que controlam comportamentos e garantem a ordem informal no território. O contexto socioeconômico da região desempenha papel essencial, uma vez que Três Rios, como centro regional, influencia e sustenta a dinâmica da zona de prostituição na avenida do Contorno. As interações sociais moldam as práticas do comércio sexual, em contato com projetos sociais locais, que apontam para tensão entre cuidado, controle e resistência, assim como estigmas que permeiam cotidianamente a vida das pessoas envolvidas. Do ponto de vista teórico, a pesquisa dialoga com importantes concepções sobre direitos, cidadania e desigualdade, apoiando-se em autores como Foucault para conceber o poder disciplinar na atuação policial, e em teorias da moralidade discursiva e dos direitos ético-morais que calculam as dimensões normativas e sociais da interação humana (Cardoso de Oliveira, 2022). São abordadas reflexões sobre a desigualdade de tratamento e o impacto social do reconhecimento da dignidade, fatores cruciais para entender como a atuação estatal e social se manifesta na periferia da legalidade e da formalidade. No âmbito jurídico, a discrecionalidade policial, conforme descrito em estudos como os de Juçara Leite (2005) e trabalhos sobre regimes paralelos de autoridade, é demonstrado como mecanismo que, embora informal, regula e mantém esse território ativo, estabelecendo uma convivência tacitamente pactuada entre os agentes do Estado, trabalhadores do sexo e clientes. Esse sistema paralelo desafia o paradigma tradicional do direito, exigindo políticas públicas sensíveis às especificidades desse universo social, protegendo direitos, promovendo justiça social e reconhecimento. Esta investigação contribui significativamente para a compreensão das múltiplas faces do trabalho sexual no Brasil e oferece subsídios para o debate sobre regulamentação, cidadania e políticas públicas, com ênfase no entrelaçamento entre poder, cultura e sociabilidade, a fim de promover a dignidade e a justiça social para as populações invisibilizadas.

Corpo-migrante e trabalho: perspectivas sociológicas

Marcelo Pereira Souza

Palavras-chave: Corpo-Migrante, Migração Laboral, Sociologia do Corpo

Este artigo apresenta um estudo sobre a perspectiva de corpo-migrante e seus mecanismos de convergência com a lógica da imigração laboral no contexto dos estrangeiros (sul-coreanos) no Brasil. Tão logo, partimos da noção de “corpo-migrante” para desenvolver a proposta de um olhar sobre o corpo que nasce da relação de trabalho, mas que dela ainda se ressignifica e instrumentaliza-se (na técnica) do exercício laboral. Nesse sentido, propomos um breve relato à luz da epistemologia do trabalho migrante no Brasil, vislumbrando, a princípio, o alcance das conexões basilares quanto à construção social de corpo e imigração no campo do trabalho, especificadamente, quando surge um “corpo-migrante” para o trabalho e, sucessivamente, suas representatividades e terminologia no contexto sociológico. Para tanto, nossa escolha metodológica emprega o aspecto qualitativo, com base na revisão de literatura (aporte teórico) da comunidade sul-coreano residente no Brasil, no estudo de casos múltiplos dessa mesma comunidade e na pesquisa documental (leis da imigração no Brasil), posto a necessidade de articulação entre a construção social e histórica de corpo-migrante, inclusive, documentada do ponto de vista da lei da imigração brasileira. Contudo, o trabalho demonstra a necessidade de novos olhares sobre a perspectiva migratória, principalmente, quando emerge a dialética entre imigração, corpo, corpo-migrante e trabalho. Assim, nossa

problematização aponta para a fragmentação contextual do tipo “corpo-migrante”, sendo identificado como aquele que nasce do e para o trabalho, dele e para ele se torna uma técnica, consagrando-se, frente às representações sociais, como um campo teórico e empírico da análise sociológica

Jornadas de trabalho, percursos de adoecimento

Bruna Mello da Fonseca

Palavras-chave: Trabalho, psicanálise, neoliberalismo, adoecimento, social

■ Apresentado na Mesa de comunicação 01 - Subjetividade e Adoecimento na Era Neoliberal — por Bruna Mello da Fonseca

■ Assistir: [Português](#) | [Espanhol](#)

A presente comunicação é fruto do tema de pesquisa que vem sendo trabalhado durante o curso do Mestrado no PPG de Psicologia Social e Cultura da UFSC na linha de pesquisa Psicanálise, Política e Cultura. Através desta pesquisa, tem-se estudado a relação dos sujeitos com a dimensão do tempo na contemporaneidade, sendo um dos caminhos de investigação a relação dos sujeitos com o trabalho, sobretudo diante da eclosão do termo “burnout” e da recente discussão a respeito da jornada de trabalho 6x1. Com estas reflexões, tem sido possível compreender quais os valores vigentes na cultura contemporânea e que tem guiado as formas de trabalho existentes e culminado em novos modos de sofrimento que atingem a dimensão do trabalho. Assim, esta pesquisa pretende compreender como o neoliberalismo atravessa o processo de subjetivação visto na atualidade. A metodologia utilizada para esta pesquisa será o método psicanalítico de investigação, através do qual podemos tecer percepções acerca do subjetivo bem como do coletivo, valendo-nos de aportes de psicologia social e de autores que se ocupam da interpretação de nossos tempos. A respeito dos resultados, observamos que valores fomentados na contemporaneidade como o consumo, o imediatismo, a liquidez das relações, o ter em detrimento ao ser, o público versus o privado, o individualismo e a performance, a hiperprodutividade em oposição ao descanso e ao lazer tem produzido formas de sofrimento que isolam os sujeitos e que os capturam em sentimentos de incapacidade e insuficiência frente a uma sociedade que lucra com sua exaustão e padecimento. Desse modo, faz-se imperativo que possamos problematizar os valores que nos cercam e que culminam em adoecedoras relações de/com trabalho. Para tanto, dentro dos parâmetros éticos e de sigilos - próprios da pesquisa psicanalítica implicada – este trabalho trará fragmentos da escuta clínica que permitem a elaboração deste profícuo debate. Para além da possibilidade do trabalho subjetivo e individual, trata-se do exercício clínico desta que é uma pauta do laço social e reafirma nossa implicação ético-política.

Muito Além da Nutrição: Problemas Ergonômicos em Manipuladores de Alimentos

Cibelle Maria de Abreu Ibiapina

Palavras-chave: Alimentação coletiva, Ergonomia, Manipuladores de alimentos, Saúde ocupacional

Introdução: Este estudo evidencia a importância da ergonomia nas unidades de alimentação e nutrição (UAN), visto que os manipuladores de alimentos estão diariamente expostos a condições que podem comprometer sua saúde, segurança e desempenho profissional. Movimentos repetitivos, permanência prolongada em pé, transporte manual de cargas e utilização de mobiliário inadequado favorecem o surgimento de distúrbios osteomusculares, fadiga e afastamentos laborais, tornando a análise ergonômica essencial para a prevenção desses agravos. O objetivo desta pesquisa é identificar os principais problemas ergonômicos enfrentados por manipuladores de alimentos em uma UAN, destacando situações críticas e propondo medidas que possam contribuir para a promoção de ambientes de trabalho mais seguros e eficientes. A metodologia utilizada baseou-se em um estudo descritivo, por meio de observações diretas das rotinas de trabalho nos setores de pré-preparo, cocção e distribuição, complementadas por entrevistas semiestruturadas com os trabalhadores para coleta de informações sobre desconfortos físicos e dificuldades percebidas no cotidiano laboral. Os resultados apontaram elevada prevalência de dores na região lombar e nos membros superiores, frequentemente relacionadas ao levantamento e transporte de panelas e insumos pesados. Desconfortos em pés e pernas também foram relatados, atribuídos ao tempo excessivo em pé e à carência de pausas. Além disso, movimentos repetitivos ligados ao corte e manipulação de alimentos mostraram-se fatores

agravantes. Constatou-se ainda que o layout da cozinha, a altura inadequada das bancadas e a ausência de equipamentos de apoio contribuem para a intensificação desses problemas, refletindo não apenas na saúde do trabalhador, mas também na qualidade e na eficiência do processo produtivo. As considerações finais reforçam a necessidade de inserir a ergonomia na gestão das UAN, implementando medidas como adequação do mobiliário, treinamentos posturais, adoção de equipamentos auxiliares e pausas regulares. Tais ações podem reduzir riscos ocupacionais, elevar a satisfação dos trabalhadores e favorecer a produtividade, assegurando melhores condições de saúde e qualidade nos serviços prestados.

Culpa e moralidade do trabalho: o corpo como palco da produtividade

Susan Emi Matsumoto; Vivian Rafaella Prestes; Alexandre Luis Ponce Martins

Palavras-chave: *Psicanálise, capitalismo, subjetividade, trabalho, culpa*

■ Apresentado na Mesa de comunicação 01 - Subjetividade e Adoecimento na Era Neoliberal — por Vivian Rafaella Prestes

■ Assistir: [Português](#) | [Espanhol](#)

Este trabalho tem como objetivo articular a reflexão sobre a centralidade moral do trabalho, trabalhada por Jessé Souza, com a concepção de culpa na psicanálise freudiana. O intuito é problematizar os modos pelos quais o corpo é capturado pelo imperativo da produtividade, evidenciando como essa captura atravessa os processos de subjetivação, produzindo sofrimento psíquico e desgaste físico. Jessé Souza (2018) aponta que, na modernidade, o trabalho deixou de ser apenas um meio de subsistência para assumir o papel de critério moral e de identidade do indivíduo. A ideologia da meritocracia, sustentada por uma lógica que naturaliza desigualdades sociais, reforça a crença de que o valor de uma pessoa se mede por sua capacidade de trabalhar, produzir e ascender individualmente. Não basta estar inserido no mercado de trabalho: exige-se do sujeito disciplina e uma disposição permanente para o desempenho. O corpo deixa de ser visto como espaço de experiência subjetiva e passa a ser administrado como recurso produtivo, em conformidade com o capitalismo. Na leitura freudiana, a culpa se constitui como um afeto fundamental do laço social, pois nasce da internalização das proibições e exigências externas na forma do supereu. Em *O mal-estar na civilização* (1930), Freud descreve que a culpa não se limita ao arrependimento por uma ação cometida, mas se manifesta como um sentimento difuso que pode emergir mesmo diante de alguns pensamentos ou de desejos não realizados. Trata-se de uma culpa estrutural, ligada ao simples fato de o sujeito desejar para além das normas impostas. Na sociedade contemporânea, marcada pelo imperativo da produtividade, essa estrutura ganha contornos específicos: o supereu se reorganiza em torno do ideal de desempenho contínuo, exigindo que o sujeito esteja permanentemente ativo e eficiente. A culpa, nesse cenário, deixa de ser apenas efeito da transgressão e passa a se vincular também à sensação de insuficiência, à percepção de nunca se fazer o bastante, de nunca corresponder plenamente ao ideal produtivo. O sujeito se encontra aprisionado em uma dinâmica psíquica que reforça sua submissão ao trabalho, sentindo-se responsável por fracassos que, em grande medida, são efeitos de condições sociais e econômicas estruturais. Dessa forma, a culpa opera como um dispositivo de controle subjetivo que sustenta a precarização e o desgaste do corpo no trabalho contemporâneo. Os discursos sociais e econômicos são internalizados como autocobrança e autovigilância, transformando o sujeito em guardião de sua própria produtividade. O resultado é uma forma sofisticada de alienação, na qual o corpo passa a se movimentar segundo a lógica da moralidade do trabalho, alimentando experiências de esgotamento e adoecimento psíquico. Ao inserir essa análise no eixo “Corpo e Trabalho”, pretende-se mostrar que a exploração capitalista, além da esfera econômica, penetra também nos registros subjetivos, tornando a produtividade uma exigência internalizada que pesa sobre o corpo e o psiquismo. Assim, a psicanálise se apresenta como ferramenta crítica para problematizar tais mecanismos e, sobretudo, para abrir brechas. Brechas que permitam narrativas e movimentos capazes de escapar ao imperativo da produtividade, resgatando o corpo como lugar de criação, de desejo e de resistência.

A precarização da escuta como efeito da gestão neoliberal do tempo e seus efeitos sobre as práticas de cuidado em saúde

Renata Rosa da Costa; Maria Isabel Rosa da Silva Arello

Palavras-chave: *Saúde do trabalhador, psicanálise, instituições de saúde*

O neoliberalismo redefine as modalidades de laços sociais na contemporaneidade, impactando a subjetividade de nosso tempo, uma vez que penetra a vida cotidiana visando o recobrimento do real. Se tomarmos como bússola a indicação de Lacan de que o inconsciente é a política (Lacan, 1967/2008), chegamos na indispensável tarefa de “compreender o neoliberalismo como uma forma de vida nos campos do trabalho, da linguagem e do desejo” (Safatle, Silva-júnior & Dunker, 2020, p. 8). Na saúde, foco do presente trabalho, a penetração da lógica neoliberal manifesta-se na crescente adesão aos imperativos de eficiência, produtividade e desempenho. Tais ideais incidem nas relações e práticas estabelecidas nas instituições de saúde, podendo gerar ensurdecimento nas equipes. Nessa direção, escrevemos para evidenciar os efeitos dessa lógica nos tratamentos ofertados nos serviços de saúde, enfatizando a precarização da escuta. O percurso metodológico do presente trabalho foi construído a partir de uma articulação teórico-reflexiva entre autores da psicanálise, como Sigmund Freud, Jacques Lacan e Maria Lívia Moretto; da análise institucional, com destaque para Emília Broide; e do campo da saúde do trabalhador, com ênfase em Christophe Dejours. Nesse campo, onde predominam os imperativos da prevenção, da cura e da salvação (Gomes & Melo, 2017), a exaltação da eficácia e da produtividade pode levar a processos iatrogênicos uma vez que a ambição terapêutica (Freud, 1912) e a antecipação do sentido (Moretto, 2023) obstaculizam a escuta. Tais condições repercutem não apenas na qualidade do cuidado ofertado, mas também na saúde do próprio trabalhador. Dejours (2022) apontou que mecanismos de defesa são mobilizados diante do sentimento de indignidade e frustração no trabalho. Dentre eles, mostrou que a canalização da agressividade frente à impotência pode se manifestar na impulsão ao trabalho ágil. Dunker et al (2021) assinalam que a lógica neoliberal extrai produtividade e desempenho desses mecanismos. Diante dessa constelação de fatores, a impulsão para o trabalho ágil suprime o tempo-espaço para o enigma, para a singularidade, para a polissemia da palavra (Rosa, Estevão & Braga, 2017). Destacamos com Moretto (2023) que se quisermos que as coisas se resolvam com mais assertividade e em menos tempo, é preciso justamente priorizar a escuta do sofrimento nas práticas de cuidado. Apostamos desde Freud que a escuta produz efeitos determinantes no mal estar e no sofrimento. Nessa direção, ressaltamos a importância de debates em torno da função da escuta e das condições necessárias ao seu exercício. Por fim, apostamos em seu potencial de gerar porosidades (BROIDE, 2020) que fazem girar discursos e posições cristalizadas nas instituições, afrouxando a força alienante dos significantes mestres que as circundam.

Plataformização do trabalho sexual: subjetivação, vulnerabilidade e sofrimento psíquico sob a lógica neoliberal

Luciano Henrique Moreira Santos; Anamaria Silva Neves

Palavras-chave: Neoliberalismo, psicanálise, subjetivação, plataformização do trabalho

■ Apresentado na Mesa de comunicação 01 - Subjetividade e Adoecimento na Era Neoliberal — por Luciano Henrique Moreira Santos

■ Assistir: [Português](#) | [Espanhol](#)

O presente trabalho investiga a reconfiguração do trabalho sexual na era digital, tomando como referência a ascensão das plataformas digitais e sua articulação com a racionalidade neoliberal. Historicamente marcado pelo estigma e pela marginalização, o trabalho sexual contemporâneo passa a ser reorganizado sob a lógica da plataformização, fenômeno que desloca os riscos e a gestão das vulnerabilidades para as trabalhadoras, ao mesmo tempo em que promove um discurso ilusório de autonomia e empoderamento. A problemática central reside em compreender de que modo a discursividade neoliberal, norteadas por ideias como meritocracia, autogestão e empreendedorismo de si, opera subjetivamente na naturalização do sofrimento psíquico de mulheres em situação de informalidade laboral. De modo específico, indaga-se como a plataformização do trabalho sexual no Brasil reconfigura as formas de exploração dos corpos, as condições de vulnerabilidade e as consequências subjetivas para as trabalhadoras em um cenário de ambiguidades legais e de estetização da atividade. Trata-se de uma investigação psicanalítica, sustentada nos referenciais freudianos, articulada ao campo da teoria crítica. A psicanálise possibilita compreender os efeitos da intensificação do capitalismo financeiro na constituição subjetiva e nos modos de sofrimento humano. Nessa perspectiva, o sintoma é lido como resposta singular ao excesso de exigências contemporâneas, marcadas pela internalização de ideais de performance, pela mercantilização do afeto e dos corpos e pela transformação da intimidade em capital simbólico e econômico. O modelo de negócio das plataformas digitais reproduz e intensifica os mecanismos de uberização e precarização do trabalho, exigindo disponibilidade

constante, produção incessante de conteúdo e marketing pessoal. A promessa de autonomia revela-se contraditória, pois se funda em um regime de autoexploração em que a subjetividade da trabalhadora é mobilizada como recurso produtivo. A contradição entre cuidado e mercadoria é central: a exibição de afeto e intimidade é demandada como serviço, ao mesmo tempo em que é sistematicamente desvalorizada por salários baixos, pirataria de conteúdo e ausência de garantias legais. O capitalismo financeiro invade a esfera íntima, transformando a autoestima, a imagem corpórea e o desejo de reconhecimento em instrumentos de controle e sujeição. A figura do empreendedor de si é, nessa dinâmica, um imperativo subjetivo, impondo às trabalhadoras a responsabilidade individual por seu próprio sucesso ou fracasso. Essa dinâmica produz sofrimento psíquico, ao mesmo tempo em que mantém a exploração invisibilizada sob a roupagem da liberdade e do empoderamento. Conclui-se que a plataformização do trabalho sexual configura um campo paradigmático para pensar as articulações entre corpo, desejo e política sob o capitalismo financeiro. Ao explorar como a lógica mercantil captura a dimensão afetiva e íntima do sujeito, este estudo contribui para a compreensão crítica das novas modalidades de precarização e para a elaboração de estratégias de resistência e cuidado. A psicanálise, nesse contexto, oferece uma via privilegiada de escuta e análise, capaz de evidenciar as formas sutis de sofrimento e abrir possibilidades de subjetivação que escapem à lógica de mercado.

Eixo 4 — Corpo e Educação

Em Corpo e Educação, o foco está nas pedagogias do corpo que articulam a expressão física com o desenvolvimento subjetivo, nas relações entre gênero e sexualidade no ambiente escolar, e no papel do corpo na formação docente. Este eixo reúne práticas educativas voltadas à inclusão de crianças trans e não binárias em escolas, programas de formação docente que abordem a subjetividade do corpo no aprendizado, ou iniciativas que utilizem o movimento e a expressão corporal como ferramentas pedagógicas para promover a integração social.

Educação Física e resistência: o corpo como instrumento de crítica aos padrões de beleza impostos pela mídia

Beatriz Ferreira Da Silva

Palavras-chave: Educação Física, Corpo, Mídia

Este estudo investiga como a Educação Física pode atuar como espaço pedagógico de resistência aos padrões estéticos hegemônicos impostos pela mídia. A partir de uma abordagem crítica e interdisciplinar, o trabalho problematiza a normatização dos corpos e os impactos que tais padrões exercem sobre a construção da autoimagem e da autoestima, especialmente entre adolescentes em contexto escolar. A proposta parte do entendimento de que a Educação Física, enquanto componente curricular voltado ao corpo em movimento, possui potencial transformador na formação de sujeitos autônomos, críticos e conscientes de suas corporeidades. O objetivo geral da pesquisa é analisar práticas pedagógicas em Educação Física que promovam o questionamento dos padrões corporais midiáticos e incentivem o reconhecimento e a valorização da diversidade corporal. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa com abordagem exploratória, sustentada por revisão bibliográfica e observação participante em atividades escolares realizadas com estudantes do ensino fundamental II. As atividades envolvem rodas de conversa, análise de imagens publicitárias, práticas corporais não competitivas e exercícios de expressão corporal, desenvolvidas ao longo de um projeto de intervenção pedagógica. Os resultados preliminares apontam que, ao serem provocados a refletir criticamente sobre os modelos corporais veiculados na mídia, os estudantes demonstram maior abertura para reconhecer diferentes formas de corpo e manifestam atitudes mais respeitosas e inclusivas em relação aos colegas. Além disso, a experiência contribuiu para o fortalecimento da autoestima e da relação positiva com o próprio corpo. Conclui-se que práticas pedagógicas na Educação Física que valorizam a expressão, o diálogo e a diversidade podem funcionar como potentes instrumentos de resistência simbólica, contribuindo para a formação de sujeitos menos suscetíveis à padronização estética e mais empoderados em relação à própria imagem e existência.

A função normativa docente a serviço da vigilância dos corpos no espaço escolar

Luiz Paulo Dos Santos Monteiro

Palavras-chave: Educação, psicanálise, função normativa, escuta docente

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 05 - Pedagogias da Dominação e da Libertação: O Corpo na Prática Docente — por Luiz Paulo Dos Santos Monteiro

■ Assistir: [Português](#)

Neste trabalho, propomos um debate acerca dos efeitos nocivos da função normativa docente no espaço escolar. Entendemos que esta função atribuída ao educador contribui para o silenciamento e o conseqüentemente esvaziamento de seu senso crítico, em prol de uma normalização do ambiente educacional (Machado et al., 1978) e da conservação de práticas culturais hegemônicas, em consonância com conceitos neoliberais (Arreguy & Santos, 2023). Indagamos, assim, de que modo esse funcionamento normativo da educação estabelece um distanciamento

da escola com outras manifestações culturais presentes em nossa sociedade, como aquelas oriundas dos povos originários e/ou da comunidade LGBTQIAPN+. Nesse sentido, apontamos para a necessidade de rompermos com a noção de escola tal qual um local que institui um modo único de educar a todos, eclipsando individualidades, sendo, desse modo, reduzida a uma entidade responsável pela docilização dos corpos (Foucault, 2022/1975), onde crianças e jovens teriam suas pulsões controladas e estariam prontos para aquilo que se entende como ideal de uma vida em sociedade. Nossas ponderações, entretanto, nos direcionam a uma leitura do espaço escolar na qual a aprendizagem se processa em relação com o mal-estar gerado pelo recalçamento das pulsões reprimidas (Freud, 2020/1930). A escola é, por nós, compreendida como um espaço de lutas pelo reconhecimento (Honneth, 2003) e de trocas simbólicas (Bourdieu, 1989) entre seus agentes. Logo, o presente trabalho tem por base a pesquisa desenvolvida durante nosso estágio de pós-doutorado, concluído em dezembro de 2024, que propõe como tema o estudo clínico-político da prática docente de professores do campus Realengo II, do Colégio Pedro II, situado na cidade do Rio de Janeiro. O projeto norteador desta pesquisa foi submetido ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense e seguiu os protocolos éticos exigidos pelas instituições participantes. Este estudo se desenvolveu a partir de um trabalho de interlocução da psicanálise com o quadro sociopolítico da atualidade e com a filosofia crítica, enfatizando os conceitos de “linguagem da ternura” e de “linguagem da paixão” de Sandor Ferenczi (1932). A pesquisa pretendeu, primeiramente, investigar de que modo a “linguagem da ternura” e a “linguagem da paixão” integram a prática docente, diante das exigências normativas que regulam o trabalho dos professores do CPII. Como segundo objetivo específico, buscou-se analisar em que medida o docente do campus Realengo II, do referido colégio, conserva seu pensamento crítico e sua autonomia frente aos traumas produzidos no espaço escolar. A relevância deste trabalho se justifica na medida em que são crescentes as queixas dos professores do campus em relação à falta de prazer ou de motivação no exercício da docência e, por isso, promovemos uma intervenção articulada à escuta desses profissionais, de modo a permitir que expressassem os seus sentimentos diante de seu trabalho e de sua relação com os seus pares e seus discentes.

Corpo estrangeiro: o francês como imposição linguística e exclusão corporal na escola haitiana

Maxo St Victor

Palavras-chave: Haiti, linguagem, corpo, exclusão, decolonialidade

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 05 - Pedagogias da Dominação e da Libertação: O Corpo na Prática Docente — por Maxo St Victor

■ Assistir: Português

Este resumo investiga a imposição do francês como língua de instrução no sistema educacional haitiano e suas implicações na constituição subjetiva e corporal dos estudantes. A pesquisa parte da constatação de que a centralidade do francês no ensino, em prejuízo do crioulo haitiano, opera como uma barreira pedagógica e um instrumento de exclusão simbólica e corporal. O contexto histórico e sociopolítico do Haiti revela uma continuidade das estruturas coloniais no campo educacional, evidenciada na manutenção de uma norma linguística eurocentrada que deslegitima os saberes, linguagens e expressões corporais oriundas da cultura popular haitiana. Essa dinâmica torna-se particularmente relevante ao se observar os efeitos subjetivos e pedagógicos desse modelo sobre os estudantes, cuja identidade linguística é sistematicamente negada. O objetivo geral da pesquisa é analisar de que forma a política linguística educacional haitiana contribui para a marginalização do corpo cultural dos estudantes, ao impor o francês como língua hegemônica no espaço escolar. A investigação parte da hipótese de que essa imposição não apenas compromete os processos de aprendizagem, mas também opera como uma forma de controle sobre a subjetividade e a corporeidade dos alunos, ao associar legitimidade intelectual e comportamental ao domínio de um idioma que lhes é culturalmente estranho. A metodologia adotada é qualitativa, com base em análise crítica de documentos oficiais da política educacional haitiana e de livros didáticos utilizados no ensino fundamental. Esses materiais foram examinados à luz dos referenciais teóricos de Frantz Fanon, Paulo Freire e Michel Foucault, cujas contribuições permitiram compreender a linguagem como tecnologia de dominação e o corpo como território de disputa simbólica. A análise documental teve como foco identificar a presença e a função do francês e do crioulo nos textos escolares, bem como as representações corporais associadas a cada idioma. Os resultados evidenciam que o francês atua como um “corpo estranho” no ambiente escolar haitiano: sua imposição silencia a expressão natural

dos estudantes, reprime sua linguagem corporal e os força a adotar posturas, vocabulários e formas de se comportar alheias à sua experiência cotidiana. O crioulo, por sua vez, é relegado a espaços marginais ou ausente, sendo raramente reconhecido como língua legítima do saber. Essa configuração reforça um modelo de educação que associa o domínio do francês à civilidade, ao sucesso e à capacidade intelectual, ao passo que estigmatiza o corpo que fala crioulo como bruto, indisciplinado ou inadequado. Conclui-se que a política linguística escolar haitiana não é neutra: ela reforça desigualdades históricas e culturais, e atua diretamente sobre os corpos e subjetividades dos estudantes. Ao mesmo tempo, o estudo identificou práticas de resistência cotidiana, nas quais os estudantes afirmam sua identidade por meio do uso do crioulo e de expressões culturais insurgentes. A pesquisa contribui, assim, para os debates sobre educação decolonial e políticas linguísticas inclusivas, defendendo a valorização da língua materna como fundamento de uma pedagogia libertadora e corporeificada.

Corpo, corporeidade e educação: reflexões acerca da formação de professores

Geovana Larissa Amâncio da Cruz; Selma Cristina Trindade Vieira; Monica de Avila Todaro

Palavras-chave: Formação de professores, Pedagogia, Corpo consciente, Corporeidade

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 05 - Pedagogias da Dominação e da Libertação: O Corpo na Prática Docente — por Geovana Larissa Amâncio da Cruz

■ Assistir: Português

O corpo, entendido como espaço de subjetivação e locus de experiência (Merleau-Ponty, 2018), ultrapassa a dimensão biológica para se afirmar como território de significação, desejo e consciência. No campo educacional, pensar o corpo em sua complexidade significa reconhecer que a aprendizagem se dá pelo reconhecimento da corporeidade e das relações intersubjetivas (Santos, Reis & Moreira, 2020). Nesse sentido, considerar a subjetividade dos estudantes implica acolher suas expressões corporais e simbólicas, valorizando as diferenças e questionando normatividades que silenciavam ou marginalizavam corpos dissidentes (hooks, 2017). Na formação de professores, em especial do curso de Pedagogia, esse debate assume relevância estratégica, o que nos levou a questionar acerca da necessidade de incorporar práticas que fortaleçam a experiência corporal dos estudantes, ampliando sua capacidade de perceber e trabalhar a subjetividade dos alunos e a sua própria. Nesta perspectiva, objetivamos traçar um panorama geral do campo de estudos do corpo e educação, em diálogo com a formação de professores do curso de Pedagogia, buscando compreender como caminham as pesquisas que investigam o lugar do corpo e corporeidade na formação inicial dos cursos de Pedagogia. Conforme Paz et al. (2025), o corpo deve ser compreendido como sujeito da experiência pedagógica, e não apenas como um instrumento a serviço da educação. Na mesma direção, Martins (2015) evidencia a corporeidade como dimensão constitutiva do pensamento e da ação escolar, ultrapassando a lógica cartesiana que historicamente fragmentou corpo e mente. Contribuindo para esse debate, Bertoldo (2021) ressalta o potencial da dança como metodologia que integra percepção, linguagem e corporeidade na construção da aprendizagem, enquanto Santos, Reis e Moreira (2020), apresentam o conceito de corporeidade aprendente, defendendo uma educação que reconheça o sentir e o agir como elementos indissociáveis do ensino significativo. Nesse contexto, Nóbrega (2018) contribui ao compreender o corpo como condição de possibilidade da experiência educativa, ressaltando a corporeidade como dimensão constitutiva da subjetividade e dos processos de aprendizagem. Para a autora, superar visões dualistas implica reconhecer o corpo em sua pluralidade cultural, social e simbólica como espaço de produção de saberes no campo escolar. Com efeito, notamos que o corpo docente, ao desenvolver essa dimensão reflexiva, torna-se capaz de articular práticas pedagógicas inclusivas que dialogam com as diversidades e formação de sua própria identidade, já que este processo é intrinsecamente relacionado à corporeidade (Todaro, 2014). O professor, nesse contexto, ensina não apenas pelo conteúdo que transmite, mas também pela forma como seu corpo se apresenta, se comunica e se abre à alteridade. Por fim, observamos que a noção de Paulo Freire (2021) de corpo consciente emerge como possibilidade de repensar as práticas pedagógicas, integrando dimensões cognitivas, afetivas e políticas. A Pedagogia do Corpo Consciente (Todaro, 2015) configura-se como caminho fecundo para a inclusão, ao integrar movimento, expressão física e subjetividade, permitindo que o corpo consciente seja compreendido como mediador de aprendizagens significativas e de processos de emancipação social. Na realidade brasileira, onde corpos periféricos e racializados ainda enfrentam necropolíticas e exclusão (Mbembe, 2018; Kilomba, 2020), repensar a formação docente sob a ótica do corpo torna-se necessário.

Vivendo um Corpo-Água: a experiência corporal do Body-Mind Centering e suas fecundidades

Maria Clara Walcacer

Palavras-chave: Corporeidade, psicologia, artes cênicas, transdisciplinaridade, educação somática

Este trabalho apresenta, por meio do método da cartografia, a experiência de um corpo estudante de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em uma disciplina de Consciência Corporal e Dança, ofertada no curso de Artes Cênicas. A partir da investigação sistemática do Body-Mind Centering (BMC), realizada ao longo de seis meses, foram identificadas possibilidades de exploração dessa abordagem somática como ferramenta de contribuição para a saúde mental. A cartografia, enquanto método de pesquisa qualitativa, articula-se diretamente ao processo investigativo, no qual o pesquisador se constitui simultaneamente como criador, matéria e obra no movimento de conhecer a si e ao mundo. O registro e a análise das provocações e dos movimentos emergentes durante a experiência imersiva mostraram-se fundamentais para a compreensão de novas formas de subjetivação do corpo, bem como para a expansão de outras possibilidades de ser corpo. Além disso, foi realizado um mapeamento das afinidades teórico-práticas do Body-Mind Centering com as clínicas psicanalítica e esquizoanalítica transdisciplinar. A análise dos registros das aulas foi enriquecida pelo diálogo com textos teóricos sobre a abordagem somática e por pesquisas recentes em educação somática no Brasil. Destaca-se a relevância do estudo da anatomofisiologia experimental proposta pelo Body-Mind Centering, cujas contribuições englobam a emergência de uma nova temporalidade somática — caracterizada pelo relaxamento e pela expansão do tempo —, bem como a exploração das micropercepções corporais. Tais elementos relacionam-se diretamente ao manejo do estresse e de quadros ansiosos no contexto contemporâneo, não apenas na clínica, mas também no ambiente educacional. Este estudo propõe, portanto, a arte como forma de relação e não de interpretação. Inspirando práticas de cuidado em saúde mental fundamentadas radicalmente na experimentação e na criação de modos singulares de existência e movimento, que favorecem aberturas, afetações e transformações. A transdisciplinaridade, nesse sentido, possibilita o trans-bordamento (ou seria trans-bord-ação?) das fronteiras entre psicologia clínica, educação e artes cênicas, constituindo um entre-lugar de produção de conhecimento e prática.

Educação, Corpo e Marketing: notas sobre as adolescências contemporâneas

Lia Silva Fonteles Serra; Thaís Fontinele

Palavras-chave: Corpo, Adolescência, Contemporaneidade, Cultura

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 04: Infâncias e Adolescências sob Suspeita: Norma, Patologização e Mercado na Escola — por Thaís Fontinele

■ Assistir: Português

O presente trabalho visa discutir a relação entre a educação, o marketing e o sujeito adolescente na sociedade ocidental contemporânea, a partir da articulação teórica entre psicanálise, no que concerne à noção lacaniana de discurso, e o conceito de modos de subjetivação, desenvolvido por Michael Foucault. Assim, tem-se como objetivo compreender de que modo os adolescentes da contemporaneidade, em sua relação com o próprio corpo, têm expressado sintomas que apontam para o mal-estar na cultura (Freud, 1930) atual. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, que se apresenta como desdobramento das reflexões empreendidas pelas autoras, suscitadas por seus trabalhos de conclusão de mestrado e doutorado. Para Foucault (1982), os modos de subjetivação dizem respeito às formas pelas quais em cada cultura são compostas as maneiras de existir do sujeito. Nesse sentido, aponta-se que o neoliberalismo, enquanto arranjo social, representa uma matriz de produção de discursos que atravessa as mais diversas dimensões da cultura, gerando impactos não só nos padrões de produção e consumo do mercado, mas também nos modos de subjetivação e, portanto, nos sintomas e adoecimentos contemporâneos. Como resultados, apontamos as implicações dos discursos neoliberais na estruturação de sintomas revelados nos corpos adolescentes, deflagrando modos de adolecer inéditos e sem lastros na episteme científica. Dessa forma, essa pesquisa contribui com a ampliação dos olhares acerca da cultura em sua relação com o sofrimento e os adoecimentos contemporâneos.

Pedagogia Queer: o que a psicanálise tem a ver com isso?

Danielle Ferreira Bastos; Marília Arreguy

Palavras-chave: *Psicanálise e educação, pedagogia queer, criança dissidente, sexualidade infantil*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 04: Infâncias e Adolescências sob Suspeita: Norma, Patologização e Mercado na Escola — por Danielle Ferreira Bastos

■ Assistir: [Português](#)

A psicanálise busca o significado daquilo que é manifesto por meio de ações, palavras ou produções imaginárias dos sonhos, associações livres, sintomas e atos falhos que as demais teorias não explicam e que são presentes, também, na escola. A partir das convergências e divergências entre a psicanálise e a teoria queer, o estudo foi realizado sob a escuta de histórias narradas por professores e professoras da educação infantil de escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro, objetivando refletir sobre a invisibilização da criança dissidente para responder à questão posta por Porchat (2014) como a principal tensão situada no Complexo de Édipo: “que homem ou mulher, que masculinidade ou feminilidade podem dessa construção ser extraídos?” A psicanálise tradicional exerce um notável papel ao considerar privilegiadamente o Complexo de Édipo na construção de gênero; no entanto, apontamos a necessidade ética e política de pensar para além das noções de feminino e masculino. Freud não estava desatento à questão. O título de sua obra *O mal-estar na Cultura* (1930) retrata sua preocupação em dimensionar o efeito da castração aos desejos que ameaçam a construção civilizatória cisheterossexual. Práticas educativas ainda se encontram baseadas na proibição da criança dissidente de manifestar livremente suas identificações em suas relações e brincadeiras, que professores ainda teimam em classificar de forma binária. Não se nasce menino ou menina. Ao longo da vida nos nomeamos ao fim de um percurso que desloca as disposições bissexuais primárias em múltiplas formas de identificação e escolha de objeto amoroso. Ao reconhecer que na polimorfia da sexualidade infantil, a bissexualidade se apresenta à criança, e, só depois, se estabelecerão as identificações, impõem-se a existência de dois no psiquismo. Em que medida essa determinação cultural pode ser fonte de sofrimento na escola? Para além da bissexualidade psíquica, também, a transexualidade é uma forma de expressão que deve estar ligada à implementação da Pedagogia Queer como desdobramento que permite repensar a relação entre a psicanálise e a educação. Menino ou menina? Quem sabe, ambos ou nenhum. O imaginário da criança não tem limites. Freud não impôs modelos de aplicação da psicanálise ao campo educacional, contudo no texto *O esclarecimento sexual das crianças* (1907) apontou limitações na sexualidade dos adultos, destacando que respostas vazias ofendem a curiosidade da criança. A psicanálise, assim como a pedagogia queer, questiona o porquê de a educação ser repressora. De que maneira então, a educação cumprirá a função de apontar os limites da vida em sociedade sem destruir o desejo infantil? Por meio da reconfiguração do complexo de Édipo e frente aos (pré)conceitos que o professor carrega em si, surge a necessidade de uma travessia pelas epistemologias dos estudos queer de modo a produzir o acolhimento da criança dissidente que ainda é vista como “infamiliar” (Freud, 1919) para quem teima em conservar a escola como reprodutora da sociedade normatizadora. Na pedagogia queer, será celebrada a fluidez, a multiplicidade e as ambiguidades das infâncias através das inesgotáveis identidades de gêneros, sexuais, étnicas, raciais e culturais enquanto subversão na formação das subjetividades.

Escrevendo gênero(s) no futebol: uma análise de experiências esportivo-pedagógicas dirigida as mulheres na Colômbia

Maira Yesenia Trujillo Vanegas

Palavras-chave: *Gênero, futebol, pedagogia, desigualdade*

Na Colômbia, o esporte tem jogado um papel fundante no projeto de construção de Estado-nação, e, portanto, na produção de subjetividades generizadas que estabelecem como podemos mover o corpo, questão que pode ser provada com a comum frase de “o futebol não é feito para as mulheres”. Esse tipo de discursos tem servido como limites históricos para que as mulheres não possam praticar este esporte, incluindo a invisibilização das lutas das mulheres que gostam e querem jogar. Atualmente, nesse contexto, uma das respostas mais fortes desta desigualdade de gênero, tem sido a construção de clubes, equipes e diferentes apostas para que meninas e mulheres joguem futebol. Embora esses espaços sejam muito importantes para possibilitar o acesso delas a esta prática, este trabalho

se pergunta pelas relações pedagógicas que acabam acontecendo, possibilitando diferentes expressões de violência de gênero assim como da legitimidade da violência dentro da quadra como a atitude correta. São esses universos simbólicos parte da perpetuação de desigualdades? Que leituras são feitas dos movimentos corporais de mulheres em suas diversidades ao assumir os valores legítimos do futebol? Que ferramentas pedagógicas-políticas podem contribuir para um futebol como parte de um projeto social de justiça? É necessário mudar as regras do futebol para isso? Essas perguntas são revisitadas no contexto particular da minha experiência pedagógica numa escola feita para mulheres de diferentes idades na periferia da cidade de Bogotá, capital da Colômbia, aonde se tentou implementar uma pedagogia feminista, abordando quatro componentes: 1) reflexão crítica sobre as relações de gênero no futebol, 2) estudo da história das mulheres jogando ao futebol, 3) treinamentos de técnica e tática no futebol, 4) campeonato. O presente trabalho analisa os diálogos e experiências que aí surgiram para pensar nas disputas de gênero dentro do futebol, pensando nessa categoria em termos quanto discursivos como performáticos. Foi achado que a mistura do componente reflexivo e prático é uma potência para trazer discussões sobre as desigualdades de gênero, dentro e fora da quadra, pois as mulheres acabaram reconhecendo estereótipos e violências na sua cotidianidade. Ademais, a visibilização da história do futebol praticado por mulheres no país serviu como uma ferramenta para questionar a ideia de que este esporte não lhes pertence e dar visibilidade a alguns fatos que poucas conheciam. Por outra parte, ao tentar estabelecer mudanças nos objetivos do futebol, onde os comportamentos violentos são justificados porque a prioridade é fazer gols, se geraram conflitos entre perspectivas meritocráticas onde o bom desempenho na quadra é o mais importante e outras onde a ideia de não ter práticas violentas na quadra lhes permitia jogar com maior tranquilidade, um debate que não foi (e não será) resolvido. Estes achados podem servir de abertura para novos e mais complexos debates que pensem nas desigualdades de gênero no contexto esportivo, indo para além da ideia do acesso das mulheres, pensando na produção e significação dos movimentos dos corpos.

Categorias emergentes para um estudo acerca do sexual sobre a obra de Sigmund Freud a partir da análise de discurso foucaultiana

George Miguel Thisoteine; Andre Luiz Gellis; Jair Lopes Junior

Palavras-chave: *Desigualdade de gênero, psicanálise, sexualidade, Sigmund Freud, análise do discurso*

A Organização das Nações Unidas, a Organização Mundial do Comércio e a Organização Mundial de Saúde reconhecem que a desigualdade de gênero é um problema histórico, cultural e social complexo de ser enfrentado e por isso levantam unanimemente a importância da promoção da Educação Sexual como campo tanto que congrega saberes e pesquisas quanto práticas e políticas de intervenção para a superação dessas desigualdades. Por isso há uma aproximação muito importante feita entre o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 (Igualdade de Gênero) e o acesso à Educação Sexual (formal e informal). Nesse sentido, ao refletir de que modo e em que condições são produzidos os saberes que compõe esse campo, torna-se politicamente importante, assim como torna política as práticas que o compõem desde a sua produção até a formalização, a presença de bases teóricas sólidas e com acesso amplo e crítico ao seu conteúdo. A psicanálise apesar de um campo consolidado de conhecimento, também se caracteriza por ser excludente e até hermético. Desse modo, esse estudo apresenta as principais categorias elaboradas a partir de um estudo que buscou delimitar os maiores contextos de uso sobre o sexual e a sexualidade na obra de Sigmund Freud. O estudo é de natureza qualitativa, de caráter descritivo-exploratório, de tipo bibliográfico-conceitual. Foi utilizada a análise de discurso foucaultiana para explorar os Ditos como elemento teórico estruturante das categorias. Sendo as categorias: 1. O fator sexual: o diagnóstico como horizonte da clínica psicanalítica; 2. Sexualidade infantil: raízes e consequências; 3. A insistência do sexual na repressão e na civilização; 4. Educação e esclarecimento sexual das crianças; 5. Homossexualidade e suas vicissitudes na obra de Freud; 6. Civilização e atividade sexual: o drama pulsional e as condições da sexualidade. Além das categorias foi produzida uma tabela que abarcou os seguintes elementos: 1. volume; 2. Texto de Freud; 3. sintagmas identificados e página; 4. Temas. Tendo sido trabalhados os textos do volume 3 ao 23, da edição de 1996 da Imago, no Brasil. O conjunto dos resultados permitiu dialogar com a obra de Freud com problemas mais contemporâneos sobre gênero e mesmo sobre sexualidade. Podendo se explorar as considerações de Freud para além do campo psicanalítico e compreender de que modo sua obra pode ajudar ou ser superada em vista de discussões atuais sobre gênero e sexualidade. Ainda, os resultados permitem perceber muito diretamente a importância dos problemas da repressão e

da moral na obra de Freud, de modo aproximá-la a discussões mais atuais sobre desconstrução e ideologia.

Psicanálise e docência: revisão narrativa sobre as implicações da teoria dos quatro discursos nas práticas educativas

João Vitor Araújo; Andre Luiz Gellis; George Miguel Thisoteine

Palavras-chave: *Psicanálise, Educação, Jacques Lacan, Discurso, Mestre*

Freud discute a Educação a partir de sua experiência clínica, e por isso destaca o papel da transferência no campo educacional. Ademais, a aproximação da psicanálise com a educação sublinha a repressão, a moral, a liberdade e as formas de expressão como elementos centrais para o debate. Jacques Lacan, em 1969, em seu décimo sétimo seminário, propôs a “Teoria dos Quatro Discursos”, na qual articulou a verdade do inconsciente à construção histórica do sujeito em busca de si, abrindo espaço para novos questionamentos antropológicos e políticos. A sua teoria mostra-se útil para refletir sobre implicações escolares, como a posição do professor e o discurso docente no processo educativo. Assim, em consonância com perspectivas pós-estruturalistas que questionam a posição do educador, em sua prática, para pensar os efeitos dela na produção de subjetividades, esse trabalho recupera algumas produções acadêmicas no intuito de observar o estado da arte entre o encontro do debate educacional e o lacaniano. O estudo é qualitativo de caráter exploratório e tipo bibliográfico, caracterizando-se como pesquisa de escopo do estado da arte. O material levantado, foi submetido a uma análise narrativa de literatura. Os resultados derivam da leitura de artigos selecionados na base Periódicos Capes, com os descritores “Psicanálise” E “Educação” E “Discurso”. Dos 130 artigos encontrados, 11 atenderam aos critérios: menção à teoria dos quatro discursos e relação com a educação. As perguntas orientadoras foram: “O que a teoria dos quatro discursos pode contribuir para a educação?”, “Em quais modalidades de discurso o educador pode se posicionar?” e “Quais as consequências para o ensino em cada uma dessas modalidades?”. Muitos dos artigos encontrados fazem menção às relações transferenciais entre alunos e professores. A transferência aparece como um fenômeno crucial para o aprendizado, sendo o motor do interesse do aluno; outro tema abundante na literatura é sobre os modos de subjetivação, contexto em que a teoria dos discursos se faz presente na literatura científica identificada. A posição do educador aparece principalmente sob dois contextos: no Discurso do Mestre e no Discurso Universitário. Para o primeiro, quando é assumida a posição do discurso do Mestre como uma postura de autoridade observa-se as consequências principalmente sobre a alienação do discente no processo educativo; e por outro lado, quando o docente – apesar de partir dessa mesma posição – conduz o aluno a um saber-fazer, fazendo reconhecerem as suas limitações. No Discurso Universitário, são abordadas as práticas de ensino ancoradas em autores e bibliografia, o professor estando de início deslocado do centro do saber. Nesse caso, a dessubjetivação do educador enfraquece efeitos transferenciais. Embora despersonalizado, o Discurso Universitário mantém o comando “Continue a Saber”, apenas reproduzindo conhecimento já estabelecido sem a produção de algo novo. Conclui-se ser importante ampliar a compreensão da extensão que a “Teoria dos Quatro Discursos” possui no campo da Educação, bem como a complexidade que os atores escolares podem assumir diante das singularidades dos educandos, como: identidades, gêneros e corpos.

Psiquiatrização das crianças: efeito de diagnósticos e medicalização na escola

Márcia Balmberg

Palavras-chave: *Infância, diagnósticos, medicalização na infância, psiquiatrização, psicanálise*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 04: Infâncias e Adolescências sob Suspeita: Norma, Patologização e Mercado na Escola — por Márcia Balmberg

■ Assistir: [Português](#)

Este trabalho é um recorte de pesquisa, de mesmo título, desenvolvida junto ao programa de Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ele pretende problematizar a inflação de diagnósticos e a medicalização das crianças dos anos iniciais de escolaridade, faixa etária entre 06 e 12 anos, observando quais são e como circulam os saberes e poderes na escola em relação às crianças identificadas como portadoras de transtornos, com deficiências ou com dificuldades de aprendizagem. Foram entrevistadas

profissionais com formações diversas que atuam no setor de uma escola pública, com várias unidades, na cidade do Rio de Janeiro. Tais profissionais (professoras, pedagogas, fonoaudiólogas, psicomotricistas, psicólogas) realizam o atendimento individualizado das crianças que são encaminhadas mediante laudo médico ou observações dos/das docentes para um suporte com vistas ao melhor desempenho pedagógico e acadêmico, bem como melhor socialização. Propõe a reflexão sobre os efeitos dos processos de medicalização, que não se reduzem ao uso de medicamentos, que ocorrem na escola. Os processos que acontecem no espaço escolar são cotejados com a experiência na clínica psicanalítica com crianças. Na clínica psicanalítica, observo que as crianças, através da linguagem do brincar, expressam suas angústias; expressam suas culpas; realizam desejos de constituírem outra família diferente da sua; de suprimir alguns momentos da escola; de serem fortes como um super-herói; de ocupar o lugar de um personagem de uma história; de serem ricas; de morrer; de matar; de ressuscitar (ou não). O brincar, tão importante pela fruição do lúdico, traz também a possibilidade de a criança representar, compreender e elaborar a sua realidade. No entanto, são poucos os momentos lúdicos que a criança tem na escola, no seu cotidiano, na família. Algumas estratégias da clínica psicanalítica com crianças podem ser uma possibilidade de não silenciamento das subjetividades e acolhimento das diversidades dessas crianças; um espaço de acolhimento às diferenças e de não adesão ao adestramento dos corpos.

(Des)construção de debates de gênero e sexualidade na Graduação em Psicologia

Gabriela Pereira Cavalcanti; Anna Julia de Melo Brandão

Palavras-chave: Formação do Psicólogo, Gênero, Sexualidade, Grupos Operativos

A construção de diálogos críticos e reflexivos constitui um elemento indispensável ao longo da formação em Psicologia, sobretudo quando envolve temáticas que atravessam raça, gênero, classe e sexualidade. Tais dimensões não apenas perpassam a teoria, mas também se manifestam de forma concreta na prática acadêmica e profissional. Nesse contexto, o presente trabalho busca problematizar o lugar das discussões sobre gênero e sexualidade na graduação em Psicologia, a partir de um relato de experiência vivenciado em um Centro Universitário localizado em Natal, Rio Grande do Norte. Orientadas pelos estudos de gênero e pela escuta psicanalítica, as autoras apresentam um relato de experiência referente à condução de grupos operativos, atividade prática realizada no 8º período da graduação, no âmbito da disciplina de Gênero e Sexualidade. Duas turmas foram contempladas pela intervenção, planejada e conduzida por discentes do mesmo período do curso. Inspiradas na metodologia de Pichon-Rivière, as estudantes propuseram momentos de debate sobre a constituição de gênero e suas implicações subjetivas e sociais, oferecendo um espaço de reflexão coletiva em sala de aula. A experiência evidenciou a potência dos grupos operativos como recurso pedagógico e formativo. Ainda que baseadas em um roteiro comum, as intervenções geraram repercussões singulares em cada turma, revelando tanto a diversidade de posicionamentos quanto a necessidade de espaços institucionais para o compartilhamento de vivências. O desejo de escrever sobre tais reverberações emerge da força desse encontro, em que a escuta se mostrou não apenas formativa, mas também mobilizadora. O referencial teórico que sustenta esta reflexão articula diferentes perspectivas críticas. A partir de Foucault (1975; 1979; 1999), discute-se a forma como discursos hegemônicos sobre gênero, sexualidade e normalidade funcionam como dispositivos de poder e de controle sobre os corpos e as produções subjetivas. Em diálogo com Butler (2018), destaca-se a crítica à matriz binária de gênero, profundamente enraizada na cultura ocidental e também presente na própria psicanálise, cuja tradição teórica é marcada por referências genitais e dicotômicas. Além disso, a análise das experiências foi conduzida com base na metodologia de práticas discursivas da Psicologia Social Construcionista proposta por Spink (2010), que permite compreender como discursos do cotidiano configuram sentidos e subjetividades. Os resultados apontam que os grupos operativos funcionaram como um dispositivo de escuta sensível, no qual os estudantes puderam compartilhar experiências e refletir criticamente sobre os atravessamentos de gênero e sexualidade em suas trajetórias. Tal vivência não apenas contribuiu para a formação ético-política dos discentes, mas também evidenciou a relevância de incluir, de modo sistemático, pautas voltadas às subjetividades dissidentes na formação em Psicologia. Em suma, a experiência reafirma a necessidade de espaços pedagógicos que integrem reflexão crítica, produção de sentidos e compromisso ético, compondo um processo formativo mais atento às complexidades contemporâneas do sujeito.

Eixo 5 — Corpo Histórico e Antropológico

O eixo Corpo Histórico e Antropológico aborda o corpo como locus de memória e narrativa, considerando suas dimensões ritualísticas, espirituais e culturais. Práticas religiosas, rituais ancestrais, modificações corporais e expressões de identidade são temas centrais que articulam as relações entre corpo, saúde coletiva e saberes transmitidos ao longo das gerações. Reúnem-se aqui projetos que resgatem práticas rituais afro-brasileiras como formas de fortalecimento identitário em comunidades marginalizadas, iniciativas voltadas para a valorização da memória corporal em comunidades indígenas, ou oficinas de dança e moda que celebrem narrativas corporais históricas e culturais.

Nós, Travestis: Corpos em Movimento e a Cultura como Disputa Simbólica

Sara Wagner York

Palavras-chave: Travestilidade, Corpo, Identidade, Gênero, Relativismo cultural e Poder simbólico

Nós, travestis, emergimos como corpos históricos em constante movimento. Não apenas nos deslocamos no espaço social, mas tensionamos o tempo, a linguagem, o simbólico. Em nossa existência cotidiana, inscrevemos marcas de resistência e de reinvenção diante das violências culturais, políticas e subjetivas que tentam nos reduzir à margem ou ao silêncio. Nossa travestilidade não é um dado biológico, tampouco um desvio de norma; ela é cultura — no sentido antropológico mais profundo: um sistema de significados compartilhados, uma prática simbólica, uma gramática encarnada. A cultura, enquanto construção social, é o terreno onde se disputa o que é aceitável, o que é nomeável, o que é visível. Nesse campo, o corpo travesti se faz ruptura e afirmação. A partir da psicanálise, compreendemos que o sujeito se constitui na linguagem, e é precisamente nesse campo simbólico que lutamos para existir. Somos nomeadas, muitas vezes, a partir de lugares de abjeção, e é por isso que reivindicar a linguagem — nomear-nos por nós mesmas — é gesto ético, político e antropológico. O etnocentrismo, que julga e mede o outro a partir de si, encontra paralelo no ciscentrismo e no binarismo de gênero. Contra essa lógica, propomos o relativismo cultural e epistemológico: entender nossos corpos, nossas práticas e identidades em seus próprios termos. A travestilidade não precisa ser traduzida pela lente da cisgeneridade — ela é uma cultura própria, um sistema de parentesco, um modo de vida e de produção simbólica que desafia as normatividades. A identidade travesti é performativa e histórica. Ela não é uma essência, mas um processo em constante negociação entre desejo, reconhecimento e resistência. Atravessamos o olhar social, muitas vezes patologizante, mas devolvemos esse olhar com uma ética de si que afirma nossas existências como legítimas e inteiras. A psicanálise nos ajuda a entender como o Outro nos constitui, mas também como podemos ressignificar esse Outro — não para destruí-lo, mas para deslocar seus lugares de poder. Falamos também de parentesco. Criamos famílias outras, laços de sangue simbólico, irmandades que desafiam o modelo hegemônico de organização social. Nossos vínculos são forjados na partilha da dor, da luta e da alegria de sermos quem somos. São modos de parentesco travesti que rompem com as normas do que é “família”, ampliando os limites do que é amor, cuidado e pertencimento. Por fim, não há como falar de corpos travestis sem falar de religião. Muitas de nós fomos expulsas dos templos, mas não da fé. Reconstruímos espiritualidades que nos acolhem, que fazem do sagrado uma experiência inclusiva. A religiosidade também é um campo de disputa simbólica, onde enfrentamos o uso político da fé para nos excluir, mas também onde encontramos forças para resistir. Este trabalho busca apresentar a travestilidade como experiência antropológica e psicanalítica complexa — um corpo em movimento que produz cultura, desafia o poder e reinventa a existência.

Pedagogias do patriarcado

PATRICIA FASUOLO SERFATY

Palavras-chave: Patriarcado, violência de gênero, psicanálise, misoginia, machismo

O que pretendo neste trabalho é explorar criticamente o sistema patriarcal e a violência de gênero cometida por homens sem antecedentes criminais, homens comuns que são capazes de romper com critérios de humanidade. O tema abrange tanto saúde sexual e reprodutiva das mulheres quanto violência de gênero, convidando a pensar os textos bíblicos como pedagogias que incorporam a lógica de dominação masculina. Minha análise concentra-se nas "pedagogias do patriarcado", que incluem as interpretações bíblicas distorcidas, construções sociais de masculinidade e feminilidade, e a objetificação dos corpos femininos e contra-hegemônicos. Tais pedagogias por se encontrarem no campo do sagrado se apresentam como simulacros do bem, o que as tornam socialmente aceitas e instrumentos de disseminação e perpetuação da violência encoberta presente na cultura do estupro e da pedofilia. O texto examina a violência doméstica e sexual, abordando temas como o estupro coletivo, a misoginia e o abuso sexual infantil, inclusive na pornografia. No sentido de pensar o centro da questão apresento a alegoria bíblica do crime de Onã, o homem que foi punido com a morte pelo delito de desperdiçar seu sêmen. A pesquisa embasada na análise de conteúdo proposta por Bardin adota uma abordagem multidisciplinar para discutir a perpetuação da violência de gênero e a apropriação dos corpos ancorando-se fundamentalmente nos campos da psicanálise e dos estudos sociológicos culturais. A relevância do estudo se baseia no que não é posto em jogo pela sociedade: por que os homens engravidam mulheres com a clara intenção de abandoná-las? Por que não são responsabilizados judicialmente pelo aborto masculino que diz respeito às cicatrizes emocionais de crianças abandonadas, sem o nome do pai no registro de nascimento e mulheres em situação de escassez financeira pela sobrecarga de criar seus filhos sozinhas? Stoltenberg apresenta a mitologia do feto como pênis, que é a noção de que o feto é uma pessoa, o que equivale dizer que seus direitos civis superam os de sua hospedeira. Uma forma de expressar que a matéria fetal tem valor que só o tecido peniano pode conferir. A barriga inchada da mulher grávida demonstra publicamente a virilidade reprodutiva do homem, cujo fluido foi depositado no interior da mulher e sua semente vingou. Abortar um feto seria o mesmo que cortar o próprio pênis. Pelo fato de o feto ser percebido com caráter fálico, sua chamada vida é muito valorizada, enquanto a vida real da mulher é inútil e invisível, já que ela não pode reivindicar potencialidade fálica. Os homens temem que, se suas mães realmente tivessem uma escolha, eles poderiam não ter nascido. Partindo desse liame entre psicanálise e cultura, trago o aporte de Donald Winnicott, que apresenta o conceito de experiência cultural que inclui os mitos da história, o pensamento filosófico e o manejo de grupo e da religião, conceito que nos ajuda a pensar o porquê da naturalização da violência de gênero que se sustenta na lógica misógina do patriarcado.

Discursos e representações dos corpos durante a Ditadura Militar no Brasil (1968-1979)

ANDERSON DA SILVA SOARES

Palavras-chave: Corpo, Ditadura, Representação, Discurso

O objeto deste trabalho é a contextualização das representações e discursos sobre os corpos humanos produzidos nos anos de vigência do AI-5 durante a ditadura militar no Brasil. Para historicizá-los, analisamos documentos originários dos órgãos de censura e repressão (principalmente os da DCDP: Divisão de Censura de Diversões Públicas), cartas de cidadãos comuns endereçadas ao governo, registros de memórias, matérias de revistas e produção bibliográfica sobre o recorte temporal pesquisado. A partir da análise documental, sustentamos nosso questionamento sobre o contexto das enunciações e dos silenciamentos, que construíram estereótipos imagéticos-discursivos, verdades e naturalizações sobre os corpos daquele contexto. A problemática deste trabalho nos aponta a compreensão do corpo como um locus privilegiado para a historicização da produção de discursos e elementos simbólicos que sustentaram a relação entre as questões macrossociais e micropolíticas durante a ditadura militar no Brasil. Este processo de historicização do corpo possibilitou compreender as dinâmicas de poder e circulação de saberes que substanciavam os discursos e representações presentes nos pareceres dos órgãos de censura e repressão, os quais alegavam, com radicalidade, a “defesa da moral e dos bons costumes”. A criminalização e estigmatização de corpos considerados “indesejáveis”, “desviantes” e “imorais” nos pareceres revelaram a presença de uma pedagogia autoritária e saneadora. Assim, concluímos que o regime ditatorial não se

sustentou ou se impôs apenas com base em aparatos bélicos e repressivos. Neste desafiante processo de historicização, está presente o reconhecimento da dimensão política e simbólica da utilização da tortura, apontando-a como deliberado desejo de ataque e correção aos corpos rebelados, bem como exaltação do poder punitivo extremado. Estão inclusos neste processo de historicização a relação da ‘moral revolucionária’ das esquerdas do período com os corpos e a resistência dos artistas diante do violento processo de vigilância, censura e repressão de suas produções durante a vigência do Ato Institucional nº 5. Apontando como corpos também foram palco de luta, resistência e simbolizavam dimensão política diante de ataques diretos aos sujeitos transgressores e rebelados. O corpo histórico e antropológico investigado neste trabalho é o corpo carregado de camadas simbólicas, investimentos discursivos e de uma historicidade que revela os sentidos e significados de um determinado contexto temporal.

Rupturas e epistemologias insurgentes: descolonizando a formação do bailarino clássico na ETDUFPA

João Carlos Cunha Dergan; Francisco Clever Ferreira Lobato Junior; Stella Sabrina Sther Mendes Ferreira

Palavras-chave: *Epistemologia, insurgencia, balé, corpo*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 10 - Deslocamentos Epistêmicos: Decolonialidade, Corpos Dissidentes e Outras Ontologias — por João Carlos Cunha Dergan

■ Assistir: [Português](#)

Este estudo propõe uma análise autoetnográfica performativa acerca das relações entre corpos de pessoas com deficiência e os regimes sociais e culturais que historicamente os tornaram visíveis ou invisíveis. O problema de pesquisa situa-se na persistente marginalização da deficiência no campo do balé clássico, marcada pelo ideal de corpo técnico, simétrico e disciplinado. O objetivo geral consiste em compreender como bailarinos com deficiência, ao ocuparem a cena, produzem deslocamentos epistemológicos e reconfiguram os sentidos de técnica, beleza e legitimidade na arte. A investigação adota como metodologia a autoetnografia performática, compreendida como prática de pesquisa que une narrativa pessoal, reflexão crítica e encenação da experiência no ato da escrita. Segundo Spry (2001), a autoetnografia performática busca articular a subjetividade encarnada do pesquisador à crítica social e cultural, transformando a escrita em ato estético-político. Nessa mesma direção, Bochner (2000) entende a autoetnografia como escrita evocativa, capaz de mobilizar a experiência pessoal para iluminar dimensões mais amplas da vida social. Os resultados revelam que a presença de corpos dissidentes na cena não apenas expõe os limites de uma gramática corporal hegemônica, mas também instaura novas formas de criação, afirmando a diferença como potência poética e política. No caso da ETDUFPA, a entrada de estudantes com deficiência simboliza um gesto de ruptura epistêmica, em que a diversidade corporal ressignifica os parâmetros de excelência e amplia os horizontes da formação artística. Conclui-se que esta experiência contribui para a constituição de uma dança insurgente, produtora de saberes e capaz de instaurar novas epistemologias no campo da dança clássica

Entre máscaras e memórias: Anastácia e a herança do silenciamento nas mulheres negras periféricas

MARIA SOLINEIDE OLIVEIRA ALENCAR

Palavras-chave: *Anastácia, mulheres negras, silenciamento, periferia, espiritualidade*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 09 - Corpos, Gênero e Violência Estrutural: Do Patriarcado à Resistência — por MARIA SOLINEIDE OLIVEIRA ALENCAR

■ Assistir: [Português](#)

Este resumo apresenta uma reflexão sobre a figura de Anastácia, mulher negra escravizada, marcada por intensas violências históricas e simbólicas. Tida como uma santa popular, mesmo sem canonização oficial, Anastácia emerge do imaginário coletivo como representação do sofrimento e da resistência de mulheres negras submetidas ao cativeiro, à tortura e ao silenciamento. O estudo parte da imagem de Anastácia — com o rosto coberto por uma máscara de ferro — para propor um paralelo com as condições contemporâneas das mulheres

negras periféricas, que seguem sendo silenciadas por outras formas de máscara: o racismo estrutural, o machismo institucionalizado e a visibilização midiática e acadêmica. O objetivo geral é tensionar as construções sociais que separaram Anastácia da figura de Maria, mãe de Jesus, tida como símbolo de pureza, para refletir como o corpo negro feminino foi historicamente destituído de valor sagrado, mesmo quando atravessado por experiências de martírio. A metodologia utilizada é qualitativa, com base em revisão bibliográfica crítica interdisciplinar (história, feminismo negro, teologia popular e estudos culturais), amparada nas obras de Sueli Carneiro, Grada Kilomba, Djamila Ribeiro e Lélia Gonzalez, além da análise iconográfica de representações de Anastácia. Os resultados apontam que a santificação popular de Anastácia representa uma reconfiguração simbólica coletiva das experiências de dor e resistência de mulheres negras. Sua imagem se converte em território de memória e fé, ressignificando o sofrimento como força ancestral. Ao compararmos com a realidade das mulheres periféricas atuais, observa-se que o silenciamento e a exclusão continuam, embora agora travestidos de políticas públicas insuficientes, criminalização da pobreza e deslegitimação de suas vozes nos espaços de decisão. O reconhecimento de Anastácia como mártir é, portanto, também um gesto político, que reafirma a espiritualidade e a dignidade do corpo negro feminino como forma de insurgência.

Conclui-se que, ao evocar Anastácia como figura de resistência e sacralidade periférica, este estudo contribui para repensar as fronteiras entre fé, política, memória e justiça social, promovendo um deslocamento epistemológico que recusa o silêncio imposto às mulheres negras, ontem e hoje.

Uma permissão para esquecer: memória, testemunho e intergeracionalidade no luto, a partir da perspectiva da psicanálise

Maria Isabel Rosa da Silva Arello

Palavras-chave: Psicanálise, luto, dimensão social

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 09 - Corpos, Gênero e Violência Estrutural: Do Patriarcado à Resistência — por Maria Isabel Rosa da Silva Arello

■ Assistir: [Português](#)

O luto representa um fenômeno multifacetado: trata-se de uma experiência subjetiva, mas não se reduz a ela, na medida em que possui também outras dimensões, como a social e a simbólica. A perda de um ente querido não se esgota no desaparecimento biológico; exige inscrição discursiva para que possa haver elaboração psíquica e social. Nesse contexto, a memória se apresenta como ferramenta de resistência ao silenciamento, enquanto o esquecimento - frequentemente percebido como apagamento - pode adquirir um sentido ético. Endo (2013) descreve essa possibilidade de um “esquecer sem culpa e lembrar com saudades”, sugerindo que o esquecimento pode coexistir com a preservação do vínculo e da presença simbólica daquele que partiu. O objetivo deste estudo é analisar, a partir da perspectiva da psicanálise lacaniana, sobre o esquecimento no luto como gesto ético, capaz de coadunar memória, saudade e continuidade simbólica. A metodologia adotada foi bibliográfica e exploratória, articulando contribuições da psicanálise e da literatura sobre luto, memória e esquecimento. Foram analisados Dunker, que discute a narrativa como operadora do trabalho de elaboração; Groisman, que distingue entre esquecimento cognitivo e esquecimento social; e Endo, que concebe a memória como última fronteira contra o desaparecimento, mas também como espaço de reconciliação com a perda. A literatura, representada por Guimarães Rosa, acrescenta a noção de encantamento como forma de resistência ao apagamento da presença simbólica. A reflexão é ampliada ainda pela noção de testemunho, proposta por Seligmann-Silva, Ginzburg e Hardman (2012), que evidencia que lembrar e narrar não são apenas atos individuais, mas dispositivos éticos e coletivos capazes de transmitir experiências de dor e de resistência às gerações futuras. Os resultados apontam que, no luto, esquecer não equivale a apagar. Pelo contrário, o esquecimento pode ser sustentado por memoriais e marcas simbólicas, garantindo a preservação da lembrança. A memória, nesse contexto, se configura como dispositivo intergeracional e testemunhal, permitindo que a experiência da perda seja transmitida e vivida de forma compartilhada. O testemunho, enquanto prática discursiva, transforma a ausência em presença social, assegurando que os rastros da vida continuem ativos no tecido coletivo. Conclui-se que o esquecimento no luto pode ser compreendido como gesto de cuidado. A permissão para esquecer, ao lado da memória intergeracional e do testemunho, sustenta vínculos simbólicos e assegura a continuidade da presença daquele que partiu. Esse olhar amplia a compreensão do luto, revelando sua

dimensão ética, social e poética, e evidencia a importância da memória e do testemunho como instrumentos de resistência contra o apagamento e de preservação simbólica n(d)a vida coletiva.

Elementos para uma virada ontológica na psicanálise: diálogos com o pensamento ameríndio e com as religiões de matriz africana

Marcos de Jesus Oliveira

Palavras-chave: *Psicanálise, virada ontológica, pensamento ameríndio, religião de matriz africana*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 10 - Deslocamentos Epistêmicos: Decolonialidade, Corpos Dissidentes e Outras Ontologias — por Marcos de Jesus Oliveira

■ Assistir: [Português](#)

Diferentemente da chamada “virada linguística”, cuja característica principal esteve amiúde na ênfase do papel mediador da linguagem, da cultura e das estruturas simbólicas como forma de acesso à realidade, a “virada ontológica” tem buscado a compreensão dos entes que a constituem para além do que é ou do que pode ser dito. O “realismo especulativo”, a “ontologia orientada a objetos” e os “novos materialismos” são exemplos da destituição da centralidade da epistemologia inerente ao projeto da virada linguística, numa tentativa de ensejar uma perspectiva não-antropocêntrica em que humanos, não-humanos e seres mais-que-humanos passem a ser cada vez mais fundamentais na teorização da realidade, sobretudo, em seus potenciais de agência. Quais são as possíveis implicações da virada ontológica para a metapsicologia e para a clínica psicanalíticas, sobretudo, aquela elaborada pela antropologia em seu diálogo com as populações ameríndias e com as religiões de matriz africana? Aqui não se pretende, obviamente, responder à questão de modo definitivo, mas usá-la como mote para aportar um conjunto de reflexões sobre o que acontece quando o sujeito já não é mais pensado quase que exclusivamente pela realidade psíquica redutível aos efeitos da linguagem e das estruturas simbólicas. Ainda que o real lacaniano como a dimensão da existência que está além do sentido e do significado humanos apresente respostas possíveis à problemática do presente ensaio, a releitura deste real pela produção antropológica do final do século XX sobre as populações ameríndias e sobre as religiões de matriz africana apresenta caminhos igualmente frutíferos e, quiçá, inteiramente diferentes. O pressuposto de base é de que a construção de referências segundo as quais o “sujeito” é um ente que existe, age e se relaciona com outros entes que não são meros investimentos psíquicos internos ou suportes de projeções e fantasias internas pode ser um dispositivo metapsicológico e clínico interessante pelo qual se deixa de apreender o ente por concepções a priori para tomá-lo em sua corporalidade radical, um exercício de uma psicanálise sem álbi, para dizer derridianamente, ou, ainda, uma inspirada no “teatro da crueldade”, para dizer com Antonin Artaud.

Migração e exclusão nas sociedades coloniais

Carlos Mendes Rosa; Joana De Vilhena Novaes

Palavras-chave: *Corpo, migração, exclusão social, decolonialidade*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 10 - Deslocamentos Epistêmicos: Decolonialidade, Corpos Dissidentes e Outras Ontologias — por Carlos Mendes Rosa

■ Assistir: [Português](#)

O presente texto configura-se como parte de uma pesquisa de pós-doutoramento de um dos autores. No referido estudo, buscou-se refletir acerca das formas de sofrimento que emergem como consequências do que podemos denominar de “políticas de inanição”, determinadas pelos cortes sistemáticos de verbas e financiamentos públicos durante o período de 2018 a 2022, bem como aquele relacionado aos discursos de ódio. Nesse contexto, os corpos migrantes acabam parando e se instalando nas periferias das grandes cidades. Esse movimento pode ser observado através do prisma capitalista da higienização dos espaços turísticos, da ótica utilitarista da contenção dos pobres em um espaço único (o que facilita a vigilância, as políticas assistenciais e também as políticas de morte) e ainda pela lente dos direitos humanos contra hegemônicos que veem ali focos importantes de resistência. É justamente a pluralidade das periferias que nos direciona ao diálogo e à convivência. Essa é uma condição particular que

pressupõe a superação da dicotomia entre nós e eles e da confusão entre “estar no entorno” e “ser o entorno”. É como se, no caso das periferias, a fonte de riqueza de sua própria identidade narrativa fosse também a fonte de muitas de suas contradições em nossa sociedade. As narrativas das periferias carregam saberes subjugados (suas histórias orais, as resistências cotidianas, práticas coletivas e comunitárias). Essa biblioteca viva é um poderoso patrimônio humano contra hegemônico — uma espécie de antídoto contra a monocultura do pensamento burguês. É importante salientar que tais contradições não são intrínsecas às próprias periferias, mas reflexo de violências históricas: o racismo, a necropolítica do Estado, a exclusão social e territorial. A pluralidade periférica não é problema a ser corrigido, mas um projeto político em construção. Da mesma forma, suas contradições não são falhas, mas sinais de que a luta por direitos se dá em um campo minado por hegemonias, ou seja, a escuta dessas narrativas — sem os filtros coloniais costumeiros — é o único caminho para a produção de direitos humanos que dignifiquem a humanidade em sua condição plural. O direito à cidade decolonial é, pois, um processo de desobediência espacial: a favela que planta horta no lote vago; o quilombo que ergue escola no terreiro; a ocupação que transforma prédio abandonado em centro de cultura. Neste sentido, recusar a cidade como máquina de morte equivale à sua refundação enquanto tecido vivo de convivências anticoloniais. Conforme antecipou com aguda clareza Certeau, - “todo uso é uma invenção”. Nas periferias da cidade colonial essa invenção torna-se revolução. Funk como ocupação sonora e política, grafite como escrita marginal e contestadora, mas igualmente, redesenhando o cinza da paisagem urbana. A bricolagem decolonial não se limita a um mero “fazer com o que se tem à mão” — vai além, resistindo à lógica do colonizador com as sobras por ele descartadas. A horta no lote, a escola no terreiro, o baile na laje: cada gesto ou acontecimento convertem-se em um ato de guerrilha semiótica, reescrevendo e (re)encantando o mundo.

Eixo 6 — Corpo Político e Marginalidades

No eixo Corpo Político e Marginalidades, o corpo é pensado como território de resistência frente às necropolíticas, destacando a inclusão de corpos marginalizados, como pessoas negras, trans, LGBTQIAPN+, migrantes e com deficiência. Este eixo reúne propostas como a criação de espaços de escuta para corpos dissidentes em periferias urbanas, ações artísticas que denunciem a violência contra corpos marginalizados, ou projetos que integrem a psicanálise em redes de apoio à acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho ou em atividades culturais.

Dos males aos Malês: o inconsciente e a política

Fabíola Menezes De Araújo

Palavras-chave: *Inconsciente, Freud, Lacan, Lélia Gonzalez*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 08 - A Ética da Psicanálise e os Corpos Dissidentes: Para Além do Édipo e da Norma — por Fabíola Menezes De Araújo

■ Assistir: [Português](#)

As palavras deste sacrifício visam ao Ser. O seu destino é o Plano do Simbólico. Nosso objetivo é refletir sobre a estrutura racista e misógina que insiste em nos decapitar em função de conflitos de difícil dissolução. O ato em si de criação e de recriação de conceitos formulados a partir da psicanálise será o nosso principal objetivo. Desejamos curar um inconsciente doente, o moderno da contemporaneidade. Para combater o caráter diabólico do inconsciente de que vamos falar, estipulamos, de antemão, que se ater ao Plano do Simbólico apenas é insuficiente. Para o real 'sair da Caverna', o uso do vocabulário da psicanálise apenas é pouco. Precisamos de Jacques Lacan em português. A Música Brasileira, em todas as suas vertentes, já deu provas de sua capacidade de superação. O caráter musical do povo brasileiro nasce de sofrimentos invisibilizados. Nossa base conceitual se divide em três noções livremente criadas a partir de três autores diferentes, quais sejam: Sigmund Freud, Jacques Lacan e Sócrates. Para pensar a estrutura misógina que insiste em se reproduzir no espaço onde habitamos como um mal criamos algumas noções, quais sejam: a de inconsciente freudiano, a de inconsciente lacaniano e a de inconsciente socrático. Nessas noções, visamos unir os planos do Simbólico, do Imaginário e do Real em um combate pela filosofia brasileira, propondo reflexões sobre o Ser invisível que tanto nos marca: as consequências de uma sexualidade recalcada em meio a nossas diferenças de gênero, e de etnia, bebê.

Resenha cinematográfica: Coisa mais linda x Gabriela: será que a mulher já deixou de ser patrimônio público?

Carliane Mendes de Oliveira; Mariana Colares; Ana Beatriz Silva de Oliveira

Palavras-chave: *Feminilidade, Psicanálise, Direito*

Este resumo tem como problemática de pesquisa a relação entre Feminilidade, Direito e Psicanálise. Essa temática foi escolhida devido à sua relevância, considerando que, apesar dos inúmeros avanços nos direitos das mulheres, esses ainda são recentes e pouco consolidados, estando sob constante ameaça de retrocessos. O objetivo geral do estudo foi explorar a experiência de ser mulher a partir de uma análise crítica da novela Gabriela e da série Coisa mais linda. Para isso, elaborou-se uma linha temporal marcada pela cinematografia, destacando a evolução dos direitos das mulheres, sua independência corporal e a luta pela vida enquanto sujeito desejante. A metodologia empregada caracteriza o presente estudo como teórico e de base documental, uma vez que foram analisados materiais que ainda não receberam tratamento analítico. Assim, cenas e diálogos de ambas as obras citadas foram tomadas como material de análise e articuladas com outras fontes de informação, tanto teóricas quanto estatísticas. Desse modo, ao longo da investigação realizada, alguns aspectos se destacaram como mais significativos. Em

ambas as obras analisadas, o feminicídio surge como uma questão emergente e se apresenta como o ápice da violência perpetuada contra as mulheres. Essa forma de violência não se limita à cinematografia ou ao passado, sendo hodiernamente uma questão manifesta. Na série “Coisa mais linda”, outros aspectos da experiência de ser mulher são explorados. A narrativa nos permite refletir e discutir sobre a violência de gênero em ambiente doméstico e laboral, a dupla jornada de trabalho e a discrepância entre os salários de homens e mulheres. Além disso, a série aponta para outro debate imprescindível: a experiência de ser mulher a partir de aspectos interseccionais. Assim, destacam-se as particularidades das vivências da mulher negra e da mulher que se relaciona com outras mulheres. Desse modo, ser mulher não pode ser tomado como uma forma de ser homogênea. Os marcadores sociais atribuídos a cada sujeito conferem contornos únicos à vivência feminina, gerando sofrimentos e formas de resistência que também são singulares. Embora ambas as obras retratem momentos históricos pregressos, possibilitam questionar o quanto a sociedade mudou. Considerando que as primeiras mudanças significativas nos direitos das mulheres, como as trazidas pela Constituição de 1916, têm pouco mais de 100 anos, percebe-se que os avanços conquistados ainda são recentes e pouco consolidados. Isso remete diretamente às gerações de mães e avós atuais, destacando a fragilidade das conquistas e a necessidade contínua de luta. Por fim, vale destacar que a psicanálise se desenvolve em uma estrutura patriarcal que gesta violência contra as feminilidades, ao reconhecer este aspecto é preciso pensar criticamente acerca dos conceitos e intervenções empreendidas. Para assim, torna-se uma ciência e forma de cuidado que não age favorecendo a manutenção dessas violências. Os achados aqui destacados evidenciam a atualidade e a necessidade desta discussão, entender o ser mulher a partir de suas diversas faces enriquece a prática psicanalítica e possibilita a compreensão de que os direitos adquiridos não são uma garantia, há uma necessidade constante de um olhar e movimento ético político acerca da problemática.

Entre Iroko e Exu: a clínica como gira de travessias e desobediências

Camila Ferreira

Palavras-chave: Ancestralidade, Aquilombamento, Contracolônia

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 08 - A Ética da Psicanálise e os Corpos Dissidentes: Para Além do Édipo e da Norma — por Camila Ferreira

■ Assistir: Português

Este artigo apresenta uma reflexão aprofundada sobre a experiência na clínica social e política Ilê Axé Morada Terapêutica, explorando a complexa teia de relações entre a prática terapêutica, os saberes ancestrais e os atravessamentos socioculturais que moldam a subjetividade. A autora propõe uma abordagem que transcende a tradicional dicotomia entre mente e corpo, razão e emoção, defendendo a importância de uma escuta sensível e ressonante, da intuição e da capacidade de sentir o mundo através de outros sentidos (cosmosensação e cosmopercepção) para acolher a multiplicidade de experiências e narrativas que emergem no encontro analítico. O processo terapêutico é compreendido como uma intrincada jornada labiríntica, onde o sujeito encontra ecos de memórias, dores, conflitos e crises que se entrelaçam no tempo. Essa imersão convoca uma percepção de temporalidade alinhada a Kairós (o tempo qualitativo e oportuno para a realização do sentido) e a Iroko (a ancestralidade que enraíza o processo no contínuo histórico e existencial, oferecendo um senso de pertencimento). É nessa desordem aparente, onde os fios da vivência se emaranham, que a clínica se propõe a atuar, guiando o olhar para além do mensurável e do cronológico. No cerne dessa abordagem, valoriza-se a “escrivência”, conceito cunhado por Conceição Evaristo, que ressalta a importância das experiências vividas como forma de conhecimento e expressão da identidade. A clínica é concebida como um espaço onde as histórias revelam camadas profundas do ser, possibilitando a decifração dos afetos como forças que habitam o indivíduo, que influenciam sua percepção do mundo, das relações interpessoais, e o seu modo de sentir e agir. A metáfora da travessia marítima ilustra o percurso clínico em que o sujeito embarca em uma “nau egóica” para explorar o mar do inconsciente, buscando tomar consciência dos complexos e das dinâmicas sociais que o atravessam. Na vastidão do inconsciente coletivo e cultural, os arquétipos – como substrato de vivências da humanidade – manifestam-se como mananciais de energia que perpassam e impactam profundamente a constituição e as experiências do ser. A cultura ocidental, moldada pelo capitalismo e suas ramificações (branquitude, racismo, outras violências) e marcada pela racionalidade cartesiana, estabelece uma estrutura que silencia e deslegitima modos plurais de existência e conhecimento, culminando em adoecimento. A clínica é, portanto, proposta como um vital espaço de resistência e aquilombamento, onde o sujeito,

em comunidade, pode se reconectar com sua própria história e potência, tecendo um processo de descolonização do ser. As expressões culturais afro-diaspóricas são apresentadas como uma tecnologia ancestral de apoio terapêutico, como ilustrado pelo caso de J., uma analisanda que busca reapropriar-se do seu corpo como fonte de axé e prazer e uma nova perspectiva de feminilidade através da figura simbólica e transformadora da Pombagira. Conclui-se que a clínica tem um papel político fundamental na sociedade contemporânea. A exuística, como prática clínica inspirada na figura do orixá Exu, emerge como uma forma de subverter a lógica dominante, promover o diálogo e facilitar o ir além do limiar conhecido, possibilitando a reinvenção do tempo-espço existencial e a manifestação da potência.

A autoficção O Parque das Irmãs Magníficas: o espelho inverso e a gratuidade do mal

Michele Calheiros

Palavras-chave: *Autoficção. Travesti. Gratuidade do mal. Psicanálise. Necropolítica*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 07 - Inconsciente, Ancestralidade e Contranarrativas: Epistemologias de Resistência — por Michele Calheiros

■ Assistir: [Português](#)

Este resumo apresenta a narrativa de cunho autobiográfico da obra *O Parque das Irmãs Magníficas* (2021) cujo enredo central descreve a vida cotidiana de uma travesti refém da prostituição, sobretudo solapada pela ditadura da imagem e pelas feridas obscenas da vida nua das ruas em comunhão com a soberania do biopoder. Adentramos a narrativa da violência cotidiana vivida por um grupo para refletir sobre o insuportável terror submetido por certas existências, capitaneado por uma sociedade que se nega a ver e, por vezes, expõe um discurso que se mascara por detrás de palavras acadêmicas vazias de representação para o todo. Por outro lado, apesar do cenário de violência narrada no território do desumano, encontramos poesia e realismo fantástico, como possibilidade de uma construção de si reparadora. A relevância do tema são as ligações entre o aparato biopolítico e as técnicas necropolíticas. O objetivo geral do trabalho é interrogar a qualidade do estranho freudiano através do espelho invertido do duplo, a partir de uma obra autoficcional da travesti latino-americana Camila Sosa Villada, visando compreender a gratuidade do mal a estes corpos. Ao enfatizar o caráter enigmático da cegueira deliberada ata-se uma cumplicidade cruel aos corpos pavoneados vulneráveis. O recurso metodológico parte da anamnese dos elementos textuais d'O parque das irmãs magníficas em diálogo com o texto de Freud – O estranho (1919) e Os três ensaios da teoria da sexualidade (1905) –, nos permitindo fundamentar concordâncias com a biopolítica e a era farmacopornográfica de Paul Preciado, em *Testo Junkie* (2023). Os principais aspectos alcançados com o cruzamento das fontes de investigação refere-se, ao corpo pavoneado como produto de uma indústria farmacopornográfica legitimando apenas os que fazem parte do pacto civilizatório normativo de classe, raça e gênero. Sendo assim, o outro na qualidade de imagem invertida do estranho, ou, do duplo maligno pode ser entregue a gratuidade do mal das pulsões parciais do olhar societário pela crueldade, posse e dominação. A cegueira delibera inclui uma sociedade que tende a naturalizar violências que são impostas socialmente e a cumplicidade cruel seria abster-se frente a política de morte vivida por certas existências. Por fim, seguindo o alerta de Preciado (2023) se existe uma tecno-Barbie eternamente jovem, hipersexualizada e completamente infértil, ou, um supermacho estéril, é, aí que está a indústria farmacopornográfica. No caso do corpo travesti, este não seria o mesmo corpo fabricado das heteronormatividades, e por isso, explicaria o despertar do terror e da fascinação.

Na encruzilhada da carne e do vento: Pomba Gira, memória negra e os ecos de um passado que não passa

Clodoaldo Matias da Silva; Maria Eduarda Moraes da Silva

Palavras-chave: *Corporeidade negra periférica, Necropolítica, Pomba Gira, Psicanálise comunitária, Resistência sensorial*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 07 - Inconsciente, Ancestralidade e Contranarrativas: Epistemologias de Resistência — por Clodoaldo Matias da Silva

■ Assistir: [Português](#)

Este artigo investiga como corpos negros periféricos de Manaus-AM., atravessados por interseções com identidades trans, LGBTQIAPN+, trajetórias migrantes e deficiências, convertem-se em territórios de resistência frente às necropolíticas que administram o viver e o morrer nas franjas urbanas. A figura ritual de Pomba Gira é tomada como operador epistêmico capaz de condensar, em cheiro, riso e giro, as memórias de violência racial e de gênero que conformam a experiência desses sujeitos. Partindo da hipótese de que o corpo negro periférico funciona como arquivo sensorial insurgente, o estudo demonstra que a performance ritual, ao mesmo tempo em que denuncia a produção estatal de morte, coreografa futuros de liberdade e reencantamento do desejo. A pesquisa adota abordagem qualitativa combinando etnografia sensorial (registros audiovisuais, mapas olfativos e notas táteis) em terreiros e ruas das zonas Leste e Norte de Manaus (2023-2025), entrevistas semiestruturadas com lideranças religiosas, ativistas e terapeutas psicanalíticos de base comunitária, além de revisão crítica de literatura sobre necropolítica, trauma racial e epistemologias afro-diaspóricas. A psicanálise, aqui acionada como ferramenta de escuta radical, lê nos sintomas corporais — tremores, apagões de memória, dores autoimunes — os reflexos da violência estrutural, propondo dispositivos coletivos de elaboração do luto. Já a lógica da encruzilhada, inerente ao culto de Exu e Pomba Gira, serve de matriz teórico-metodológica para suspender a linearidade temporal e articular passado escravista, presente policial e porvir pluriversal de reexistência. Os resultados apontam três potências políticas emergentes. Primeira: círculos itinerantes de escuta psicanalítica em periferias, coordenados por terapeutas negros e trans, que transformam o luto racial em pedagogia do cuidado mútuo. Segunda: ações artísticas de rua — performances, murais olfativos e rodas de dança — que publicizam as violências policiais e geram renda criativa, restituindo a esses corpos o direito de ocupar o espaço urbano com festa e denúncia. Terceira: protocolos intersetoriais de acessibilidade que cruzam ergonomia, saberes de terreiro e direitos humanos, garantindo inserção laboral de pessoas com deficiência e acolhimento de migrantes racializados. Em todos os casos, o corpus sensorial da gira — perfumes, cantigas, batidas de atabaque — funciona como gramática política de reivindicação de vida digna. Conclui-se que reconhecer o corpo negro periférico como arquivo vivo exige redes transversais de cultura, saúde e pesquisa que preservem a memória sensorial da encruzilhada. Recomenda-se a institucionalização de observatórios de dados sensoriais para registrar ruídos, odores e atmosferas gerados por celebrações de rua, transformando tais indicadores em métricas de vitalidade comunitária a orientar políticas antirracistas. Propõe-se ainda incluir nos currículos de formação em saúde, serviço social e artes módulos sobre corporeidades dissidentes e saberes de terreiro, de modo a formar profissionais sensíveis às múltiplas violências que atravessam esses corpos. Ao girar entre a rua e o altar, Pomba Gira revela que a luta contra a necropolítica se faz em cheiro, som e riso — e que todo arquivo que ignore essa vibração continuará reproduzindo o silêncio colonial que insiste em controlar, disciplinar e matar.

Onde se dançam os corpos marginais? o Baile da Paz, o resgate dos Bailes de Corredor e a valorização das expressões culturais periféricas no Recife (2015-2025)

Isnaldo Fernandes da Silva Júnior

Palavras-chave: Baile da Paz, Corpos marginais, Recife, Bailes de corredor, Expressões culturais

O exercício da corporeidade implicou, ao longo da história humana, na reafirmação da existência por meio das práticas culturais e dos costumes forjados nas relações sociais, os quais expressam uma dimensão simbólica do “ser” e correspondem ao caráter de definição das identidades, sejam elas individuais ou coletivas (Le Breton, 2011, p. 18). No entanto, observa-se que, na sistematização dessas expressões, alguns corpos (em sua maioria negros e periféricos) são ocultados em detrimento de outros, sendo dissociados da existência padronizada que configura a hegemonia cultural ou, ainda, subalternizados em suas representações. Por sua vez, esses corpos são frequentemente reduzidos a uma dimensão utilitária da força de trabalho, associados à produção acumulativa de bens econômicos destinados às elites (González, 2020, p. 27). Invalida-se, desse modo, qualquer forma de expressão cultural a partir da existência desses corpos. Posta essa dimensão, a presente pesquisa propõe-se a analisar o Baile da Paz, realizado no Recife, como um resgate direto das relações culturais periféricas. O movimento configura-se como uma iniciativa inspirada nos antigos “Bailes de Corredor” e/ou de “Galera”, nos quais se reunia a juventude periférica e se ensinava, a partir de uma dimensão lúdica, uma performance de confronto físico entre grupos rivais locais, ao som de “paredões” que ecoavam e inflamavam a disputa ao seu “alemão” (Neves, 2018, p. 71). Duramente reprimidos pelo aparato jurídico-policial entre a década de 1990 e o início dos anos 2000 (Cymrot, 2012, p. 177),

esses encontros têm sua memória cultural retomada e reafirmada no presente, como forma de contornar determinações impositivas sobre o que se compreende como cultura. Na esteira desse movimento, o objetivo central deste trabalho é dimensionar a importância do Baile da Paz, iniciado em 2015 no Recife, enquanto espaço de reafirmação da identidade de sujeitos periféricos da cidade, de forma a potencializar suas práticas, danças e expressões corporais tangíveis. Levando em consideração que as reflexões da pesquisa estão adstritas à dimensão cultural e fundamentadas em uma base dialética, a metodologia adotada concentrou-se na análise de fontes secundárias que se enquadram na História do Tempo Presente, como matérias jornalísticas com considerações sobre o Baile da Paz, registros visuais (a exemplo de flyers de divulgação) e conteúdos digitais produzidos pelo próprio evento, referentes ao período de 2015 a 2025. Nesse sentido, chegou-se aos seguintes resultados: assim como nos antigos Bailes de Corredor, as comunidades ainda se organizam em “bondes” ou “galeras”, preservando o sentido original do movimento. No entanto, este é repaginado, passando a propagar o ideal de paz e solidariedade em conexão com todas as comunidades que participam dos bailes, e não mais afluindo o princípio do ethos guerreiro (Cecchetto, 1997) como premissa fundamental dos encontros. Outrossim, identificaram-se ações assistenciais da organização voltadas às comunidades, reforçando um caráter não apenas de suporte cultural, mas também social. Os achados desta pesquisa evidenciam, portanto, que o Baile da Paz (2015-2025) não apenas resgata elementos históricos dos antigos Bailes de Corredor, mas também se consolida como um espaço de resistência, (re)afirmação identitária e assistência social das comunidades periféricas do Recife.

Poéticas da sobrevivência: canibalismo, arte queer contemporânea e psicanálise

Samuel Alexandre de Almeida Batista

Palavras-chave: *Canibalismo simbólico, psicanálise, estética queer, poéticas da sobrevivência, corpo dissidente*

Este trabalho parte da problemática da representação da violência e do trauma na arte contemporânea, especialmente em produções queer e dissidentes, para propor uma reflexão sobre o canibalismo e violência simbólica como linguagem estética e recurso de análise psicanalítica. Em contextos marcados por marginalização, normatividades clínicas e exclusões históricas, imagens-limite como a devoração, a brutalidade erótica e o corpo em sacrifício emergem não como patologias, mas como dispositivos de sobrevivência, reinvenção e resistência subjetiva. O objetivo central é a análise da expressão cultural em obras audiovisuais, composições estéticas contemporâneas como as narrativas à arte experimental a seu modo reconfiguram a violência em metáfora estética. A pesquisa mobiliza referenciais teóricos para compreender como o gesto de consumo sexual-canibal, reinscrito por artistas queer, atua como contradiscurso e tecnologia de subjetivação. A metodologia adotada é qualitativa e interdisciplinar, combinando análise cultural e estética. O ato de violência, para além do espetáculo visível, evidencia camadas simbólicas e afetivas. Uma abordagem que permite articular elementos estéticos na interpretação das representações da dor, do trauma e do canibalismo simbólico, situando obras no contexto das práticas queer e dissidentes. A perspectiva psicanalítica fundamenta a leitura do canibalismo como elemento constitutivo das relações objetais e como metáfora de consumo/destruição do corpo racializado e dissidente, enquanto contribui para interpretar a hibridiz e o pós-humanismo dessas subjetividades. Os resultados parciais indicam que, ao reinscrever a violência em chave simbólica, a arte queer transforma o estigma em potência criativa. As imagens de dor, deslocam o espectador, convocando-o a uma posição ética e afetiva que rompe com o consumo passivo. Nessas poéticas da sobrevivência, a devoração torna-se gesto político: devoram-se estereótipos, traumas e narrativas coloniais, devolvendo ao espaço cultural corpos que resistem e reimaginam a complexidade do desejo. Conclui-se que o canibalismo simbólico, quando apropriado por artistas queer, não reitera a barbárie literal, mas cria um campo de experimentação subjetiva-subversiva que recusa a patologização das diferenças. Essa operação estética e psicanalítica propõe novas formas de ser e estar no mundo, articulando corpo, linguagem e memória como territórios de resistência. A pesquisa contribui para os debates sobre corpo e subjetividade, apontando a arte como ferramenta de emancipação e como espaço de elaboração de experiências limite, especialmente para sujeitos que habitam as fronteiras sociais e simbólicas.

Clínica da cegueira e psicanálise: uma vida pelas margens.

Marta Luzie de Oliveira Frecheiras

Palavras-chave: Sofrimento, histeria, pulsão, solidão, família

Esta comunicação tem como propósito apresentar os resultados de um percurso clínico em psicanálise realizado com dez pacientes com deficiência visual, incluindo dois casos de cegueira congênita, com o objetivo de refletir sobre a vida que se constrói pelas margens e sobre os efeitos psíquicos que podem ser detectados a partir da escuta clínica. Nesse percurso, levantamos questões fundamentais: como se dá o processo de desenvolvimento psicosexual nesses pacientes segundo a teoria freudiana? O isolamento teria dificultado a vida relacional nesse processo? É possível identificar as estruturas psíquicas por meio da clínica da cegueira? Como se manifesta a percepção do Grande Outro lacaniano? De que modo se deu a relação com a mãe? Como se apresentam as descrições dos sonhos, especialmente nos casos de cegueira congênita? É mais difícil a interpretação dos sonhos em pessoas cegas? Qual a importância da vida sexual ativa para esses pacientes? Essas indagações, entre outras, serão debatidas a partir de vinhetas clínicas e da articulação com os conceitos freudianos sobre o desenvolvimento psicosexual e a interpretação dos sonhos. Um segundo eixo desta comunicação busca interrogar o conceito lacaniano de “Estádio do Espelho” à luz da clínica da cegueira, indagando seus limites e desdobramentos. Esse conceito, formulado por Lacan em 1936, descreve uma etapa decisiva no desenvolvimento psíquico do bebê, momento em que a criança, diante da imagem refletida, começa a reconhecer uma unidade de si mesma, experiência considerada fundante não apenas para a constituição da imagem corporal, mas também para a estruturação da subjetividade. Perguntamos, portanto, o que acontece quando tal processo se desenvolve sem a experiência visual direta, e se haveria maior ou menor dificuldade para se pensar o registro imaginário nesses casos, já que alguns desses sujeitos atravessaram essa etapa sem poder visualizar a si mesmos ou ao outro com quem se relacionavam. Tal reflexão dialoga com trabalhos contemporâneos, como o de Figueira (2023), em *Psicanálise e pessoas com deficiência*, que alerta para a presença de um “espelho perturbador” no contexto da educação inclusiva. Ao trazer a experiência clínica com pessoas cegas para o campo da teoria psicanalítica, pretende-se contribuir para o debate sobre a subjetividade constituída nas margens, ampliando os horizontes da escuta e da elaboração teórica.

Conversações psicanalíticas no contexto escolar: uma aposta na pesquisa participativa com adolescentes

Távina Romão Silva; Eirilânia Ferreira Mendes; Vladia Jamile Dos Santos Jucá

Palavras-chave: Conversações, psicanálise, adolescência, escola

Este trabalho tem como objetivo geral debater sobre os efeitos de uma conversação psicanalítica realizada no contexto escolar público, enfatizando a dimensão política das narrativas dos adolescentes. Os objetivos específicos são: a) identificar por quais discursos os/as adolescentes são falados e b) discutir de que forma as conversações possibilitam a construção de uma narrativa em nome próprio. Para a psicanálise, a adolescência trata-se de um período de travessia para o sujeito, o qual implica em mais um passo no processo de separação do Outro e em um momento de reposicionamento subjetivo que envolve as dimensões do imaginário, do simbólico e do real. Dessa forma, a travessia da adolescência, além de ser marcada por uma transformação subjetiva, ainda é atravessada pela realidade social de cada território. Logo, trata-se de múltiplas adolescências. Relacionando com a dimensão sociopolítica do sofrimento psíquico, compreende-se que, em situações de vulnerabilidade social, além do desamparo político em torno de condições concretas de vida, muitos/as adolescentes vivenciam uma condição de assujeitamento, em que, por vezes, são capturados/as por discursos que os/as colocam em situações de silenciamento e de passividade. A naturalização da violência e a conformidade com um futuro sem perspectiva de ingresso na universidade foram temas colocados em questão durante a conversação realizada na escola com os/as adolescentes. Ademais, foi possível o compartilhamento do sofrimento entre os/as participantes, a legitimação das experiências e sentimentos adolescentes, a implicação subjetiva frente àquilo que se viveu/vive e a construção de rede de apoio entre os/as estudantes que participaram das conversações. Por meio de vinhetas das falas dos alunos, utilizaremos conceitos desenvolvidos por autores como Mirian Debièux Rosa, Christian Dunker, Luciana Coutinho e Andrea Guerra. Assim, a aposta é que este trabalho se configure como uma formalização da construção de espaços de fala que estão sendo promovidos no diálogo entre escola e universidade, a partir da extensão e de pesquisas da Universidade Federal do Ceará. Percebemos que, através da associação livre coletivizada, as conversações possibilitam uma via de endereçamento das diferentes nuances de assujeitamento experienciadas pelos adolescentes. Por fim, o que se pretende com este resumo é traçar vias éticas e metodológicas das possibilidades do trabalho

psicanalítico nos contextos educacionais públicos que são atravessados pelas questões sociopolíticas do território.

Corpo e política nas reflexões de Judith Butler: análise temática reflexiva a partir de grupo de estudos sobre gênero

Agnes Vitorio Colombari; Atila Alexandre Trapé; Matheus Rozário Matioli

Palavras-chave: *Gênero, corpo, política, grupo de estudos, Judith Butler*

Os estudos de gênero constituem campo central para a análise crítica das estruturas sociais e históricas que sustentam desigualdades, especialmente quando articulados às trajetórias do feminismo. Nas últimas décadas, diversas abordagens teóricas têm problematizado categorias como identidade, corpo, sexualidade e poder, contribuindo para práticas acadêmicas e políticas mais inclusivas. Nesse contexto, a criação do grupo de estudos da Liga Acadêmica de Estudos em Gênero e Sexualidade (LAEGS) da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP) responde à necessidade de fomentar reflexões críticas por meio de leituras coletivas, promovendo o diálogo entre teoria e prática social. Neste sentido, o objetivo deste relato é apresentar as reflexões do LAEGS, a partir da leitura e debate do conteúdo proposto pelo capítulo um da obra “Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade” (2018), de Judith Butler, estudada durante o primeiro semestre de 2025. A análise das discussões seguiu os pressupostos da Análise Temática Reflexiva, de Braun e Clarke (2017), revelando quatro temas principais: binarismo, política, sexo/gênero e corpo. O binarismo de gênero (masculino/feminino) é criticado por Butler como estrutura limitadora e excludente, que descontextualiza a especificidade do feminino e reproduz normas que restringem identidades possíveis. Ao desconstruir a identidade como algo fixo, a autora avança para a crítica política, voltando-se, especialmente, ao feminismo. Ela propõe a análise do corpo como território político, moldado por relações de poder e práticas discursivas. Butler destaca a necessidade de criticar as categorias de identidade naturalizadas pelas estruturas jurídicas contemporâneas, que as tornam estáticas e excludentes. A distinção entre sexo e gênero é outro ponto central. Enquanto o sexo é, frequentemente, entendido como dado biológico, o gênero é construído culturalmente. Butler enfatiza que o gênero não é reflexo direto do sexo, nem possui a mesma estabilidade aparente. Isso desmonta a ideia de que o corpo biológico determina, automaticamente, a identidade de gênero, ressaltando a natureza normativa dessas construções sociais. O corpo, por sua vez, é compreendido, não como entidade neutra, mas como território simbólico permeado por significados culturais. Não existe corpo “puro”, ou não interpretado, ele sempre já está inserido em redes de sentidos e relações de poder. Butler propõe, assim, a ideia de corpo político, o corpo que não apenas sofre os efeitos das normas sociais, mas também pode resistir a elas. As discussões no grupo de estudos evidenciaram o caráter provocativo e disruptivo da obra de Butler, que desafia concepções cristalizadas sobre identidade, corpo e sexualidade. Suas reflexões estimulam, não apenas o pensamento teórico, mas também ações políticas, ao sugerir a desconstrução das categorias fixas de gênero como estratégia de resistência às normatividades sociais. Nessa perspectiva, o corpo deixa de ser visto como mero suporte biológico para tornar-se campo de disputa simbólica e política, no qual se articulam tanto mecanismos de regulação quanto possibilidades de subversão. As reflexões proporcionadas por estes encontros refletem na necessidade de continuidade dos estudos, com isso o grupo LAEGS pretende fortalecer esses estudos e criar o vínculo de estudos com o Ambulatório de Gênero e Sexualidade da UNAERP.

Violência e Testemunho em Conversações com Adolescentes em uma Escola da Rede Pública

Vladia Jamile Dos Santos Jucá; Távina Romão Silva; Erilânia Ferreira Mendes

Palavras-chave: *Adolescentes, Escola Pública, Conversações, Violência, Testemunho*

Apresentaremos, neste trabalho, um recorte dos resultados parciais produzidos na pesquisa “Sobre Nós: Adolescências, Saúde Mental e Territórios”. O referido estudo está sendo realizado em uma escola pública de ensino médio em um bairro periférico na cidade de Fortaleza (CE). Como objetivo geral, pretendemos conhecer as interpretações produzidas por adolescentes acerca do sofrimento psíquico vivenciado, bem como sobre as estratégias de cuidado que criam e compartilham. E, dentre os objetivos específicos, centraremos nossa discussão sobre o objetivo que almeja observar se os determinantes sociais da saúde, como racismo, pertencimento a um

território e nível de exposição à violência aparecem na fala dos adolescentes como produtores de sofrimento. Uma das estratégias metodológicas utilizadas tem sido as conversações psicanalíticas, uma forma de pesquisa-intervenção norteadas pela teoria e ética da psicanálise lacaniana. Até o presente momento foram realizados três grupos de conversação. O primeiro com duração de seis encontros. O segundo e o terceiro com dois encontros em cada. A interrupção se deu em função do calendário escolar. Acerca das conversações como método, destaca-se a oferta de um espaço produtor de saber, através da livre circulação de palavras, com a presença dos atores envolvidos no que se apresenta como motivo de impasse em um dado contexto e com a mediação de um profissional disponível para criar as condições propícias para que a fala possa advir, provocando associações e novos modos de posicionamento frente a situação tomada como problema. No cenário psicanalítico, a Conversação surge enquanto dispositivo proposto por Jacques-Alain Miller, na década de 90, para discussão de casos que levantavam indagações referentes aos próprios limites da psicopatologia estrutural. Originalmente proposta como dispositivo clínico, foi aproveitada para intervenções e realização de pesquisas, no âmbito escolar, por Philippe Lacadée, nos subúrbios parisienses. Em uma análise preliminar dos temas pautados pelos participantes durante as conversações, uma das fontes de sofrimento presentes no processo de associação das ideias foi a violência em algumas de suas dimensões (violência intrafamiliar, violência relacionada ao narcotráfico, violência de gênero e orientação sexual, violência urbana e violência institucional). Quando as cenas que fazem parte do cotidiano dos jovens que habitam naquele território foram relatadas, um movimento importante se deu no sentido da desnaturalização das diversas violências, sobretudo, aquelas que envolvem o Estado e a disputa de facções. Consideramos que tal movimento aconteceu a partir de uma postura adotada pela equipe que conduzia o trabalho, a qual adquiriu uma função testemunhal diante dos fatos ocorridos. O exercício desta função que legitima o vivido como experiência de violência fez com que os relatos acontecessem de outro modo, sendo acompanhados por estranhamento e indignação. A problemática abordada neste trabalho contribuiu para o eixo Corpo Político e Marginalidades, ao colocar em evidência os corpos de adolescentes periféricos e os modos pelos quais a violência os atravessa, caracterizando, por um lado, um cenário de profundo desamparo e ineficácia das políticas públicas de proteção social e, por outro, a relevância de ações que fortaleçam as resistências coletivas.

Em Busca de uma Psicanálise Negativa: a Periferia como Lugar de Escuta

Vladimir Oliveira

Palavras-chave: *Psicanálise Negativa. Escuta Periférica. Desposseção. Ideologia*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 08 - A Ética da Psicanálise e os Corpos Dissidentes: Para Além do Édipo e da Norma — por Vladimir Oliveira

■ Assistir: [Português](#)

Este artigo propõe fundamentos teóricos para uma psicanálise negativa, prática clínica orientada pela escuta periférica destinada a acolher o sofrimento psíquico das populações marginalizadas pela lógica excludente do neoliberalismo. Argumenta-se que a psicanálise tradicional, ao priorizar a adaptação do ego e uma teleologia de "cura" como síntese reconciliadora, torna-se conivente com a violência simbólica do projeto neoliberal. Para operar nas periferias sociais - território do não-idêntico (Adorno, 2005) e da contradição irresoluta - propõe-se uma clínica da não-reconciliação. A fundamentação articula a psicanálise lacaniana com a filosofia crítica adorniana e zizekiana. Da Dialética Negativa de Adorno, extrai-se a recusa da síntese harmoniosa, posicionando o sujeito periférico como encarnação do Real lacaniano - aquilo que resiste à simbolização. Esse Real manifesta-se concretamente na violência policial, no racismo estrutural e na precariedade material. A teoria da ideologia cínica de Žižek (1992) complementa esta análise, demonstrando que a adesão à ordem opressiva ocorre através do investimento libidinal (gozo) na própria submissão, sustentado pela fantasia neoliberal do "plus-de-jouir". Como resposta ética, recorre-se ao conceito de desposseção (Butler & Athanasiou, 2024; Safatle, 2016) como prática de "desprender-se", renunciando a identidades totalizantes para habitar a abertura do negativo. Na clínica, isso implica um analista que opera desde um lugar despossuído, com o setting expandido para intervenções comunitárias. A escuta periférica tem como objetivo não a adaptação, mas a travessia da fantasia ideológica e a elaboração singular de um sinthoma (Lacan, 2007). Como contribuição original, propõe-se uma clínica onde o espaço periférico é lido como texto sintomático, com significantes mestres materiais organizam as representações simbólicas e intervenções coletivas, capazes de decifrar modos de gozo social, acolher a diversidade e organizar o coletivo contra formas de exclusão.

Conclui-se que a psicanálise negativa, ancorada na escuta periférica, reafirma o potencial emancipatório da psicanálise ao recusar a patologização da diferença e transformar o setting em espaço de crítica social. A experiência clínica organiza-se em três eixos: formação teórica, escuta coletiva e intervenções individuais, configurando uma prática anticolonial que possibilita a emergência de novas subjetividades.

O velho não vale? Corpo, velhice e desejo no contemporâneo: projeto de escuta psicanalítica lacaniana

Eduardo De Carvalho Paixão Serraglia; Matheus Rozário Matioli; Juliana Vendruscolo

Palavras-chave: *Psicanálise Lacaniana, Envelhecimento, Psicologia Social*

Este projeto parte da seguinte questão: como o sujeito envelhece no tempo marcado pela aceleração, pela técnica e pela obsolescência? Na cultura contemporânea, a velhice é atravessada por ideais de juventude e produtividade que efetuem apagamentos subjetivos e exclusões simbólicas. O corpo envelhecido, frequentemente, associado à inutilidade e à decadência, torna-se alvo de práticas etaristas e de dispositivos sociais que reforçam seu silenciamento. Diante desse cenário, impõem-se ações éticas, políticas e clínicas que resgatem o corpo como território de desejo, de expressão e de resistência. O objetivo deste projeto é desenvolver, no âmbito da Liga Acadêmica do EnvelheSer (LAES), vinculada ao curso de Psicologia da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), campus Ribeirão Preto, programa que articule a escuta psicanalítica lacaniana às práticas comunitárias, por meio de grupos terapêuticos e oficinas narrativo-artísticas voltadas a pessoas com 60 anos, ou mais. Busca-se compreender como esses sujeitos vivenciam o envelhecimento corporal e elaboram estratégias simbólicas para enfrentar os imperativos normativos, ao mesmo tempo em que se criam espaços de fala, criação e reconhecimento social. A metodologia adotada será qualitativa, com orientação clínico-interpretativa. O campo empírico será constituído por encontros semanais em grupo, além de oficinas de expressão corporal e narrativa, realizadas em parceria com espaços comunitários e culturais. Serão conduzidas entrevistas semiestruturadas individuais, bem como registrados os materiais simbólicos produzidos ao longo do processo (textos, falas, imagens e performances). A análise dos dados será guiada por conceitos da psicanálise lacaniana, tais como imagem do corpo, significante mestre, nomeação e gozo, articulando o discurso singular dos participantes à lógica social que sustenta a exclusão da velhice. Espera-se que os resultados revelem tanto os efeitos do apagamento social e da desidentificação com a imagem idealizada do corpo, quanto as estratégias criativas e singulares de reinscrição do desejo na velhice. Como ação final, o projeto prevê a realização de mostra pública com as produções dos participantes, com o intuito de devolver à comunidade imagem da velhice desvinculada da lógica da descartabilidade. Ao articular clínica, cultura e enfrentamento do etarismo, este projeto pretende contribuir para a Psicanálise, socialmente implicada, capaz de sustentar o sujeito em sua singularidade e transformar o lugar da velhice no laço social.

A clínica com pessoas transmasculinas e a entrada em análise

Luiz Henrique Martins Araújo Ávila

Palavras-chave: *Transmasculinidades, Entrada em análise, Pai Simbólico, LGBTQIAPN+, Clivagem do Eu*

O presente relatório de estágio, elaborado por Luiz Henrique Martins Araújo Ávila sob a supervisão do professor Cauan Antonio Silva dos Reis, detalha a experiência clínica no atendimento a uma pessoa transmasculina, T., um homem de 35 anos. O trabalho é fundamentado na psicanálise de orientação lacaniana e explora o complexo processo da "entrada em análise" do paciente, um marco crucial no tratamento psicoterapêutico. A prática consistiu em sessões clínicas semanais de 30 a 45 minutos, utilizando métodos como a associação livre, a transferência e a interpretação para promover a elaboração das questões do paciente. T. iniciou seu acompanhamento em maio de 2024 com o objetivo de compreender seus processos subjetivos durante sua transição de gênero. As sessões iniciais foram marcadas pelas entrevistas preliminares, onde se estabeleceu uma forte relação transferencial, inicialmente identificada como um "amor transferencial". Contudo, o ponto de virada no tratamento ocorreu quando T. deslocou sua posição subjetiva. Ele deixou de atribuir ao analista um "suposto saber" sobre si mesmo e passou a ser o protagonista na construção de seu próprio entendimento, significando sua efetiva entrada em análise. A partir desse momento, T. começou a trazer para as sessões questões profundas sobre sua identidade e suas inseguranças. Embora inicialmente falasse sobre seu relacionamento amoroso e a convivência com a família da parceira, o cerne de sua

angústia residia na constituição de seu eu. Ele se debatia com o ideal de masculinidade que desejava performar, em constante tensão com o medo de repetir os padrões de violência intrafamiliar perpetrados pelos homens de sua família, como seu pai e irmão. Um tema central na análise foi o desejo de T. de romper com o ciclo de masculinidade tóxica. Ele não queria se tornar como o pai, mas sim como o pai que poderia ter sido. Esse conceito, expresso no neologismo "paiformar", revela a busca por uma figura paterna simbólica idealizada, uma forma de autoformação que foge da repetição familiar. Durante uma sessão, através de um "corte lacaniano", T. acessou memórias de seu passado, referindo-se a si mesmo como "ELA", uma pessoa que ele sentia ter sido abandonada pelo pai na infância. Esse abandono simbolizava um profundo rompimento emocional, mas também o ponto de partida para sua determinação em não se tornar o que o pai se tornou, especialmente após sucumbir ao alcoolismo. Nas considerações finais, o autor reflete sobre os desafios e a importância da clínica com pessoas trans, que enfrentam violências sistemáticas na sociedade. Ele defende uma prática psicanalítica que rompa com padrões eurocêntricos e patologizantes, sendo construída a partir das vivências de grupos minorizados. A experiência, supervisionada por um profissional sensível às questões de gênero, foi fundamental para sua formação, reforçando a necessidade de afeto, cuidado e dignidade para que as pessoas LGBTQIA+ possam ser quem desejam ser.

Corpos desmentidos: uma leitura metapsicológica da exploração sexual infanto-juvenil na Ilha de Marajó

Eduarda Negromonte; KAREN NASCIMENTO DE ALBUQUERQUE

Palavras-chave: *Psicanálise, desmentido social, exploração sexual infanto-juvenil, ambiente suficientemente bom, corpo político*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 07 - Inconsciente, Ancestralidade e Contranarrativas: Epistemologias de Resistência — por Eduarda Negromonte

■ Assistir: Português

A exploração sexual infanto-juvenil na Ilha de Marajó (PA), cujos índices de estupro infantil são quase três vezes superiores à média nacional, mesmo diante da subnotificação - em que apenas 11% das vítimas denunciam-, é frequentemente narrada como parte de uma suposta cultura "tolerante" local. Esse contexto evidencia um quadro grave de vulnerabilidade social no Brasil, que silencia e desautoriza a percepção da criança diante da opressão. Para o sujeito, o trauma não se define apenas pelo ato violento, mas sobretudo pela ausência de reconhecimento por parte das figuras de cuidado. Esse processo revela uma dinâmica de desmentido que, ao ultrapassar o nível individual, se institui como desmentido social, perpetuando a violência. A psicanálise oferece instrumentos teóricos e clínicos que favorecem a elaboração subjetiva e problematizam a naturalização desse funcionamento. Este artigo propõe uma leitura metapsicológica desse fenômeno, articulando os conceitos ferenczianos de desmentido e desmentido social à noção winnicottiana de ambiente suficientemente bom. A falha crônica desse ambiente no contexto marajoara - atravessado por abolição tardia, miséria persistente, economia de subsistência e ausência de serviços públicos - potencializa a violação, configurando uma dupla violência: a do agressor direto e a do meio social. Nesse cenário, a mercantilização histórica do corpo feminino e infanto-juvenil, exemplificada nas chamadas "meninas balseiras", revela os entrelaçamentos entre gênero, racismo estrutural e heranças coloniais. O corpo emerge, assim, como território violado e desprotegido, marcado pela cumplicidade do ambiente. A metodologia adotada é documental, baseada na análise de reportagens, documentários, artigos acadêmicos e no filme MANAS (2025), de Marianna Brennand Fortes, que traz à tona a exploração sexual de crianças e adolescentes no Marajó. A leitura psicanalítica desses materiais ocorre pela via da metapsicologia, tendo a escuta clínica como referencial interpretativo. A análise evidencia como a ausência de um ambiente suficientemente bom agrava o sofrimento psíquico e retroalimenta o pacto do desmentido, perpetuando o ciclo de silenciamento e exclusão. Os resultados indicam que, ao serem desmentidas, as crianças passam a duvidar da própria percepção, internalizando a violência como destino e reproduzindo, no corpo e na subjetividade, sintomas de um trauma não reconhecido. O desmentido social, instaurado como pacto, reforça a invisibilidade dessas infâncias e dificulta políticas efetivas de enfrentamento. Por outro lado, quando a violência é reconhecida e a verdade do sujeito legitimada, a psicanálise se afirma como ato político, rompendo o ciclo de silenciamento e reiterando que violência não é cultura, mas violação. Conclui-se que a psicanálise, articulada a ações comunitárias e de proteção social, pode se constituir como dispositivo de resistência, favorecendo a elaboração do trauma e a reinvenção subjetiva e coletiva. Ao conjugar escuta clínica, crítica social e

compromisso ético, afirma-se não apenas como saber sobre o sofrimento, mas como prática transformadora, capaz de sustentar o fortalecimento do ego, apoiar mecanismos de defesa mais integrados e contribuir para a construção de novos sentidos diante da violência. Este trabalho busca ampliar o debate sobre esse fenômeno no Brasil e afirmar a potência ética da psicanálise frente às necropolíticas que atravessam os corpos vulneráveis.

Pagamento como economia política da clínica psicanalítica? Um olhar sobre as práticas econômicas dos analistas

ARTHUR COSTA HENRIQUES; Tiago Neves

Palavras-chave: Clínica, Dinheiro, Marxismo, Pagamento, Psicanálise

Debruçamos nesta pesquisa acadêmica investigações acerca do papel do pagamento nas práticas econômicas da clínica da psicanálise, mais precisamente, debatendo por que desde Sigmund Freud o dinheiro foi elevado a um estatuto de conceito dentro do desenvolvimento do campo, e a partir disso, extrair consequências teóricas e críticas relevantes. Grosso modo, nos consultórios privados de atendimento, os honorários das sessões de análise são interpretados e manejados como condutores clínicos do dispositivo transferencial, devido à relação deste objeto com o contexto da vida libidinal e dos significados afetivos inconscientes da subjetividade de cada analisante. Entretanto, compreendemos que este é um assunto que também atinge estruturas sociais concretas ligadas às assimetrias da luta de classes, onde os corpos de grupos minoritários oprimidos e explorados pela lógica de sofrimento neoliberal enfrentam impossibilidades reais para "banciar pelo desejo" e viver um processo de análise até seu término, ou mesmo, sérias precarizações para sustentar um trabalho de formação nos circuitos institucionais de ensino e transmissão psicanalítica. Assim, nesta pesquisa, objetiva-se suscitar discussões de cunho conceitual associadas ao pagamento a partir de uma articulação entre a teoria psicanalítica e a crítica marxista da economia política. Para tanto, metodologicamente, fez-se uso de uma abordagem de natureza qualitativa, procurando estabelecer uma metodologia de revisão integrativa da literatura que permita discorrer sobre as condições clínicas, técnicas e políticas arraigadas nas relações econômicas da psicanálise, que, por sua vez, justificam sua existência na ordem material do mundo. Ademais, utilizou-se as plataformas de busca digital SciELO, CAPES e Google Acadêmico, por meio dos descritores, "Psicanálise", "Pagamento", "Dinheiro", "Política", "Clínicas públicas", "Psicanálise e Marxismo". Além do acesso a sites eletrônicos, livros clássicos e atuais, teses, dissertações, dicionários, revistas e zines – com ênfase nos cânones e intelectuais da América-latina. Como resultado, a pesquisa passou a dialogar sobre o que a produção conceitual das correntes freudianas e lacanianas tem a dizer a respeito do dinheiro, e o que as teorias comunistas definem sobre as trocas monetárias nos termos da filosofia e economia política. Nesse sentido, decidimos promover as contribuições do psicanalista, Gabriel Tupinambá, observando como através do modelo de “compossibilidade”, é possível não apenas evitar o enquadramento dos conceitos da psicanálise como resposta autossuficiente e última dos problemas históricos da sociedade e da cultura, a exemplo dos impasses para o ato de pagamento no par formado entre analista/analísante, mas fazer a justa inversão: se trata de tensionar, a partir da dimensão material da vida política, os impasses ideológicos que sufocam o avanço da própria psicanálise enquanto campo de saber. Enfatizamos, com base nisso, a valorização das vicissitudes das atividades clínicas e coletivos brasileiros de formação em psicanálise pública atualmente, onde as condições de saúde, desigualdade de renda e de trabalho estão sempre em pauta no atual cenário de crise social. Sendo assim, esta pesquisa contribui para uma psicanálise democratizada, fundamentando-se na materialidade da reprodução social enquanto norte de ampliação para a escuta de diversos corpos e narrativas. Sobre tudo, subversivamente, para ir além das recomendações freudianas sobre o pagamento.

Quando olho, sou visto. portanto, inexisto: o abjeto em Ricardo III

Dara Cristina Alves; Ayrton Yuri Alves Souza.; Monique Luiz

Palavras-chave: Abjeto, identificação cruzada, corpos dissidentes, contrato narcísico

Quando Winnicott apresenta seu aforismo “Quando olho, sou visto; logo, existo” (2019, p. 152), partimos para o pensamento de um bebê cuja identificação cruzada com o ambiente cuidador ocorreu, o bebê é visto pelo ambiente. O autor nos convida a pensar nos bebês inexistentes, nunca encontrados, nunca vistos “[...] tomo cuidado para não ver o que não está lá para ser visto (a menos que eu esteja cansado)” (Winnicott, 2019, p. 152). É diante

desse aforismo Winnicottiano e na figura do bebê que não pode ser visto, que esse artigo se debruça em uma análise do personagem Ricardo III de Shakespeare a partir da noção de Abjeto (Kristeva, 1982). Para tal, é necessário expandir a noção de função materna, proposto por Winnicott, para além do campo biológico e seu significante “mulher”, pois “Quando se fala de uma falha materna, precisamos compreender que ela pode se originar no pai, ou nos ancestrais, ou ainda, no ambiente sociocultural, em que se encontra a família (Safra, 2021, p. 109, grifo nosso). O que nos cabe conceber o ambiente sociocultural, enquanto produtor de símbolos e mediador dos afetos. O corpo deficiente de Ricardo III, inassimilável à cultura de sua época, simboliza punição. No entanto, ser partícipe da realeza lhe confere o “privilegio” de escapar de violências severas, comuns aos corpos deficientes, frequentemente submetidos à tortura ou descarte. Seu corpo é simbolicamente excluído por não se encaixar nas alianças sociais inconscientes que conferem legitimidade ao grupo (Kaës, 2014). Segundo a leitura freudiana (1905) de Oliveira (2025), as fases oral e anal são centrais na simbolização: marcam o início da relação com o dentro e o fora, envolvendo incorporação e rejeição, normas e significados. A fase anal introduz a autonomia e a separação do eu e do outro, fazendo da alimentação um processo simbólico de construção da realidade e alteridade. O sujeito se constitui ao traduzir experiências corporais e pulsionais em representações (Roussillon, 2021). O que é simbolicamente digerido integra o Eu pelo ambiente (Cuidador e Cultural); o que não é, retorna como sintoma. Nesse campo, surge o abjeto (Kristeva, 1982), como resto não simbolizado: aquilo que não pode ser incorporado, mas também não pode ser totalmente expulso, ameaçando à coesão do sujeito e da cultura. Neste ponto que a sociedade se inscreve de maneira decisiva. As formações sociais, por meio de contratos narcísicos (Kaës, 2014), definem quais experiências podem ser “digeridas” simbolicamente e quais permanecerão indigeríveis. A hegemonia cultural exclui o que escapa à norma, como o corpo deficiente de Ricardo III, transformado em resto simbólico. Hoje, essa lógica persiste: corpos deficientes, negros, trans e outras formas de existência dissidentes têm sido historicamente tratados como indigeríveis pelo discurso hegemônico, situados na borda apontados como ameaça ao pacto simbólico que sustenta a ordem social. Assim, a deficiência de Ricardo III, mais que biológica, é um signo social que expõe a dificuldade de simbolizar o que escapa à norma. A obra revela como forças sociais moldam quem é reconhecido como humano e quem é lançado ao abjeto.

No último pub ainda havia um brinde: Neoliberalismo, desamparo e caminhos para coletividade

Fabrise Rosa Amaro

Palavras-chave: Alteridade, coletividade, desamparo, Estado, Neoliberalismo

Vivemos hoje um novo modo de ser do capitalismo, o neoliberalismo. Que se estrutura não apenas como uma lógica de mercado, mas se estende a todos os âmbitos da vida. Uma das características que se destaca é o reengajamento do Estado sobre novas bases. O Estado não deixa ou diminui sua intervenção, ele segue na direção em que mina os alicerces de sua própria existência. Um anti-intervencionismo como princípio. Tendo como modelo de subjetivação a empresa, o neoliberalismo age fazendo com que o sujeito se governe como empresa de si mesmo. O Outro passa a ser o seu concorrente. Ao minar os alicerces de sua própria existência, o Estado se retira do lugar de amparo e suporte. Exige-se autonomia, no entanto, as formas neoliberais de poder destroem toda as possibilidades para que isso aconteça. Ao operar na retirada das redes de proteção e por um anti-intervencionismo do Estado, a racionalidade neoliberal empurra o sujeito a uma condição de ausência de ajuda, uma condição de desamparo. O desamparo trabalhado a partir do viés psicanalítico se torna uma importante ferramenta para compreender como a racionalidade neoliberal investe na condição de desamparo e produz uma situação de desamparo. Um desamparo constituinte do sujeito, que quando se torna desestruturante, instala-se como uma situação traumática, ou seja, uma situação de desamparo, que impossibilita o sujeito de agir e buscar novos caminhos de simbolização. O desamparo pressupõe a presença de um Outro, no entanto, e contrário a isso, o neoliberalismo opera na individualização do sujeito e de suas relações. Apostando nesta característica fundamental do desamparo, a alteridade, utilizo-me da arte cinematográfica, o romance realista “O Último Pub”, que narra a vida de TJ e Yara e nos fornece pistas para uma virada do desamparo ao coletivo. TJ, dono de um bar decadente no norte da Inglaterra, tenta manter vivo o espaço como ponto de encontro comunitário. Yara refugiada síria, que chega com outros refugiados sírios. A chegada dos refugiados provoca tensões com os moradores locais, divididos entre solidariedade e hostilidade. A trama narra a amizade de TJ e Yara, que num ambiente de desigualdade, xenofobia buscam caminhos que levem à possibilidade

de reconstruir os laços. Ao retomar a ideia de que o desamparo também é uma abertura e pressupõe um outro, torna-se possível idealizar a criação de caminhos contrários à individualização. Tomando como aposta a reunião de pessoas, podemos conceber a ideia de que a partir do momento que corpos se juntam, eles exercem um direito de aparecer, que afirmam e os colocam no campo político, possibilitando exigir condições que sejam possíveis de sustentar a vida. Ao se reunir os sujeitos podem relatar os seus apelos a um outro. Todo trabalho de individualização e situação traumática produzido pelo neoliberalismo, ao ser compartilhado, possibilita que o sujeito compreenda que a culpa imposta, a desesperança, a insegurança, sobretudo sua condição não é algo particular. A reunião, o ato de coletivizar possibilita um endereçamento ao outro, que marca então uma condição de preservação de vida frente ao desamparo.

A sub-representação da mulher no campo político: o corpo feminino como território político e de resistência.

MARIANA MENDONÇA DE ALMEIDA; Anamaria Silva Neves

Palavras-chave: Política, corpo feminino, poder, psicanálise, História

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 06 - Necropolítica e Desmentido: A Gestão da Violência sobre Corpos Marginalizados — por MARIANA MENDONÇA DE ALMEIDA

■ Assistir: [Português](#)

A baixa representatividade feminina na política brasileira é problema estrutural que revela desigualdades históricas. Segundo a ONU Mulheres (2025), apenas 18,1% da Câmara dos Deputados e 19,8% do Senado são compostos por mulheres, índices que colocam o Brasil entre os piores desempenhos globais em termos de participação parlamentar. Isso evidencia o déficit quantitativo e o processo de exclusão histórica em que o corpo feminino foi sistematicamente silenciado e aliado da pólis. Se política e poder são dimensões indissociáveis, propõe-se refletir a articulação entre a mulher, a política e as formas históricas de exercício do poder. O espaço político, território da razão, restringiu historicamente a presença do corpo feminino, reduzindo-o a um lugar de silêncio e subordinação. Até o século XVIII, a concepção de humanidade identificava-se ao homem, relegando a mulher à condição de variação imperfeita desse modelo. Assim, revela-se o impasse baseado no cógito: se não era permitido a mulher pensar, logo a ela era negada a possibilidade do existir. A história revela o protagonismo de mulheres que subverteram a lógica excludente e se inseriram no campo político através da força da palavra. Enheduana (XXIII a.C.) é reconhecida como a primeira narradora e autora da História. Sua obra revela uma mulher que, antes da formalização da política como campo instituído, inscreveu na palavra politizada, os conflitos que atravessavam sua condição singular de mulher, se posicionando sobre os embates de poder de sua época. Rompe com a lógica do anonimato, abrindo espaço inédito de enunciação, instaurando a possibilidade de inscrição simbólica das mulheres no campo da linguagem e da história. Christine de Pizan, através da querelle des femmes, denunciou as hierarquias de gênero, exigiu educação para as mulheres e a releitura crítica dos textos tradicionais para elaboração histórica que incluísse a narrativa feminina como palavra legítima. Na Revolução Francesa, a Marcha das Mulheres a Versalhes revela a potência coletiva do corpo feminino como ator político. Contudo, apesar da luta de Olympe de Gouges, o reconhecimento institucional da cidadania feminina foi negado, perpetuando sua condição de exterioridade à pólis. O percurso de figuras históricas revela que a luta feminina não buscava cargos institucionais e correspondia à reivindicação da inscrição simbólica do corpo feminino no campo da linguagem e do poder. Metodologicamente, a pesquisa se estrutura como teórico-bibliográfica. A investigação articula análise histórica e leitura crítica, considerando o corpo como operador simbólico para compreender os mecanismos de silenciamento e resistência, bem como portador da subversão da palavra feminina na pólis. Conclui-se que a marginalização feminina não é apenas um problema institucional. Está enraizada em tradições históricas que associaram o corpo feminino à exclusão, à violência simbólica e à invisibilidade política. A emergência de vozes femininas, ainda que minoritárias, evidencia a potência da corporeidade como território de resistência frente à necropolítica. Pensar o corpo feminino como político significa reconhecê-lo como lugar de enunciação e contestação. Ao interrogar os impasses do desejo e da palavra, podemos tensionar os efeitos históricos de apagamento, destacando perspectivas que legitimem a presença feminina como sujeito de pensamento e ação.

Eixo 7 — Corpo Subjetivo e Psicanálise

O eixo Corpo Subjetivo e Psicanálise se concentra no corpo como expressão do inconsciente e palco do sintoma, articulando as dimensões do corpo-desejante, do corpo como território de transformação e das práticas psicanalíticas que potencializam a emancipação subjetiva. Reúnem-se aqui ações afirmativas que utilizem a escuta psicanalítica em comunidades periféricas para ressignificar traumas coletivos, programas de atendimento psicanalítico a populações trans e LGBTQIAPN+ com foco na subjetividade do corpo, ou iniciativas que utilizem a linguagem da psicanálise para criar espaços de desejo e transformação existencial, tanto individuais quanto coletivos.

O corpo de Alice, a do tal país que disseram que era das maravilhas

anna heller moraes mendes

Palavras-chave: Psicanálise, cinema, literatura, conto de fadas

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 14 - Trauma, Gênero e Escrita: A Criança Trans, Alice e o Trauma Colonial — por anna heller moraes mendes

■ Assistir: Português

O corpo de Alice, a do tal país que disseram que era das maravilhas.

Este trabalho parte da articulação entre cinema, psicanálise e crítica social a partir do corpo de Alice – a do tal país que disseram que era maravilha.

Interessa-nos o corpo: o corpo de Alice na construção cinematográfica a partir de duas obras. A análise se constrói a partir do desenho animado da Disney (1951) e do filme Alice (1988), de Jan Švankmajer, ancorada em escuta psicanalítica e estética da linguagem cinematográfica. Ambos os filmes apontam para a violência sexual, na minha particular leitura. Para as mulheres, isso se impõe como normal e acontece prematuramente — se é que existe tempo certo para o corpo ser invadido. O desenho da Disney é, por inteiro, uma cena indigesta. A violência está disfarçada em humor e fantasia, e o público — nós — naturaliza, ri, segue e se diverte, ignorando o pedido de socorro. A denúncia está ali, mas não é ignorada. O autor foi muitas vezes posicionado no lugar da perversão. Mas, e se olharmos essa narrativa como sublimação de algo assistido ou vivido? E se Carol é Alice?

No filme tcheco de Švankmajer, a denúncia é mais crua. Alice aqui é um corpo abandonado, periférico, marginal, vive num casebre miserável e, já nas primeiras cenas, recebe um tapa na mão. É uma Alice infeliz, isolada, frágil. Não há final feliz. Voltar para casa não é acolhimento, a casa não é segura — voltar é seguir no ciclo violento. O lar é o lugar da repetição do trauma. O corpo de Alice, nesse contexto, está longe da fantasia: é um corpo ferido, esvaziado de desejo, mas habitado por desejo.

Nos interessa o corpo que cai. Já no início do texto original, Alice pensa: “Well!” thought Alice to herself. “After such a fall as this, I shall think nothing of tumbling down stairs!” — “Ora! pensou Alice consigo mesma. Depois de uma queda como esta, não vou achar nada demais cair das escadas!”. Por que alguém se acostuma a cair das escadas? Isso não seria um sinal de alerta de um corpo violentado? A queda constante nos diz sobre repetição e trauma. A naturalização da queda como rotina é um indício da banalização da violência sobre esse corpo. E por que, afinal, ela para no telhado? O telhado como entre-lugar: nem dentro, nem fora; nem chão, nem céu. Um quase-fim. Corpo lançado entre mundos, suspenso no abismo.

Este trabalho incluirá ainda referências ao texto original de Lewis Carroll e sua tradução em português. Não há a Alice do livro, ou a do filme, ou a do desenho.

Há Alices, suas histórias. As referências se somam para narrar uma mesma dor: a da menina cujo corpo foi lançado à fantasia para esconder o que o mundo não quis ver.

A arte na Clínica Periférica

Renata Pereira

Palavras-chave: *Psicanálise periférica, Arte, Subjetivação, Estética, Violência*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 03 - Máquinas, Cibernética e IA: Críticas da Representação e da Técnica — por Renata Pereira

■ Assistir: [Português](#) | [Espanhol](#)

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o lugar da Arte na clínica psicanalítica periférica, tomando como ponto de partida os atravessamentos entre estética, sofrimento psíquico e processos de criação e sublimação em territórios marcados por violência estrutural, exclusão, racismo, desestruturação do sujeito e apagamento simbólico. Na clínica periférica, onde o enquadre clássico eurocentrado, colonizante, cis-heteronormativo não se sustenta, a arte emerge como dispositivo de escuta e de reinvenção subjetiva e como certo anestésico entre os processos destrutivos não elaborados pelo sujeito. A experiência do fazer artístico, seja na fala, na escrita, no corpo ou na imagem, permite que o abjeto borde a violência com outra tessitura, convocando o analista a escutar o que não se inscreve apenas como sintoma, mas como gesto criador que bordejando o lugar do osso da palavra e torne carne do desejo. É a elaboração do indizível, do indigerível. A partir de vinhetas clínicas e diálogos com autores como Jairo Carioca, Ronald Lopes, Lélia Gonzalez e Frantz Fanon, o trabalho discute como o ato artístico pode abrir espaço para a pulsação de vida, elaborar dores, num processo de resignificação, mesmo nos contextos mais adversos. A clínica periférica, nesse sentido, é também uma clínica da reinvenção de uma vida Severina.

Como escutamos as construções de feminilidades negras na clínica psicanalítica de pacientes adeptas às espiritualidades de matrizes africanas?

Isis Abena

Palavras-chave: *Feminilidades Negras, Espiritualidades de Matrizes Africanas, Psicanálise Decolonial*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 15 - Epistemologias Negras e Psicanálise: Escrivência, Feminilidades e Espiritualidade — por Isis Abena

■ Assistir: [Português](#)

A colonialidade requer a separação do corpo e do espírito, a desespiritualização de tudo que é vivo para justificar sua intensa exploração. Marginalizando e demonizando todos os signos que correspondem a produção de saberes de povos originários, sobretudo mulheres negras e indígenas, levando ao apagamento de nossas práticas e costumes, a fim de manter o controle para manutenção dos interesses do grupo dominante. A colonização, a Modernidade, nos impõe a noção de ruptura com nossas tecnologias e conhecimentos ancestrais para situar que a cosmovisão hegemônica corresponde ao progresso, impondo uma centralidade imperativa na construção de um ideal de Eu branco, como nos aponta a psicanalista Neusa Santos Souza, inclusive, no que tange construções de feminilidades negras. Diante dessa fragmentação, fruto da colonização e desumanização a que pessoas negras foram submetidas, o silenciamento discursivo sobre feminilidades negras é uma fratura que está presente na clínica. Enquanto psicanalista amefricana, nordestina e periférica, nascida em Salvador, território ancestral, compõe minha formação teórica, para além do instrumental psicanalítico, os campos do feminismo negro e decoloniais, as epistemologias de terreiro que carrego a partir da minha vivência em espaços de espiritualidades de matrizes africanas. Reconheço a importância de uma clínica implicada e atenta às questões raciais do contexto brasileiro, bem como de gênero, classe e outras dissidências. Na experiência clínica observo as espiritualidades de matriz africana e a memória presente nos ritos e gestualidades negras, como ciência credível. Proponho um diálogo sobre como a clínica psicanalítica contemporânea tem acolhido as construções de feminilidades negras que chegam aos nossos consultórios intermediadas pelo contato com espiritualidades de matrizes africanas. Ao nos posicionar desde uma escuta atenta às questões de raça, gênero e classe associada epistemologias feministas contra-hegemônicas do Sul, apontamos as limitações próprias da psicanálise hegemônica e elitista para problematizar as limitações de uma escuta pautada na subjetividade de mulheres brancas, burguesas e apontar críticas baseadas nas experiências da escuta periférica e marginal e cosmo percepções não ocidentais. Assim, este será um espaço para dialogar sobre a

presença das espiritualidades negras na clínica enquanto um organizador psíquico para construções de feminilidades negras mais resistentes aos efeitos persistentes da colonização na subjetividade de mulheres racializadas. Para tanto, meu ponto de partida são as experiências pessoais enquanto analista negra e de matriz africana, a escuta periférica aliada a minha pesquisa no mestrado vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo na UFBA. Para além de uma possível cartografia sobre a dimensão da espiritualidade na clínica contemporânea, pretendemos discutir as implicações éticas, epistemológicas e mesmo ontológicas da presença de mulheres negras de matrizes africanas ocupando a posição de analista e de analisada. As experiências e possibilidades discutidas convidam a dialogar sobre a relevância de ampliar a escuta psicanalítica considerando outros campos de produção de conhecimento para além da formação teórica tradicional.

O que podemos aprender sobre a noção de insulto de gênero a partir do diálogo entre as obras de Didier Eribon e Edouard Louis?

Clarice Arantes Martin

Palavras-chave: Testemunho, insulto de gênero, humilhação, transformação, amizade

Este artigo busca refletir sobre a noção de insulto de gênero na obra do sociólogo Didier Eribon e do escritor Edouard Louis. Em ambos os autores, o insulto de gênero aparece como um tipo de particular de violência que visa a destruição da dignidade daquele a quem o insulto se dirige. O insulto fica cravado no corpo e na alma de quem o recebe, atuando como uma dor de difícil tratamento, por visar humilhar e envergonhar socialmente a intimidade de alguém. Entretanto, para ambos os autores, os insultos de gênero que se acumularam ao longo da infância e da adolescência - seja na escola, na rua ou no interior da própria família - foram também, ao mesmo tempo, responsáveis por impulsionar o desejo de mudança em suas vidas. Tanto Didier Eribon, como Edouard Louis, saem de suas pequenas cidades, no interior da França e se dirigem ao estudo universitário em Paris, aonde encontram no universo acadêmico, nas novas amizades, uma importante ampliação dos horizontes; o que os possibilita a criação de um novo mundo para si aonde o insulto não seja mais uma marca constante de suas relações. O diálogo entre os testemunhos contidos nas obras de Didier Eribon e Edouard Louis nos ensina sobre a gravidade do insulto de gênero, mas também sobre a possibilidade de escapar da violência e criar novas realidades a partir das amizades e da paixão pelo conhecimento.

Sublimação e feminino: a resistência do erotismo na arte de Teresinha Soares

Letícia da Cunha Soares Motta

Palavras-chave: Psicanálise, corpo, sublimação, feminino

Teresinha Soares, artista plástica brasileira nascida em Minas Gerais em 1927, é conhecida principalmente por abordar o erotismo de forma psicodélica e trazer à luz a sexualidade feminina, retratando o corpo da mulher em meio a uma sociedade violenta e machista. Sua arte mistura erotismo, amor, agressividade, violência e uma forma muito própria de abordar as figuras femininas, constantemente retratadas como protagonistas em suas produções. O tempo de produção artística de Teresinha Soares, no entanto, não durou muito. Suas obras não são vastas e foram produzidas em um curto período de tempo – de meados da década de 1960 a meados da década de 1970. É curioso perceber que esse curto período alvo da explosão criativa de Teresinha Soares coincidiu com os chamados anos de chumbo – época de maior repressão e violência da ditadura militar brasileira, iniciando-se em 1968 com a instauração do Ato Institucional nº. 5 (AI-5) e estendendo-se até o fim do governo do presidente Emílio Médici, em 1974. Nesse período, episódios de tortura e violência estatal se tornaram constantes e a censura atuou de forma opressora em todos os meios de comunicação. É preciso considerar que os corpos das mulheres foram os principais alvos da repressão vigente nesse período, visto que a violência sexual foi tomada como forma de combater os movimentos feministas contra o governo, sendo a principal forma de tortura utilizada pelos militares para humilhar e violentar aquelas que eram consideradas “subversivas”. A produção artística de Teresinha Soares surge nesse contexto, banhada de erotismo, feminino e retratos de violência. O fato de sua produção ter perdurado por pouco tempo – e nos anos de maior repressão e utilização da sexualidade feminina como forma de tortura – denunciam que sua criação não se deu apenas visando à valorização comercial e econômica. Em suas próprias palavras, o ato de produzir denunciava a necessidade de pôr para fora o que estava dentro de si (Martí, 2017). Não consideramos

coincidência o fato de suas produções serem recheadas de erotismo feminino em uma época de tamanha repressão sexual. Entendemos a produção da artista como um ato político sim, mas, sobretudo, como um movimento genuíno de dar tratamento ao gozo e contornar o irrepresentável do vazio como um ato sublimatório. À luz da construção teórica de Lacan (1959-1960) acerca da sublimação, é possível perceber que a função primordial da arte é menos produzir algo belo e socialmente aceitável do que a tentativa de inscrição de um gozo irrepresentável. Dessa forma, em um contexto de forte repressão, algo do sexual reprimido e rechaçado – portanto, sem lugar – pôde escoar por meio da arte nas obras da artista, num ato de resistência do erotismo frente à impossibilidade de dar outros destinos ao gozo. Não temos por objetivo fazer um apelo ao belo e ao reconhecimento social na sublimação, mas clarear os apontamentos lacanianos e analisar a produção da artista não por seu valor de mercado, mas pela relação inegável entre sua criação e o contexto político no qual suas obras foram produzidas.

Entre o Dogma e o Afeto: A Suavização dos Discursos Pentecostais Frente a Vivências Familiares LGBTQIA+

Célio César de Aguiar Lima

Palavras-chave: Pentecostalismo, LGBTQIA+, Família, Religião e Afetividade, Discursos Religiosos

O presente artigo analisa as transformações nos discursos de líderes e fiéis evangélicos pentecostais diante de experiências pessoais com familiares LGBTQIA+. A partir de uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, que envolve estudos sociológicos, teológicos e antropológicos, observa-se que a intransigência doutrinária tende a ser flexibilizada quando a realidade LGBTQIA+ emerge no âmbito familiar. Casos como o do bispo Edir Macedo, cujo filho adotivo é homossexual, e do pastor Silas Malafaia, que tem um sobrinho assumidamente gay, são exemplares na compreensão das tensões entre dogma e afeto. A análise aponta que o contato direto e afetivo com pessoas LGBTQIA+ provoca rupturas na rigidez discursiva, revelando que a hostilidade anterior era muitas vezes fruto da ignorância ou da ausência de vínculos empáticos com a realidade vivida por tais sujeitos. O movimento pentecostal, sobretudo em suas expressões brasileiras, tem historicamente construído discursos teológicos de forte oposição às identidades e práticas sexuais não-heteronormativas. Com base em interpretações literais e descontextualizadas das Escrituras, líderes evangélicos acusam a homossexualidade de ser pecado, doença ou desvio moral. No entanto, nas últimas décadas, observa-se um fenômeno que desafia a rigidez dessa postura: a suavização do discurso entre fiéis e líderes que possuem familiares LGBTQIA+. Este artigo investiga os efeitos do vínculo afetivo na reformulação da linguagem religiosa, questionando a rigidez doutrinária e revelando como a experiência concreta desafia a ortodoxia tradicional. A experiência familiar tem se mostrado um dos principais fatores de inflexão nos discursos pentecostais sobre a população LGBTQIA+. Embora a teologia oficial permaneça rígida em muitos contextos, a convivência próxima com filhos, sobrinhos e netos homossexuais tem provocado deslocamentos na linguagem e nos afetos. O amor, nesse sentido, emerge como instância de resistência à ortodoxia excludente, revelando que o dogma não é inquebrantável diante da realidade vivida. A análise dos casos de Edir Macedo, Silas Malafaia e de fiéis comuns permite concluir que a transformação é possível quando a religião se encontra com a experiência concreta e pessoal. O desafio que se impõe é transformar essa empatia familiar em uma ética mais ampla de acolhimento, que reconheça a dignidade das pessoas LGBTQIA+ como plenamente compatível com a fé cristã.

A invasão da culpa no imaginário: controle do corpo feminino e experiências de resistência pela palavra e pelo desejo

Larissa Lima

Palavras-chave: Corpo feminino, Culpa, Sexualidade, Psicanálise, Escrita erótica

A capacidade humana de simbolizar e refletir sobre as próprias experiências diferencia o sujeito de outras formas de vida. Essa capacidade impacta diretamente na forma como se habita o próprio corpo, especialmente no que diz respeito à sexualidade. No entanto, ao longo da história, discursos religiosos, patriarcais e midiáticos foram responsáveis por instaurar um imaginário coletivo pautado na culpa, promovendo o controle moral e social do corpo feminino. Esses discursos reduziram a vivência da sexualidade à performance de gênero, restringindo a autonomia e a subjetivação das mulheres. O objetivo deste trabalho é analisar os mecanismos históricos e contemporâneos de

controle do corpo feminino por meio da culpa, refletindo sobre como esses dispositivos afetam a construção da sexualidade e o modo de habitar o próprio corpo. Busca-se também apresentar práticas afirmativas que tensionem esses discursos, como o grupo de leitura e escrita erótica “Megeiras Indomadas”, do qual sou coordenadora. A metodologia adotada é de caráter qualitativo, com base em uma reflexão teórico-clínica sustentada pela psicanálise e pela análise de discursos culturais contemporâneos. Também será apresentado um relato de experiência sobre o desenvolvimento e os impactos subjetivos observados nas participantes do grupo “Megeiras Indomadas”, que propõe um espaço de escuta, criação, imaginação e elaboração simbólica da sexualidade através da palavra. Os resultados observados até o momento apontam para a potência da linguagem como ferramenta de resignificação do corpo e da sexualidade. As participantes relatam mudanças significativas na forma como percebem seus corpos e seu desejo, rompendo com narrativas internalizadas de culpa e vergonha. Conclui-se que práticas que articulam a psicanálise, a linguagem e a criação literária podem funcionar como dispositivos de resistência ao controle moral sobre o corpo feminino, ampliando a possibilidade de existência para além dos discursos normativos. O trabalho evidencia a importância de espaços coletivos que promovam a reinvenção do imaginário e a produção de novos sentidos sobre o corpo e o desejo.

Corpos que Dançam Pensamentos: o Inconsciente na dança

Auterives Maciel Junior

Palavras-chave: *Dança, Inconsciente, Linguagem*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 12 - Coreografias do Inconsciente: A Dança como Práxis Clínica e Teórica — por Auterives Maciel Junior

■ Assistir: [Português](#)

Trabalhando um ensaio de José Gil – intitulado Movimento Total : o Corpo e a Dança – procuramos livremente investigar como as criações de Cunningham, Steve Paxton e Yvonne Rainer inventam entrelaçamentos entre dança e linguagem, tornando possíveis a materialização de ideias através de gestos construídos pelos corpos dançantes. Com tal quadro configurado, o propósito consistirá em entender a dança como a expressão de um pensamento situado em movimentos aberrantes, cujo rigor lógico visa situar tais pensadores coreógrafos ao lado de outros pensamentos; mostrando como em tais movimentos totais conexões plausíveis entre e a Dança, as outras artes e pensamentos que se avizinham da experiência prática de tais invenções; irão consolidar o cenário noológico da nossa investigação a partir de três questões que iremos desenvolver ao longo do nosso desenvolvimento: 1) pode a dança neste intercurso questionar o universo convencional das danças figurativas, através de ideias situadas em formas mais elevadas de expressão corporal? 2) como inventar pela dança procedimentos de criação que façam os corpos dançantes encontrar uma ressonância com outras artes através de gestos que materializem sensações? 3) como a dança produz ideias que inquietem pensamentos clínicos e filosóficos dentro de uma intercessão a ser desenvolvida com contribuições oriundas de pensadores que trabalhem pela via do inconsciente? Construindo a coerência lógica entre as três questões, trabalharemos no artigo os corpos em movimento com o propósito de situar a dança como a expressão de um pensamento através dos gestos encontráveis na experiência de Pina Bausch. Assim, os Gestos do pensamento desta admirável criadora da dança, vão configurar a ambientação final da nossa investigação, situando-a na interface entre o pensamento na dança e outras formas de pensar que podem ser inquietadas pelas invenções de uma coreógrafa que cria condições de materializar pensamentos através de uma lógica não convencional no seu procedimento. Finalmente, corpos que Dançam deve ser o meio de uma intervenção que visa trabalhar uma outra forma de construir pela dança um pensamento que trabalhe questões que irão inquietar os modelos dogmáticos das suas concepções tradicionais.

Corpo sensorial e subjetividade plural: travessias invisíveis do desejo

Najla Gergi Krouchane

Palavras-chave: *Imagem Inconsciente do Corpo, Esquema Corporal, Linguagem, Significante Sensorial, Françoise Dolto*

Desde as primeiras vivências sensoriais, o corpo está em constante movimento e transformação. Ele não é apenas uma estrutura biológica, mas um território simbólico e afetivo, entrelaçado à subjetividade do sujeito. A

psicanalista Françoise Dolto contribui significativamente para essa compreensão ao propor o cruzamento entre o esquema corporal — percepção funcional e biológica — e a imagem inconsciente do corpo, uma construção psíquica que emerge das experiências sensoriais, afetivas e relacionais. Dolto afirma que essa imagem é inicialmente sensorial, marcada pelos órgãos dos sentidos. Para ela, as marcas sensoriais são significantes, ou seja, inscrições de linguagem que antecedem a linguagem verbal. A vida intrauterina e os primeiros tempos da vida extrauterina são palcos de aquisições sensoriais significantes, que estruturam a imagem inconsciente do corpo antes mesmo da palavra. Essas marcas são transmitidas pelo Outro — geralmente a figura materna — e constituem o sujeito em sua dimensão desejante. A autora descreve três fases dessa imagem: imagem de base, imagem funcional e imagem erógena. A imagem de base corresponde à estrutura psíquica mais primitiva e está associada à unidade e coesão corporal vivenciadas no início da vida. A imagem funcional surge com a mobilidade e a descoberta das capacidades corporais, permitindo que o corpo seja reconhecido como agente de ação. A imagem erógena está relacionada à experiência libidinal, ao prazer e ao desprazer vinculados às zonas erógenas e ao contato com o outro. Essas fases se articulam com as chamadas castrações simbólicas, operações simbólicas que possibilitam renúncias pulsionais em nome da linguagem, da cultura e do desejo — fundamentais para a estruturação do psiquismo. Cada etapa representa uma reorganização da imagem corporal, revelando que o corpo é um lugar de inscrição do desejo, da linguagem e da história. Ao abordar as posições libidinais, Dolto distingue entre os tipos masculino e feminino, mas desvincula essas posições da lógica binária de gênero. Ela enfatiza a posição subjetiva, permitindo pensar o corpo e o desejo para além das categorias fixas de masculino e feminino. Nesse sentido, as primeiras marcas psíquicas, anteriores ao complexo de Édipo — momento em que a sexualidade se organiza simbolicamente — são agênicas, ou seja, não se referem a uma lógica binária. Essas marcas inauguram a possibilidade de pensar as diversas expressões de gênero e sexualidade, evidenciando o declínio do binarismo clássico e a emergência de subjetividades plurais. A escuta psicanalítica contemporânea, especialmente com sujeitos LGBTQIAPN+, se beneficia das formulações de Dolto ao reconhecer que o corpo vivido muitas vezes entra em conflito com o corpo reconhecido socialmente. A heteronormatividade impõe padrões corporais e de expressão que podem deslegitimar vivências singulares, afetando a construção simbólica do corpo. Essa perspectiva permite compreender que a subjetividade da diversidade de expressões de gênero e sexualidade não se reduz à anatomia, mas se estrutura a partir de marcas sensoriais, afetivas e simbólicas que desafiam o binarismo e abrem espaço para diversas formas de existir.

O ser mulher na escolha em fazer a redesignação sexual: a contribuição de Stoller e Lacan na escuta ativa do psicólogo contemporâneo

Cláudio Noel de Toni Júnior

Palavras-chave: *Transsexualidade, Stoller e Lacan, Escuta ativa, Autodeterminação dos corpos*

No Brasil, mulheres transexuais têm buscado não apenas a transformação física, mas também um suporte que lhes permita a construção de uma nova identidade psíquica e social através da mudança de gênero na redesignação sexual, onde o psicólogo faz parte de uma equipe multidisciplinar e possui lugar de fala na aprovação do querer fazer, não sendo uma tarefa fácil para o profissional proferir um diagnóstico desta magnitude, pois isso irá modificar a vida de uma pessoa, e ninguém está alheio a erros. O objetivo do artigo é mostrar o papel do psicólogo contemporâneo neste contexto, pois a escuta ativa e a análise do sinthoma, em detrimento da separação corpo-sexo em Stoller, conforme Cossi (2016) discutido por Lacan na década de 1970, com o método atual, torna-se um elemento importante na decisão do outro, ao promover uma abordagem integral que permeia os aspectos emocionais e existenciais durante o processo de transição. Conforme Ceccarelli (2017), sobre a inteligibilidade em Lacan, o transexual projeta em si o Falo e busca a cirurgia ao se afastar do significante, onde o desejo da cirurgia é a passagem pelo real. **Materiais e Métodos:** O trabalho adota uma abordagem metodológica baseada na revisão crítica de teses e artigos acadêmicos, focando em mulheres transexuais que optaram pela cirurgia de mudança de gênero como forma de autodeterminação, permitindo uma compreensão dos processos subjetivos envolvidos nesta transição sob um novo olhar psicoterápico humanizado na atualidade. **Discussão:** A atuação do psicanalista, fundamentada na escuta ativa, conforme Arán (2009) e na interpretação da realidade, torna-se um espaço seguro para a expressão de conflitos e anseios relacionados à identidade de gênero. As teses de Stoller e Lacan oferecem uma base para compreender os mecanismos de resistência e aceitação que emergem durante o processo de

transformação. Resultados: Verificam-se dois tipos de poderes distintos de normatizar a sociedade transexual, a abordagem de Lacan e a de Stoller. A primeira possui a limitação de designar a Biologia, as explicações de métodos de consultório, sempre preservando o Falo e o pênis nas relações de dominância masculina, o segundo através da teoria que após a fase dos três primeiros anos, pouco se poderia fazer a não ser aceitar o “verdadeiro transexual”. A presença de uma psicanálise moderna facilitou a construção de estratégias de enfrentamento e a superação de barreiras emocionais, contribuindo tanto para a preparação pré-operatória quanto para o acompanhamento pós-cirúrgico (Toni Junior, 2024). A equipe da qual faz parte o psicólogo, deve problematizar, saber ouvir as pessoas e propor políticas públicas que deem maior atenção no que tange às demandas do Sistema Único de Saúde (SUS), e que a autodeterminação da pessoa deve estar aliada a uma opinião psicanalítica que possa ajudar a paciente a se desvencilhar do “transexual verdadeiro stolleriano.

O Corpo diz

PRISCYLLA SPENCER

Palavras-chave: Poesia, corpo, dança, movimento

O poema “O corpo diz” oferece uma imersão poética na escuta sensível de uma linguagem que antecede o discurso verbal: a linguagem do corpo. Trata-se de um convite para perceber o corpo como um texto vivo, onde a fala não passa necessariamente pela boca, mas por uma gramática feita de pele, de marcas invisíveis, de sons que ecoam por dentro. O poema apresenta o corpo como palco do inconsciente, um corpo que dança sem música, responde sem que lhe perguntem, convoca memórias que não sabemos nomear, mas que insistem em se fazer presentes no tropeço, no arquejar do peito, no torcer de um tornozelo, nos arrepios que atravessam a pele. Essa escrita corporal antecede o sujeito falante e traz em si a força de uma “lalíngua”, como diria Lacan: linguagem íntima, pulsante, que não se traduz, mas se sente. O poema transforma o corpo em verbo, desejo, afeto e movimento, revelando que toda palavra encarna, cedo ou tarde, em um gesto. Assim, o corpo vai dizendo aquilo que escapa aos discursos e atravessa a existência, com suor, vertigem, gozo e dor, anunciando que o inconsciente fala, sobretudo, através da carne que dança e insiste em viver. O corpo dança e desenha palavras.

Corpos capitalizáveis no palco do neoliberalismo e as rodas de conversação como dispositivo crítico que invoca corpos-desejantes

Tatyane Marques Ferreira

Palavras-chave: Neoliberalismo, corpo, conversação, psicanálise

“Trabalhe enquanto eles dormem” é só uma das máximas que marcam as produções de agentes de si mesmo, de empresários de si, numa racionalidade neoliberal que engendra valor de consumo nas variações qualitativas, feitos no nível do próprio homem, constituindo a economia como capital humano. Assim, a subjetivação forjada no neoliberalismo captura o corpo às montagens empresariais contábeis. Não se trata mais de um corpo a ser docilizado, nas instituições modernas, mas um corpo capitalizável na esteira da assistência privada, o que significa que não conta com formas de ajuda mútua de meios de pertencimento coletivo e com os mecanismos de solidariedade. Tais questões nasceram na dissertação intitulada “Tensionando os ruídos inaudíveis do neoliberalismo na saúde: questões acerca de uma práxis política”, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Práticas e Inovação em Saúde Mental - UPE, e nos dirige a apontar as rodas de conversação como ferramenta de interpelação de corpos políticos e subjetivos atravessados pelo neoliberalismo. Visamos, desse modo, apontar a potência das rodas de conversação como horizonte discursivo crítico circulante que invoca corpos-desejantes. Para isso, problematizaremos a micropolítica neoliberal na constituição de corpos capitalizáveis e seus efeitos, bem como teceremos sobre a força de ruptura de uma ética antipredicativa na produção de corpos políticos. Trata-se de um relato de pesquisa com residentes multiprofissionais em saúde da região metropolitana do Recife e estudos teóricos em construção no campo da filosofia política e psicanálise. À guisa de considerações finais, torna-se importante notar a fertilidade da composição de um espaço de suspensão das certezas e de resposta direta à demanda gerencial, fazendo incidir flexões sensíveis nos corpos-máquinas-empresas, fissuras micropolíticas que confrontam as multiplicidades do viver no plano hegemônico.

Marcas da pluralidade: leituras psicanalíticas do mal-estar e da diferença no movimento LGBT+

Andre Alonso Marques; Gustavo Angeli

Palavras-chave: *Psicanálise, Lâmpião da Esquina, Mal-estar, Psicanálise extramuros, Grupos LGBT+*

O movimento LGBT+ emergiu em diferentes contextos históricos e sociais, marcados tanto pela resistência política quanto pela busca de pertencimento afetivo. Contudo, cada pessoa, mesmo que identificada com o grupo e suas demandas, possui sua singularidade, e assim constituem-se as diferenças entre pessoas que se unem em um coletivo, mas se diferenciam em sua singularidade por possuírem cosmovisões distintas. Essas diferenças podem gerar mal-estar, serem suportadas e negociadas, mas quando essas singularidades são desconsideradas há um possível apagamento da diferença dentro do próprio grupo. Dessa forma, este trabalho analisa as implicações e a potência da diferença e do mal-estar nos movimentos de resistência LGBT+. Busca-se tensionar a noção de coletivo como ideal, tendo como hipótese o risco de apagamento da singularidade e de esvaziamento do próprio movimento quando o singular é desconsiderado. A partir do método de pesquisa em psicanálise extramuros, baseado em transportar a teoria psicanalítica para fora setting analítico da clínica tradicional, resgatam-se como material de análise edições digitalizadas do Jornal Lâmpião da Esquina, expressão significativa da imprensa LGBT+ durante a ditadura militar, disponibilizado pelo Centro de documentação Prof. Dr. Luiz Mott- CEDOC. A escolha das edições analisadas se deu a partir da leitura das manchetes e das matérias que capturavam o interesse do pesquisador tendo como premissa a relação transferencial com os temas em torno do mal-estar e a diferença no grupo LGBT+. Ao longo das edições do Lâmpião, a ambivalência do grupo é encarnada no corpo editorial e refletida nas matérias e nas pautas. Alguns editores escrevem as colunas com textos marcadamente militantes em oposição a adesão política partidária, enquanto outros preferem textos mais acadêmicos. As edições analisadas revelam como o Lâmpião incorporava divergências internas sem tentar eliminá-las, isso ocorre nas discordâncias editoriais, nas tensões entre militância partidária e independência política, e nas contradições nas falas de entrevistados. Esses conflitos, longe de enfraquecer a luta expõem a complexidade da convivência em grupos que, mesmo unidos por causas comuns, eram atravessados por diferenças de classe, raça, gênero, sexualidade e perspectivas políticas. Assim, em diálogo com autores como Souza e Langaro, problematiza-se a noção de identidades fixas e universais, aponta-se a valorização das identificações provisórias, abertas e múltiplas. Nesse sentido, as páginas do Lâmpião mostram-se um espaço de resistência não apenas contra a repressão externa, mas também contra tendências totalizantes internas, possibilitando a circulação de posições dissidentes e o exercício da crítica. Conclui-se, que ao articular a psicanálise e os estudos de gênero, propomos uma leitura do sujeito que escapa às normatividades e à lógica binária. Assim, esse tensionamento nos permite escutar os atravessamentos subjetivos do mal-estar, abrindo caminhos para a ampliação da pluralidade nos movimentos sociais, além de permitir compreender o movimento LGBT+ como um campo em disputa permanente, no qual a pluralidade e a diferença não são obstáculos, mas elementos constitutivos e indispensáveis.

A escuta psicanalítica do feminino e da violência doméstica na obra Tudo é Rio

Larissa Medeiros; Andre Alonso Marques; Gustavo Angeli

Palavras-chave: *Psicanálise, Violência, Feminino, amor, Tudo é rio*

O presente trabalho promove reflexões acerca da permanência de mulheres em relações conjugais que causam sofrimento, sob a perspectiva da psicanálise, por meio da análise da personagem Dalva do livro Tudo é Rio, de 2024, escrito por Carla Madeira. O método é a psicanálise extramuros, que se refere a um caminho de escuta da personagem Dalva da obra literária. A mulher problematizada faz parte de um recorte social formado por mulheres brancas, pertencentes à classe média e constituídas no contexto familiar patriarcal contemporâneo. A discussão acontece em torno das relações amorosas nas quais mulheres sustentam uma vida destinada aos cuidados da casa e dos filhos, em nome das transmissões geracionais que tiveram sobre o amor e as relações conjugais. Conforme aponta Santos e Oliveira (2024), a escritora Carla Madeira buscou evidenciar que a personagem, além de possuir efeitos deixados pelo discurso patriarcal autoritário do pai e do marido, permaneceu no vínculo conjugal através de repetições inconscientes advindas da sua própria história familiar. O enredo gira em torno do romance de Dalva e Venâncio, marcado por violência destinada ao feminino. A escritora faz uma leitura da mulher contemporânea como

essa que ainda se coloca como a que se submete ao desejo masculino, apaga a sua subjetividade, e que se entende como a responsável pela garantia do casamento, mesmo que às custas de dominação e dinâmicas conjugais violentas (Santos & Oliveira, 2024). Ressaltam que a honra da mulher socialmente aceita no contexto patriarcal, é dada a partir da posse do seu corpo e de sua obediência ao homem, seja ele o pai ou o marido (Santos & Oliveira, 2024). Referente isso, à Psicanálise propõe ao leitor um convite para olhar a sustentação que a mulher faz diante de histórias de amor que aparentam um horror inicial, e pensar o que a leva a ceder ao papel de mulher comportada, esposa e mãe que tanto depreciou, mas que em algum momento, a capturou. A esse respeito, Bento (2007) afirma que a escolha amorosa é uma identificação inconsciente, em que o objeto amado possui relação com a história infantil de cada sujeito. Há, nesta escolha, uma espécie de assujeitamento e dependência por parte da mulher que permanece no vínculo adocedor, tal qual como no imago infantil uma criança venerou e confiou sua vida exclusivamente às figuras paternas. Interessa a esta pesquisa, pensar que Dalva representa não só a mulher do século passado que sofreu em meio a um contexto altamente repressor, que gritou através do sintoma o que não pode dizer da sua história, mas também, a mulher atual, que sob outras faces, continua a sustentar o lugar assujeitado ao desejo masculino e permanece em relações violentas em nome do suposto amor ideal que a mulher deve buscar. Nos perguntamos se há lugar e que lugar é o da mulher que deseja algo além do casamento e da maternidade, quais saídas são possíveis além da suposta segurança de um casamento socialmente aceito, temas ainda tão presentes na contemporaneidade como o símbolo da realização feminina.

Casamento, poliamor e psicanálise: estudo autoanalítico e exploratório

Roberto Pacheco

Palavras-chave: Psicanálise, poliamor, relação trisal

Esse artigo originou-se do meu trabalho de conclusão de curso em psicanálise, caracterizado como autoanálise da própria história poliamorosa e estudo teórico exploratório — através de uma revisão bibliográfica narrativa em fontes virtuais de pesquisa e com análise qualitativa dos dados. Objetivou analisar o poliamor e suas consequências contemporâneas. Apresenta uma autoescritura e discute sexualidade, amor, casamento, poliamor e relação trisal. O mundo digital globalizado, fugaz e desumanizado, vem banalizando o amor e as relações sexuais. Nesse cenário, discursos como “para que casar” ou “casar não vale a pena” tornaram-se comuns na cotidianidade. Estaria o ser humano indisposto ao “casamento” ou desejando retomar formas ancestrais de amar livremente? A relevância em analisar o poliamor é que este despatologiza o casamento aberto, reconhecendo-o como relação amorosa legítima. Relação com efeitos existenciais e sociais, que trazem desafios à psicanálise e a sociedade. É necessário compreender sofrimentos e transformações que emergem no e do poliamor — afinal qualquer relação sexual tem os seus prazeres e dilemas, o bem e o mal-estar. Assim, quais subjetividades abrigam os corpos poliamorosos? Esse estudo permitiu revisitar a minha história sexual masculina, ressignificar a ética amorosa, suportar as consequências negativas do poliamor e situar o amor como um dos focos do trabalho em saúde. A relação poliamorosa enfrenta velhos e novos dilemas, como o preconceito/discriminação e corpos visando a superação monogâmica compulsória no êxtase da sexualidade, respectivamente.

Enlutar o estranho, reencontrar o familiar: a clínica dos lutos parentais frente à homossexualidade

Paulo Ricardo Deboletto Oliveira; Robson Mello; Maria Virginia Filomena Cremasco

Palavras-chave: Luto, homossexualidade, parentalidade, clínica psicanalítica

A população homossexual, por não corresponder à matriz heteronormativa de desejo, tem seus corpos condenados à abjeção social. A presente pesquisa tem como objetivo compreender os aspectos psicodinâmicos da reação de mães e pais ao coming out de seus filhos e filhas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com construção de caso, na qual foram realizados atendimentos psicanalíticos com pais e mães que relataram sofrimento relacionado à homossexualidade de seus filhos e suas filhas. Propõe-se uma hipótese metapsicológica acerca desse sofrimento como não possibilidade de realização de um luto do ideal de filho. A construção de caso permite, à luz da transferência e da supervisão, compreender a lógica por meio da qual esse luto se articula à história singular das perdas de cada sujeito. Desde abril de 2025, foram atendidas duas mães e um pai. Os atendimentos permitiram

identificar como a revelação da homossexualidade dos filhos opera como uma ruptura frente à idealização narcísica parental e às expectativas sociais. Nesse sentido, os filhos configuram-se como corpos estranhos (Unheimliche) que revelam a emergência de uma verdade que, sob os ditames de uma sociedade homofóbica, deveria permanecer oculta. O caráter abjeto que o desejo homossexual assume faz com que a queda do ideal suscite uma série de reações defensivas como uma primeira tentativa de elaboração frente à perda do objeto idealizado. Notou-se, durante o tratamento, que falar da estranheza frente à revelação do desejo homossexual dos filhos é permitir que aquilo que permaneceria oculto possa vir à tona e tenha sua simbolização possibilitada. Através da escuta clínica e das narrativas do sofrimento parental, foi possível notar como o luto do filho idealizado se enlaça a uma cadeia de lutos anteriores que remontam à história singular de cada sujeito. O luto com relação à homossexualidade, entretanto, é revestido de uma especificidade: a experiência de abjeção e monstruosidade à qual a população homossexual é submetida opera como barreira à elaboração do luto, à medida que só são enlutáveis as vidas consideradas inteligíveis. Nesse sentido, o processo de elaboração dessa perda convoca não somente um caráter pessoal, mas também perpassa por um âmbito histórico-político que convoca a memória coletiva de uma população que, historicamente, foi interdita de ser enlutada, como ocorreu de forma paradigmática durante a epidemia da AIDS. As narrativas dos pais se enlaçam a esse horizonte mais amplo, onde participam de seu sofrimento resquícios de uma violência social que recai sobre a população LGBTQIAPN+. A partir da narrativa e escuta daquilo que se perdeu, os pais e mães puderam elaborar a perda do ideal dos filhos, encontrando a possibilidade de reconciliação e reencontro com eles em sua sexualidade real. Esse movimento favoreceu o reconhecimento de sua singularidade e a construção de uma relação parental menos atravessada pela idealização. Conclui-se que os ideais parentais e sociais se relacionam estreitamente à elaboração dos lutos simbólicos na psicodinâmica da constituição do eu e suas relações, o que amplia a compreensão clínica e teórica sobre os lutos parentais frente à homossexualidade.

Não-binariedade e o Édipo: da escola ao divã

Patrícia Raffo Coutinho

Palavras-chave: Não-binária, psicanálise, educação, complexo de Édipo, LGBTQIAPN+

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 06 - Necropolítica e Desmentido: A Gestão da Violência sobre Corpos Marginalizados — por Patrícia Raffo Coutinho

■ Assistir: Português

A não-binariedade trata-se de condição cuja classificação e estudo é tema muito recente, apesar de ser condição provavelmente tão antiga quanto a própria espécie humana. Trata-se de uma identidade de gênero dentro da comunidade LGBTQIAPN+ que desafia a noção normativa da binariedade homem/mulher como únicas opções de existência. Neste estudo trago visões que subvertem e questionam o complexo de Édipo e a castração simbólica, bem como a importância da informação e da naturalização destas vivências não só desde a escola, para a formação de uma identidade sólida, empoderada, mas também na clínica para o atendimento terapêutico destas pessoas que sofrem inúmeras violências. Para tal me baseio em pesquisa bibliográfica – principalmente em textos de pesquisadores nacionais – que dá corpus à análise de minha própria experiência pessoal como pessoa trans não-binária educada no contexto dos anos 70/80. Observei que o conceito fundamental do Édipo vem em extenso questionamento desde autores como Deleuze e Guattari, sendo que para alguns colegas, a não-binariedade trata-se de manifestação de cunho psicótico ou até mesmo de perversão, o que busco contestar com o apoio de autores na área de psicanálise e questões de gênero, como Márcia Arán, Amara Moira, Daniela Couto, Jean Laplanche, Sara York, Eloisio Souza, Jinx Vilhas, e filósofos tais como Judith Butler, Michel Foucault, Paul Preciado. Discuto quanto o conceito de Freud de família heterossexual tradicional burguesa foi tendo seus pilares significantes de pai e mãe como figuras encarnadas da diferença sexual anatômica e do seu teatro no Édipo transformada por Lacan em papéis como o Desejo Materno e o Nome-do-Pai acessíveis a quaisquer cuidadores independentes do sexo biológico, possibilitando para autores contemporâneos elaborar suas teses de subjetivação mesmo em situações de homoparentalidade ou de mães solteiras. Através do levantamento feito, também pude constatar a exclusão que crianças com tendências LGBTQIAPN+ sofrem e a grande necessidade de que seja colocada em prática uma política nacional de ensino das diversidades sexuais e de gênero em contexto escolar desde a tenra idade. As fontes mostraram-se escassas sobre o assunto, apontando para a necessidade de produzir saberes sobre o tema, problematizar nossas políticas, nossos atendimentos clínicos, e até mesmo revisar textos tidos como pilares de nossa

práxis psicanalítica.

PT: Diante da Porta de Vidro: Analisando o Processo de Racialização de Psicanalistas Brancos(As) EN: In View of the Glass Door: Analyzing the Racialization Process of White Psychoanalysts

Gabriella Celestino Lemos Furtado Gondim; Vladia Jamile Dos Santos Jucá

Palavras-chave: *Psicanálise, Branquitude, Clínica Psicanalítica, Formação do Analista, Luta Antirracista*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 16 - O Corpo em Prática: Branquitude, Surfe e a Reinscrição Corporal — por Gabriella Celestino Lemos Furtado Gondim

■ Assistir: [Português](#)

Este trabalho nasce de uma dissertação de mestrado em curso que investiga sobre os processos de racialização de psicanalistas brancos e suas ressonâncias na clínica e na formação analíticas. No cenário brasileiro contemporâneo, percebemos o surgimento de cada vez mais grupos de psicanálise que discutem racismo e branquitude e contam com a presença frequente de pessoas brancas. Nesse sentido, amparadas pelos estudos sobre a transferência e por ferramentas conceituais psi atentas às questões raciais, perguntamo-nos: o que se transforma na clínica e nos modos de experienciar a formação psicanalítica de analistas que se chocam contra a porta de vidro da própria branquitude? O objetivo central é investigar sobre como a racialização de si enquanto branco(a) transforma o percurso formativo e o fazer clínico de psicanalistas brasileiros. Para isso, os objetivos específicos incluem refletir sobre como se dão os processos de racialização dos entrevistados, assim como analisar as ressonâncias de tal processo em suas formações e práticas clínicas. A pesquisa, de natureza exploratória e descritiva, utiliza a metodologia de entrevista narrativa de Fritz Schutze e a análise de conteúdo de Laurence Bardin como guias para produção e análise de dados. Os participantes são psicanalistas brasileiros(as) que compõem coletivos ou grupos de psicanálise que discutem decolonialidade, raça e temas transversais. Apesar de utilizar recursos metodológicos das ciências sociais, a pesquisa demarca seu referencial psicanalítico e rejeita a noção de neutralidade científica, reconhecendo a transferência como elemento presente também na pesquisa acadêmica. Inicialmente, o estudo reconstitui a história dos estudos psicanalíticos sobre raça e racismo no Brasil por meio de uma linha do tempo que percorre produções do século XIX ao ano de 2023. Em um segundo momento, discutimos que, apesar da eloquência de vozes como Neusa Santos Souza e Isildinha Baptista Nogueira, os espaços tradicionais de psicanálise parecem não refletir esse cenário potente: entre os 17 autores contemporâneos mais lidos e os 39 líderes das principais Escolas psicanalíticas do país, não há pessoas negras. Refletimos, então, sobre a herança remanescente de uma psicanálise “do centro”, nascida na Modernidade, que, embora se desloque em direção a um “Outro”, localiza-se em tempo e espaço historicamente definidos. A partir dessa costura entre teoria e cultura, interessa-nos pensar os impactos do encontro da psicanálise com estudos críticos comprometidos com a justiça social, especialmente racial, na clínica psicanalítica contemporânea. As entrevistas em andamento já revelam núcleos de sentido como: o descobrir-se branco fora da psicanálise, a racialização de si como possibilitadora de uma ampliação no ponto de escuta, o grupo ou coletivo como espaço de formação e comunidade e, por fim, o não-desejo de ocupar Escolas tradicionais. A relevância do estudo está atrelada à reflexão sobre a implicação de psicanalistas brancos na construção de uma clínica antirracista e as possibilidades da própria psicanálise na luta por equidade racial no Brasil.

A mulher negra e os deslocamentos das concepções psicanalíticas de feminino e feminilidade

Debora Lydinês Martins Corsino

Palavras-chave: *Mulher negra, Psicanálise, Feminino, Feminilidade*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 15 - Epistemologias Negras e Psicanálise: Escrivência, Feminilidades e Espiritualidade — por Debora Lydinês Martins Corsino

■ Assistir: [Português](#)

O campo psicanalítico é marcado por certo movimento teórico em relação às questões que se apresentam no laço social. Lacan faz essa defesa quando afirma que nenhuma teoria se sustenta sem possuir no horizonte os problemas do seu tempo. Assim, desde Virgínia Bicudo e Neusa Santos Souza contamos com contribuições teóricas que mobilizam o debate racial com a teoria psicanalítica. Nesse sentido, a partir de uma construção teórica, objetivamos discutir neste trabalho alguns tensionamentos em torno dos conceitos de feminino e feminilidade em Freud e Lacan, com referenciais que articulam psicanálise e relações raciais. Freud ao formular a teoria do complexo de Édipo e das saídas edípicas, consegue dissertar ao longo de sua obra como esse enlace ocorre para o menino, mas ao pensar na menina modifica suas construções a cada novo texto. Assim, nos últimos trabalhos que abordam a questão, assume que não conseguiu encontrar uma correspondência para a experiência da mulher, como construiu sobre o homem, e sugere que esse questionamento seja feito aos poetas e às próprias mulheres. Numa perspectiva lacaniana, se discute que Freud pouco avançou nesse debate, por ainda estar ancorado numa perspectiva biológica. Dessa forma, ao inserir uma correlação entre inconsciente e a linguagem, Lacan convoca o campo psicanalítico a se referir à cultura e campo social, e não mais a instinto e biologia. Além dessa torção, a linguagem também impõe uma nova forma de olhar para a cena edípica, justamente porque a castração se impõe para todos e portanto nenhuma figura possui o falo. Assim, cada sujeito vai construir uma forma de se relacionar com a falta via linguagem. Nesse sentido, Lacan postula a assimetria entre os sexos, e localiza o feminino e masculino enquanto posições, que não são restritas à experiência da mulher e do homem, mas se referenciam aos modos-de-gozo. O gozo todo se apoiaria nos elementos da cultura e o gozo não-todo se refere às experiências que não alcançam linguagem e saber. Lacan consegue ir além de Freud, mas ainda binariza o debate quando afirma que a mulher estaria do lado do gozo-não-todo, por não partir do falo enquanto referência. A partir dessa exposição, questionamos como a figura da mulher negra se localiza nessa cena, com os questionamentos de Sojourner Truth em *E eu não sou uma mulher?*. Em seu discurso, Sojourner faz uma recusa desses signos que seriam universais definidores de uma mulher, e portanto sua figura, e arriscamos dizer a figura da mulher negra, nos dá pistas para constatar o que se produz dessa experiência de estar à antítese do falo e da branquitude. Não se trata de garantir que a mulher negra seja incluída nos termos fálicos, mas escutar aquilo que ela produz a partir de sua experiência de diferença e alteridade. Portanto, compreendemos que a figura da mulher negra pode proporcionar uma abertura no campo psicanalítico tendo em vista sua dupla inscrição não-toda, para construirmos saídas para o problema da mulher na psicanálise.

(Re)significando corpos: mulheres mastectomizadas em um estúdio de tatuagem

Laura Salek Gouveia; Joana De Vilhena Novaes

Palavras-chave: Câncer de mama, corpo feminino, psicanálise, responsabilidade social, tatuagem restaurativa

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 16 - O Corpo em Prática: Branquitude, Surfe e a Reinscrição Corporal — por Laura Salek Gouveia

■ Assistir: Português

Este estudo dá continuidade às investigações prévias sobre as representações sociais da tatuagem na contemporaneidade. Para tal, no escopo da pesquisa atual, partiu-se da premissa de que as mesmas assumem a forma de uma escrita autobiográfica na pele, bem como sua (re)inscrição no corpo feminino. Neste sentido, a presente pesquisa trata, pois, de uma investigação acerca do Projeto Florescer: iniciativa voluntária, de caráter social e na qual tatuadores(as) realizam tatuagens realistas dos mamilos através da cobertura das cicatrizes em mulheres diagnosticadas com o câncer de mama, que tenham se submetido à mastectomia. A partir da observação participante em um estúdio de tatuagem, foi possível realizar uma análise temática da narrativa dessas mulheres. À luz da teoria psicanalítica, na sua interface com outros campos de saber, foi realizado um trilhamento histórico que contemplasse os estudos sobre corpo, beleza e trauma. Objetivou-se, com isso, uma discussão acerca das dimensões subjetivas e sociais envolvidas neste processo. A perda e reescrita de um órgão símbolo do feminino; os impactos e ressonâncias psíquicas do estigma do câncer; as angústias resultantes do pós-diagnóstico; as preocupações em torno da beleza, bem como os processos de simbolização e circulação social do corpo reatualizado foram alguns dos marcadores encontrados. Adicionalmente, o caráter voluntário e a dimensão comunitária do projeto são considerados elementos centrais para a produção de cuidados, reconhecimento e inclusão das mulheres mastectomizadas. Ao final da referida investigação, acreditamos ser possível afirmar que as tatuagens restaurativas funcionaram como um

dispositivo e uma tecnologia de cuidado essenciais na reconstrução subjetiva do corpo feminino. Da mesma forma, na sua reinserção simbólica e social após o câncer de mama.

Discurso capitalista e o mercado da beleza

Nicole Oliveira Rocha

Palavras-chave: *Discurso capitalista, sociedade de consumo, beleza, imagem corporal, sofrimento psíquico*

Em uma cultura de supervalorização da aparência, o corpo tornou-se o principal objeto de investimento do sujeito contemporâneo. O mercado da beleza apresenta-se em constante crescimento, promovendo um catálogo diversificado de cosméticos, medicamentos, procedimentos estéticos e cirurgias plásticas. Na contemporaneidade, o fenômeno da moralização da beleza converte a inadequação estética em sinônimo de falha moral e impõe seu ajustamento, consolidando a beleza como um significativo marcador de inclusão social e, portanto, contribuindo para o mal-estar corporal dos sujeitos que não se enquadram no padrão estético. Para retratar esse fenômeno social, buscou-se compreender de que forma a cultura e a sociedade capitalista contribuem para o mal-estar corporal, investigar os fatores que sustentam a busca inesgotável pela beleza, por meio do investimento, do sacrifício e da disciplina com o próprio corpo, assim como os impactos nos modos de subjetivação em uma sociedade que supervaloriza a beleza e o consumo. O estudo tem como objetivo investigar a relação entre o discurso capitalista e a beleza, uma vez que a imagem, a estética e o corpo passaram por um processo de mercantilização, consolidando o corpo como fonte de mal-estar contemporâneo. Para analisar esse fenômeno, realizou-se uma pesquisa teórica fundamentada na psicanálise, especialmente nas contribuições de Sigmund Freud e Jacques Lacan, para compreender os modos de subjetivação e o sofrimento psíquico na contemporaneidade, em articulação interdisciplinar com autores da crítica social e cultural. Identificou-se que o capitalismo não determina apenas normas econômicas, mas também valores sociais e culturais, vinculando-os ao próprio sujeito, que tem seu corpo reduzido a um objeto de consumo, tornando-se responsável por empreender em si mesmo, sobretudo na imagem corporal como símbolo de valor individual. O corpo belo não é visto como um atributo da natureza corporal, mas como um traço de moralidade e competência, condenando os corpos fora do padrão estético à desumanização, à marginalização e à exclusão social. Nessa lógica, a mulher é a mais afetada, uma vez que seu valor histórico está associado à beleza, o que a torna invisibilizada à medida que se distancia do padrão estético. O discurso capitalista se beneficia desse mal-estar corporal ao promover falsamente o consumo como solução, perpetuando o excesso de consumo e autossacrifício sustentados na fantasia de completude. Trata-se de uma cultura narcísica que marcou a subjetividade contemporânea pelo investimento no próprio eu, pautado no desejo de validação do outro. Conclui-se que essa cultura promove o enfraquecimento dos laços sociais, a perda da singularidade e perpetua formas de discriminação, contribuindo com o sofrimento psíquico. Nesse cenário, a psicanálise assume um papel fundamental como instrumento de resistência diante de um sistema que lucra com a insatisfação, atuando na contramão do discurso de dominação. Desse modo, a pesquisa visa contribuir com a conscientização acerca do adoecimento promovido pelo discurso mercadológico, a desconstrução de ideais normativos que subjugam os corpos e o estímulo de práticas e discursos que promovam a valorização da singularidade, da diversidade e a inclusão.

Corpo, sociedade da representação e clínica psicanalítica do possível

Klaylian Marcela Santos Lima Monteiro

Palavras-chave: *Clínica psicanalítica, Corpo, Laço social, Sociedade*

Diante do envelhecimento populacional e estilos de vida contemporâneos, a institucionalização de pessoas velhas, dependentes de cuidados, tem se tornado cada vez mais comum. Na perspectiva foucaultiana, tais instituições funcionam como dispositivos de regulação e controle dos corpos e subjetividades, podendo ser pensadas não só como cuidado, mas prática social que disciplina, homogeneiza e produz modos de subjetivação. Ainda, a pesquisa apoiou-se na concepção freudiana segundo a qual o eu é fundamentalmente corpóreo e constituído por identificações. Por isso, a perda de objetos investidos fragiliza tanto a economia libidinal quanto a imagem psíquica do eu-corpo, exigindo insistentes reconstruções simbólicas e imaginárias. Desse ponto, emerge a tensão entre o corpo desejante do sujeito e o regulado pela instituição, inviabilizando processos de resignificação e novos investimentos. Sob essa ótica, utilizamos o método clínico psicanalítico para investigar a modalidade de cuidado

“presença implicada”, em suas relações com a metapsicologia do luto, na subjetividade de residentes em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos na Região Metropolitana do Recife. Foram realizadas entrevistas não-estruturadas com duas residentes e duas cuidadoras, analisadas por meio da escuta flutuante e do campo transferencial, a partir do método interpretativo da Psicanálise. Os resultados revelaram que o cuidado idealizado como expressão de amor e doação, embora sustente psiquicamente as cuidadoras, aprisiona os velhos em posições subjetivas passivas. Nesse contexto, recusas corporais, como resistência ao banho ou à alimentação, frequentemente interpretadas como “birras”, podem ser compreendidas como atos de subjetivação; tentativas do corpo em afirmar desejo e diferença frente à homogeneização institucional. Na experiência de Vitória (nome fictício), a institucionalização somou-se às perdas – da casa, do ofício, da autonomia e de parte do corpo –, produzindo uma fragilidade do eu que evidencia a dimensão corpórea da subjetividade. Assim, o corpo envelhecido, atravessado pelo traumático, inscreve marcas simbólicas de perda, dependência e vulnerabilidade, exigindo incessantes reconstruções psíquicas. Por outro lado, o receio de Ana (nome fictício) em “dar trabalho” e de tornar-se “inutilizada”, conduziu a um modo de existir marcado pelo apagamento subjetivo: obediente às regras institucionais, conformou-se a um papel de submissão em que a cadeira de rodas, mais do que um recurso, simboliza a adaptação a uma posição sem espaço para desejo e transgressão. Ainda, a rigidez institucional e o excesso de presença implicada, tornam o cuidado repetitivo e vazio, transformando-o em máquina disciplinar que controla expressões e ritmos corporais, e inibe a vitalidade corpóreo-psíquica, ao obstruir o caminho para atividades criativas, essenciais para atravessar lutos e (re)inventar formas de ser. Os resultados apontaram que o cuidado institucional deve ser repensado além de sua dimensão operacional, pois não se limita à preservação do corpo fisiológico, mas possibilita uma existência com sentido, em que o envelhecer se torna processo simbólico de continuidade e transformação. Assim, a psicanálise escuta o corpo como lugar de expressões inconscientes, funcionando como contraponto ético à lógica disciplinar das instituições e abrindo espaço para que a velhice seja vivida em sua potência de reinvenção subjetiva.

Corpo, cuidado e intersubjetividade: a institucionalização da velhice em uma perspectiva psicanalítica

José Francisco Teixeira Araujo Neto

Palavras-chave: *Cuidado, Corpo, Espaço potencial, Instituição de longa permanência para idosos, Intersubjetividade*

Diante do envelhecimento populacional e estilos de vida contemporâneos, a institucionalização de pessoas velhas, dependentes de cuidados, tem se tornado cada vez mais comum. Na perspectiva foucaultiana, tais instituições funcionam como dispositivos de regulação e controle dos corpos e subjetividades, podendo ser pensadas não só como cuidado, mas prática social que disciplina, homogeneiza e produz modos de subjetivação. Ainda, a pesquisa apoiou-se na concepção freudiana segundo a qual o eu é fundamentalmente corpóreo e constituído por identificações. Por isso, a perda de objetos investidos fragiliza tanto a economia libidinal quanto a imagem psíquica do eu-corpo, exigindo insistentes reconstruções simbólicas e imaginárias. Desse ponto, emerge a tensão entre o corpo desejante do sujeito e o regulado pela instituição, inviabilizando processos de ressignificação e novos investimentos. Sob essa ótica, utilizamos o método clínico psicanalítico para investigar a modalidade de cuidado “presença implicada”, em suas relações com a metapsicologia do luto, na subjetividade de residentes em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos na Região Metropolitana do Recife. Foram realizadas entrevistas não-estruturadas com duas residentes e duas cuidadoras, analisadas por meio da escuta flutuante e do campo transferencial, a partir do método interpretativo da Psicanálise. Os resultados revelaram que o cuidado idealizado como expressão de amor e doação, embora sustente psiquicamente as cuidadoras, aprisiona os velhos em posições subjetivas passivas. Nesse contexto, recusas corporais, como resistência ao banho ou à alimentação, frequentemente interpretadas como “birras”, podem ser compreendidas como atos de subjetivação; tentativas do corpo em afirmar desejo e diferença frente à homogeneização institucional. Na experiência de Vitória (nome fictício), a institucionalização somou-se às perdas – da casa, do ofício, da autonomia e de parte do corpo –, produzindo uma fragilidade do eu que evidencia a dimensão corpórea da subjetividade. Assim, o corpo envelhecido, atravessado pelo traumático, inscreve marcas simbólicas de perda, dependência e vulnerabilidade, exigindo incessantes reconstruções psíquicas. Por outro lado, o receio de Ana (nome fictício) em “dar trabalho” e de tornar-se “inutilizada”, conduziu a um modo de existir marcado pelo apagamento subjetivo: obediente às regras institucionais, conformou-se a um papel de submissão em que a cadeira de rodas, mais do que um recurso, simboliza a adaptação a uma posição sem

espaço para desejo e transgressão. Ainda, a rigidez institucional e o excesso de presença implicada, tornam o cuidado repetitivo e vazio, transformando-o em máquina disciplinar que controla expressões e ritmos corporais, e inibe a vitalidade corpóreo-psíquica, ao obstruir o caminho para atividades criativas, essenciais para atravessar lutos e (re)inventar formas de ser. Os resultados apontaram que o cuidado institucional deve ser repensado além de sua dimensão operacional, pois não se limita à preservação do corpo fisiológico, mas possibilita uma existência com sentido, em que o envelhecer se torna processo simbólico de continuidade e transformação. Assim, a psicanálise escuta o corpo como lugar de expressões inconscientes, funcionando como contraponto ético à lógica disciplinar das instituições e abrindo espaço para que a velhice seja vivida em sua potência de reinvenção subjetiva.

Escrevivência e subversão: a autorização do texto da própria vida

Sofia Baeta Casula Pereira; Pedro Teixeira Castilho

Palavras-chave: *Escrevivência, Conceição Evaristo, subversão do sujeito, psicanálise*

■ **Apresentado na Mesa de Comunicação 15 - Epistemologias Negras e Psicanálise: Escrevivência, Feminilidades e Espiritualidade** — por Sofia Baeta Casula Pereira

■ **Assistir:** [Português](#)

Desde Freud, a literatura ocupa um papel central na construção da teoria psicanalítica, atuando como uma via de elaboração e questionamento clínico-conceitual. Nesse contexto, a proposta da Escrevivência, formulada por Conceição Evaristo, interpela a psicanálise ao reescrever, por meio da narrativa literária, as marcas do corpo, a memória e as experiências subjetivas de mulheres negras, evidenciando uma dialética entre o individual e o coletivo. Essa abordagem revela a dimensão dialética do sujeito singular e de suas conexões com o tecido social, ressaltando que as experiências pessoais são sempre entrelaçadas às matrizes culturais e históricas do grupo ao qual pertencem. No presente trabalho, propomos analisar o romance Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, articulando a categoria de Escrevivência com a noção de subversão do sujeito, conforme apresentado por Jacques Lacan em *Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo* (1960). A narrativa evidencia uma herança transmitida pelo avô de Ponciá, que incorpora duas vertentes complementares: o sobrenome Vicêncio, metaforizado como “lâmina afiada a torturar-lhe o corpo”, uma marca da violência escravista que perdura na memória coletiva, e o vazio resultante da solidão, que culmina na sensação de ausência. Diante do peso do significante Vicêncio, identifica-se um ponto de subversão instaurado pelo vazio, cujo uso não se coloca a serviço do Outro, mas possibilita a emergência de um lugar de enunciação singular, cujas reverberações se estendem ao campo político.

A clínica psicanalítica com adolescentes privados de liberdade: inscrições no corpo e sofrimento psíquico

Guilherme Cruz; Pedro Teixeira Castilho

Palavras-chave: *Adolescência, Socioeducação, Clínica psicanalítica com adolescentes, Saúde Mental*

Esta pesquisa investiga os efeitos psíquicos da privação de liberdade em adolescentes submetidos a medida socioeducativa, tomando como paradigma as marcas inscritas no corpo por meio de escarificações e automutilações. O estudo parte da experiência do autor no Sistema Único de Saúde (SUS) de Belo Horizonte, em serviços de urgência em saúde mental e em um centro de saúde, e propõe articular a clínica psicanalítica ao sofrimento sociopolítico vivido por adolescentes em contexto de vulnerabilidade. A temática do sofrimento psíquico dos adolescentes privados de liberdade tem estado cada vez mais recorrente nas discussões dos diversos dispositivos de atenção à essa população, convocando a necessidade de novas abordagens e metodologias para condução e manejo destes casos. Nesse contexto, destacam-se os quadros de automutilação, seja pelo efeito de espanto causado naqueles que os presenciam, seja pela dificuldade, por parte das instituições, em construir um saber fazer diante disto. Pretende-se contribuir para o debate sobre práticas de cuidado em saúde mental direcionadas a adolescentes privados de liberdade, deslocando as respostas de viés medicalizantes ou punitivas para a abertura de caminhos clínicos que considerem uma ética do sujeito. Uma das características da clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento é seu caráter de intervenção na esfera pública, da escuta como testemunho que produz um resgate de memória, fazendo escutar o sujeito que ocupa o lugar de resto na estrutura social e permitindo que ele

retome a cena não mais como vítima ou algoz, mas como testemunha de um tempo. Busca se oferecer subsídios para a construção de estratégias de intervenção que valorizem e sustentem o lugar da fala do adolescente. Adota-se a metodologia da construção de caso clínico, conforme Carlo Viganò, para analisar três casos de adolescentes que passaram a demandar intervenção dos serviços de saúde a partir da privação de liberdade, em contextos de automutilação. A coleta se dará a partir dos atendimentos clínicos, além da análise dos registros de prontuário, reuniões de equipe, privilegiando discussões coletivas que possibilitem a construção de hipóteses diagnósticas e a localização do lugar transferencial de cada adolescente. Espera-se construir leituras possíveis sobre o estatuto das inscrições no corpo em contextos de privação de liberdade. Conclui-se que o acautelamento parece influenciar diretamente a economia pulsional ao desarticular o sujeito de seu laço com o território, afetando o ser de cada adolescente. O afastamento da vida urbana e das tramas territoriais, mesmo quando marcadas por violações e violência, tem consequências psíquicas significativas. O sujeito, privado de signos e costumes que o sustentam - seu estojo de identidade - fica à deriva, favorecendo mecanismos institucionais de controle e coerção. Destacam-se respostas corporais ao excesso pulsional, como automutilações, agitação psicomotora e episódios de angústia.

O reborn da subjetividade: aproximações entre Winnicott e o cuidado de bebês reborn

Luan Anderson Dalmas; Camila Turchetto; Pedro Henrique Conte Gil

Palavras-chave: *Bebê reborn, Winnicott, subjetividade, corporalidade, corpo inorgânico*

INTRODUÇÃO: Em 2025, um assunto de destaque na mídia foram os bebês reborn - bonecos hiper-realistas que simulam um recém-nascido ou uma criança. Esses bonecos são alvos de cuidados especiais, semelhantes aos desempenhados aos bebês reais, por seus cuidadores reborn. Diante desse fenômeno, analisamos conteúdos midiáticos que ilustram experiências de cuidado dos bebês reborn, a partir da teoria psicanalítica winnicottiana. **MÉTODO:** Trata-se de uma análise documental de trinta vídeos publicados no TikTok® e Instagram®, vinculados a contas que se dedicam a compartilhar exclusivamente o cuidado com bebês reborn. Utilizou-se da Análise Temática Reflexiva indutiva para extração e análise dos dados. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Criaram-se três temas de análise: 1) “Ambiente e recursos de brincadeira”: os bebês reborn possuem diversas ferramentas para seu cuidado, como roupas, mamadeira, brinquedos e itens para alimentação. A rotina diária dos bebês reborn se assemelha à dos bebês humanos, que envolvem rotinas de cuidados gerais, sono, passeios em carrinhos e idas para creches. Tais questões podem ser pensadas a partir da noção winnicottiana de “Ambiente Suficientemente Bom”, que oferece suporte e segurança; 2) “Handling do bebê reborn”: cuidadores reborn se preocupam em cuidar de seus bebês de forma carinhosa, especialmente durante a troca de fraldas e roupas. Nesse aspecto, emerge a “Preocupação Materna Primária”, que permite a adaptação da figura materna às necessidades do bebê, ao passo que evidencia os esforços para alcançar as funções de “Mãe Suficientemente Boa”, feitas, nesse contexto, sem falhas e frustrações, uma vez que surgem situações que os cuidadores reborn controlam o enredo por completo. Pode-se pensar que essas funções servem para experienciar a parentalidade idealizada ou para reparar falhas que cuidadores tiveram na infância, em atos simbólicos que buscam integrar o bebê reborn e também quem o cuida; 3) “Processo de amadurecimento pessoal”: nos primeiros meses de vida, o bebê real percebe seu cuidador como uma extensão de si mesmo, e começa a existir quando se percebe como um ser distinto. Da mesma forma, pensa-se que o cuidador real volta a sentir-se indivíduo quando se separa do cuidado exclusivo de seu bebê. Nessa separação entre cuidador e bebê, o self é reatualizado em seu status autêntico; caso contrário, cuidador e bebê permanecem no espaço potencial e com os fenômenos transicionais. Em relação ao cuidador reborn, um processo similar pode ser observado, pois a pessoa pode permanecer no espaço transicional protegendo sua subjetividade da realidade externa. Já o corpo inorgânico do bebê reborn é investido até ganhar a alma própria na atualidade, dotada de tecnologias que rompem com a relação usual entre bebê-cuidador-sociedade, corolário de uma nova subjetividade e corporalidade. **CONCLUSÃO:** O fenômeno dos bebês reborn sinaliza a emergência de novos processos de maturação pessoal, mediada por objetos inanimados e forjada sem o contato com o ambiente físico e imprevisível. Esse processo, tecnológico e recente, é patologizado pela sociedade, mesmo podendo ser a expressão da criatividade parental dos cuidadores reborn, que os organiza psiquicamente e constitui o “going on being” winnicottiano.

Fenômeno de drop no BDSM: um olhar crítico aos saberes normativos

Magdalena Markowicz

Palavras-chave: *BDSM, kink, drop, sexualidade*

Este trabalho é um relato de experiência estudantil baseado no desenvolvimento do projeto de pesquisa sobre o fenômeno de drop no BDSM na perspectiva de teorias psicanalíticas. O fenômeno drop (do inglês, em tradução livre: colapso, baixa, queda) é uma espécie de "ressaca" vivenciada por praticantes de BDSM em relação às práticas. Como o BDSM é atravessado por tabus e preconceitos, frequentemente associado a patologias, é indispensável considerar fatores sociais e culturais que possam impactar a emergência de drop. Essa constatação motivou a reflexão que fundamenta este trabalho: como os saberes psi (psicologia, psicanálise e psiquiatria) contribuíram para essas construções que patologizam e culpabilizam os sujeitos. Michel Foucault, em sua crítica ao saber-poder, retrata como a medicina, a psicologia e a psicanálise participaram historicamente da construção de discursos que regulam o corpo e o desejo. A proposta de investigação sobre o drop não visa corrigir os sujeitos que sofrem com esse fenômeno, mas compreendê-lo como expressão legítima de um campo de experiências ainda pouco escutado. Foram executadas entrevistas, de forma presencial e on-line. Pessoas entrevistadas foram os praticantes de BDSM, selecionadas pelas redes sociais, durante os encontros BDSM e eventos profissionais. Os resultados das entrevistas apresentam o fenômeno drop como uma reação decorrente das normas morais na sociedade, que oprimiu e chamou o sujeito de "não normal". Este trabalho mostra a importância de incluir os sujeitos para que possam compartilhar sua própria história e, com isso, construir novas possibilidades de subverter as lógicas e explicar melhor o fenômeno, não apenas sob a perspectiva da pesquisadora, mas também a partir do relato dos próprios sujeitos entrevistados. Os praticantes de BDSM foram - e ainda são - injustamente patologizados pelos saberes teóricos, o que nos convida para pensar: será que os profissionais estão de fato preparados para atendê-los? A importância desse trabalho reside na escassez de pesquisas e pouco aprofundamento no tema – não se encontram artigos científicos na área de psicologia ou psicanálise sobre o tema. A ausência dos trabalhos sobre o fenômeno pode estar relacionada ao fato de o BDSM ter sido historicamente considerado uma patologia pela Associação Americana de Psiquiatria, sendo retirado apenas em 2013 do DSM com o lançamento de DSM-V. Os resultados da pesquisa podem beneficiar tanto alunos quanto os profissionais de psicologia/psicanálise, considerando conhecimento muito limitado desses sobre o BDSM como um todo; como também os praticantes de BDSM que poderão encontrar os profissionais mais preparados para atendê-los.

Em nome de ser mãe: sobre a captura do filho como objeto das demandas maternas

Mariah Moraes Ribeiro; Luciana Ribeiro Marques

Palavras-chave: *Identidade materna, Demanda, Maternidade, Ética Psicanalítica*

Este resumo apresenta parte da pesquisa de dissertação em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da UERJ. O presente trabalho propõe tratar, a partir de casos clínicos, como mulheres podem se apropriar da função materna para capturar seus filhos, numa demanda caprichosa, que pode se dar através do excesso de amor ou de ódio. A partir de autores historiadores e sociólogos foi possível perceber como a estruturação das noções de maternidade e família foram abordadas ao longo do tempo na cultura. Desde a modificação da visão da infância e a consequente valorização da figura materna – que passa a ser vista como cuidadora da criança, tida como o “futuro da civilização”, até o estabelecimento da imagem da “boa-e-santa mãe”, a partir dos paradigmas cristãos, com a representação mítica da Virgem Maria – pretendemos pensar a criação de uma certa identidade do que supostamente deveria ser uma mãe, apoiada na imagem de uma mulher santificada, sacrificada, incondicionalmente amorosa e dotada de um saber natural sobre o cuidado das crianças. É na clínica psicanalítica que podemos verificar as consequências do bem que a figura ideal da mãe pretende transmitir. Freud indica um estado de prematuridade biológica em que o bebê nasce, apontando para a necessidade de um semelhante investir libidinalmente nessa criança. Os cuidados desse semelhante são culturalmente atribuídos à mulher, apoiados nos discursos médico, histórico e mitológico de um saber natural sobre ser mãe. Portanto, se recai sobre a mulher um caráter tão fundamental na constituição do filho, não podemos negar que algo da libido feminina fica retida, e até por vezes sacrificada, em nome do exercício do cuidado. Assim, quem poderá ser cobrado por isso é o filho, seja pelo excesso de amor ou de ódio, mas sempre numa recusa de separação. Desenvolvo essa pesquisa a partir de casos em que mulheres se apropriam dessa função fundamental na constituição psíquica dos filhos, de uma forma que os

capturam nas mais diversas demandas caprichosas. Não se trata, portanto, de um saber natural feminino ou uma competência feminina restrita ao viés biologizante do corpo, mas sim do que resta da própria experiência com o Outro como um saber desconhecido, sem garantias e que marca o corpo do sujeito de forma indelével. Dessa forma, visamos tensionar a construção histórica e discursiva de uma suposta identidade materna e sustentar, a partir da ética da psicanálise, que não preconiza uma boa maternidade, mas que ao se opor ao ideal normativo de ser mãe, convoca o sujeito diante do seu desejo e de sua falta.

Viver um dia de cada vez: experiência psicanalítica mediada por tecnologia como prática democrática

Márcia Campos de Oliveira; Carolina Oliveira Da costa Luchetta

Palavras-chave: *Psicanálise, Corpo, Clínica online, Sofrimento psíquico, Democracia*

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a experiência da psicanálise mediada por tecnologia como farol de prática democrática e acessível na escuta do sofrimento psíquico contemporâneo. Viver um dia de cada vez é condição que se impõe: a vida cotidiana torna-se um desafio permanente, tal qual já advertia Freud em *O mal-estar na civilização* (1930). Décadas antes da travessia pandêmica, Lasch (1984) já apontava para a sobrevivência psíquica como resposta a uma organização social progressivamente narcisista, que repercute em interferências profundas na construção identitária do sujeito e em sua experiência de corpo. Cinco anos após a experiência mundial – e desigual – da Covid-19, seus efeitos persistem. O sofrimento psíquico se traduz no aumento preocupante de tentativas de autoextermínio, que atinge crianças, adolescentes e a população idosa, e no crescimento dos índices de ansiedade. Tal perturbação, enraizada no enfraquecimento do pacto civilizatório, fragiliza vínculos, pertença e esperança de futuro, atravessando a subjetividade corporal e evidenciando o corpo como palco de sintomas sociais. Para que a escuta desse sofrimento se dê de modo democrático e acolhedor, a tecnologia surge como aliada irrefutável. A clínica psicanalítica mediada pela tecnologia propõe-se a ser escuta, presença e mobilizadora de afetos e ressignificações. É um espaço que, funcionando além do horário comercial, testemunha, reconhece e valida o sujeito em sua singularidade. Esta modalidade, ao romper barreiras geográficas e sociais, executa um ato revolucionário: chega à população ribeirinha, sobe o morro, atravessa periferias urbanas e entra na intimidade de sujeitos atravessados pela precarização do trabalho, pela violência estrutural e pelo silêncio forçado de sua própria história. Nas periferias, onde o corpo é frequentemente marcado pela desigualdade, pela estigmatização e pela invisibilidade, a psicanálise mediada por tecnologia afirma-se como um dispositivo potente de cuidado. Ela permite que sujeitos em situação de vulnerabilidade possam narrar suas dores e reinscrever o corpo como território de desejo e emancipação. Trata-se de um gesto político e clínico que não apenas amplia o acesso, mas também legitima a experiência daqueles que, historicamente, foram relegados às margens do direito à palavra e ao cuidado em saúde mental. Trata-se, pois, de afirmar uma psicanálise que acolha e promova transformação, em que o sujeito recupere o protagonismo de sua vida e reinscreva seu corpo como espaço de resistência. É crucial que cada pessoa possa compreender os atravessamentos do sexismo, do etarismo, do racismo e do neoliberalismo em sua forma de existir e de se reconhecer. A escuta terapêutica, como assinala Bonder (2004), é uma das maiores descobertas das Ciências Humanas. É pela palavra que os corpos marcados por histórias de sofrimento poderão ser ressignificados, recontados e elaborados. Assim, a clínica mediada por tecnologia afirma-se como caminho vital para perceber o sujeito em relação ao seu corpo, ao seu meio e à sua sobrevivência psíquica.

Tecendo juntas um lugar para ser mulher: psicanálise e prática grupal na Atenção Primária à Saúde

Emanuella Oliveira Diniz Lins; Heloisa Aguetoni Cambuí

Palavras-chave: *Atenção Primária à Saúde, Prática de grupos, Mulheres, Psicanálise e instituição, Humanização em Saúde, Promoção da saúde*

O presente artigo busca refletir, a partir do relato de experiência, sobre uma prática grupal realizada com mulheres em uma Unidade Básica de Saúde em um município do interior do estado da Paraíba. A intervenção, realizada no contexto da Atenção Primária à Saúde e fundamentada nos aportes metodológicos da psicanálise,

viabilizou a criação de um espaço de escuta sensível e compartilhada de experiências, permitindo a circulação livre da palavra, a construção de vínculos entre as participantes, a equipe de saúde e a comunidade, bem como a promoção de deslocamentos subjetivos significativos. Nesse contexto, evidencia-se a importância da contribuição da psicologia para o fortalecimento da Política Nacional de Atenção Básica e para a humanização do SUS, por meio de práticas que consideram a singularidade dos sujeitos inseridos em territórios específicos e a ética psicanalítica na atuação institucional. A experiência demonstrou que, além de fortalecer a autonomia das mulheres e questionar a lógica biomédica predominante, a intervenção possibilitou o reconhecimento e a ressignificação de suas experiências de sofrimento, particularmente relacionadas às violências de gênero. O estudo demonstra que o trabalho grupal constitui um dispositivo potente para a construção coletiva de sentidos, promoção da saúde e fortalecimento da Política Nacional de Atenção Básica.

Habitar o risco, reinventar o corpo: o surfe como prática clínica e cultural de cuidado

Thaís Marques Simões; DIEGO ANDRES SALCEDO; Tony Meireles dos Santos

Palavras-chave: *Corpo, clínica ampliada, psique, soma, surfe*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 16 - O Corpo em Prática: Branquitude, Surfe e a Reinscrição Corporal — por Thaís Marques Simões

■ Assistir: [Português](#)

O sofrimento psíquico entre universitários na adultez emergente é marcado por sintomas de ansiedade, estresse e angústias, mobilizando em nós práticas criativas que ampliem os modos de cuidado. Convocando o corpo, atravessado por ondas e afetos, a um novo espaço de (des)equilíbrio, angústia e desejo, o surfe. Tendo isso em vista, o surfe surge não só enquanto prática física, como também vivência simbólica, que pode vir a proporcionar um espaço de elaboração psíquica e de reinvenção do corpo-desejante. Lidar com o mar, metáfora do desconhecido, convida o corpo ao encontro com o risco. Nesse processo, a angústia, longe de ser eliminada, pode ser revisitada e cuidada como potência de transformação. Embora individual, o surfe se aprende coletivamente, com instrutores, colegas e espectadores que compartilham águas, afetos e desafios. Entre a solidão com a prancha e o pertencimento ao grupo, ressoa a mente de grupo freudiana, onde vínculos e emoções se intensificam. Nesse espaço, os grupos operativos potencializam o surfe como experiência simbólica de escuta e transformação.

No movimento do corpo, o surfe atualiza a tensão entre controle e liberdade. A necessidade de técnica e disciplina convive com a imprevisibilidade dos fluxos e das potências oceânicas. Esse atravessamento convoca o sujeito a aceitar as incertezas e limites, fortalecendo a confiança em sua própria capacidade de habitar o risco. O corpo, nesse contexto, torna-se campo de inscrição e sustentação do desejo. O objetivo desta pesquisa é investigar o impacto do surfe como dispositivo clínico e cultural, destacando seu potencial de articular corpo, linguagem e coletividade na promoção de saúde psíquica e emancipação subjetiva. A prática do surfe pode oferecer um espaço para a elaboração psíquica de angústias para a invenção de novos contornos subjetivos e para a integração psique-soma. A pesquisa em andamento faz parte de um mestrado acadêmico e tem um delineamento de pesquisa-intervenção misto longitudinal, metapsicológico e transdisciplinar, fundamentado na leitura psicanalítica e no referencial de grupos operativos. A análise articula referenciais teóricos de Freud, Winnicott e Pichon-Rivière à prática corporal em ambiente natural, o surfe, para compreender a experiência subjetiva do corpo em movimento. Os instrumentos a serem utilizados além da intervenção da prática de surfe e oficinas com metodologias participativas nos grupos operativos serão: entrevistas, questionários de personalidade, qualidade de vida e competências emocionais, e teste projetivo Casa-Árvore-Pessoa. Os achados preliminares permitem apontar que o surfe pode vir a possibilitar a emergência do corpo como território de inscrição do inconsciente, lugar de tensão entre controle e liberdade, disciplina e imprevisibilidade. Assim, o surfe, enquanto experiência de corpo, psique e soma, em movimento, pode ser pensado como prática criativa que convoca a psicanálise a dialogar com territórios não tradicionais de cuidado. Trata-se de reconhecer que o mar, ao mesmo tempo espaço natural e simbólico, pode se tornar lugar de clínica ampliada, onde o corpo não é apenas objeto de disciplina, mas sujeito de desejo e transformação.

A Escultura Bordada da Língua: Pulsões, Desejos e Linguagem na experiência de expressão no espectro do Autismo

Renata Borges do nascimento; Luana Cristina De Lima E Silva

Palavras-chave: Autismo, Linguagem, Pulsão, Desejo, língua

O autismo, enquanto fenômeno clínico e subjetivo, suscita questionamentos sobre a constituição do desejo, da linguagem e das pulsões (Travaglia, 2014). Sob a lente psicanalítica, a linguagem não se limita à comunicação, mas funciona como veículo de desejos e como moldura para a pulsão, inclusive a de morte (Tanatos), que se manifesta em atos de repetição e resistência ao simbólico. (Lacan, 2006) A obra bordada da língua, trabalho da artista Lua Lim (2025), que explora os encontros de desejo e corpo na arte e a dimensão estética e pulsional do autismo, considerando a escultura bordada como metáfora para o entrelaçamento entre linguagem e pulsão. A linguagem no autismo apresenta características singulares, muitas vezes marcada por padrões repetitivos e resistências à norma simbólica (Melo, 2018). A psicanálise sugere que tais manifestações podem estar ligadas a modos específicos de lidar com a pulsão de morte e a necessidade de reorganizar o corpo e o desejo diante de experiências traumáticas ou intensas. A artista pernambucana, propôs na exposição “Onde os desejos se encontram” (Lua Lim, 2025), uma aproximação entre desejo, corpo e linguagem, ilustrando como o ato de bordar e esculturar pode ser compreendido como uma materialização da língua e da pulsão. Essa perspectiva permite enxergar o autismo não apenas como uma condição clínica, mas como uma forma particular de experiência do desejo, na qual a linguagem se torna uma escultura, bordada com intenções, repetições e resistências. Como Banguela afirma: “pulsão de morte, nesse contexto, não se limita à destrutividade, mas se manifesta na insistência sobre certos padrões e na defesa contra a dissolução do próprio sujeito” (Benguela, 2017). A escultura bordada da língua emerge como metáfora potente para compreender essas experiências, revelando que os desejos, mesmo quando não verbalizados convencionalmente, encontram formas de expressão criativas e estruturantes. Inicialmente podemos pensar que a entrada da linguagem no início da vida, o ser humano é constituído por uma experiência para além da fala, libertar a língua, nessa metáfora artística, libertar a pulsão, implica considerar o corpo antes do significante da linguagem, pois a experiência corporal precede a entrada no simbólico, estruturando a relação do sujeito com a linguagem (Travaglia, 2014). Isso quer dizer que, quando o corpo físico for incapaz de simbolizar, a arte pode fazer esse caminho possível que antecede a linguagem verbal, e comunica e que também estrutura, permitindo a liberdade de elaboração do sujeito dando uma via para sustentar seus desejos e expressar sua individualidade.

Possibilidades para o real - o corpo em movimento na dança

LUCIANE DE CONTI; Ana Nathália Eduarda Farias da Silva; Luíza Michelini Vilanova

Palavras-chave: Corpo, dança, ficção, trauma, movimento

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 12 - Coreografias do Inconsciente: A Dança como Práxis Clínica e Teórica — por Ana Nathália Eduarda Farias da Silva

■ Assistir: [Português](#)

Neste trabalho, propomos discutir o corpo em movimento através da dança como possibilidade de o sujeito construir um bordeamento no furo do real produzido pelo trauma. Um caráter próprio da cena traumática é a literalidade, sendo seu sintoma um transbordamento por excesso de real que inviabiliza a dinâmica de representação através de metáforas. Sabe-se que para que o sujeito transmita algo da experiência, é importante que se construa ficções para que se passe do registro da vivência para a palavra. Entretanto, há situações em que não há ficção que possibilite amparo suficiente para transpor o litoral entre experiência e palavra. Em função disso, pensamos o corpo em psicanálise não apenas como uma dimensão de suporte do significante, mas também como possibilidade de produção e abrigo. Essa pesquisa se suscitou de uma experiência de trabalho realizada em uma unidade de internação psiquiátrica de um hospital público, onde foram realizadas oficinas de dança e consciência corporal. A proposta surgiu da demanda por uma possibilidade de acolhimento do que foi nomeado pelos usuários do serviço e pela equipe como agressividade ou impulsos agressivos. Era um grupo predominantemente de adolescentes e jovens adultos, do sexo masculino e feminino. Foi proposto oficinas de dança de hip hop. Após as primeiras oficinas, surgiram rodas de conversa sobre como os participantes se sentiram, momento em que eles associaram sentimentos

e memórias aos movimentos. Com isso, levantamos a suposição de que algo do inconsciente se movimentou a partir do corpo em movimento na dança. Dos conteúdos trazidos nesses momentos, sob o método de pesquisa psicanalítica, se produziu o material que serviu de análise para subsidiar essa discussão. Trata-se de um material escrito, cuja composição se deu a partir da releitura de anotações pessoais escritas após as oficinas, no período da experiência referida, bem como das memórias advindas no processo de releitura das anotações. Decantou-se desse processo um material escrito nomeado de fragmentos clínicos que foram analisados a partir da articulação entre os referenciais teóricos lacanianos e os significantes que insistiam em se repetir, evocados na transferência com o material. Trazemos como desdobramento a hipótese de que a “condensação”, termo proposto por Lacan, condensaria algo do real, da instância do traumático, de modo a produzir um saber fazer com o sinthoma. Assim, o corpo em movimento na dança se apresentaria como um saber fazer com o sinthoma, ao propiciar para o sujeito um amparo para transpor o litoral do registro da experiência para a palavra. Desse modo, inferimos que o corpo em movimento na dança serviu de abrigo como também produziu novos significantes para que os sujeitos construíssem uma ficção de si.

Corpo-aberração: da norma ao sintoma

Ana Paula Menezes de Souza; Esther Maria Dias Kfuri

Palavras-chave: *sintoma, gênero, emancipação*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 06 - Necropolítica e Desmentido: A Gestão da Violência sobre Corpos Marginalizados — por Ana Paula Menezes de Souza

■ Assistir: [Português](#)

Parte-se de uma expressão recolhida da clínica, a saber, “corpo aberração”, para discutir a dimensão corporal que aparece na experiência de escuta dos sujeitos e que revela não uma pretensa coesão, mas justamente uma perspectiva “aberrante”, que situa o corpo do ser falante a partir de sua disrupção. A fala em questão emerge da enunciação de um sujeito às voltas com a rigidez social do binarismo de gênero, com o qual ele não se identifica. Diante desse impasse, surge essa potente expressão para nomear ao mesmo tempo uma experiência singular com o corpo e uma direção que nos parece fundamental à ética psicanalítica. Quanto a esse segundo aspecto, lembramos que “aberração” comporta o significado também de excepcional, aquilo que se desvia do caminho tido como normal. Entendemos que é justamente sobre esse desvio que a psicanálise se sustenta desde sua fundação, marcada pela excepcionalidade que o corpo das histéricas apresentava frente ao discurso médico estabelecido. Nossa aposta com este trabalho é apresentar essa expressão enquanto ferramenta clínica e política do campo psicanalítico, apostando que ela traz consigo justamente a síntese do funcionamento do sintoma. Nesse sentido, ressaltamos que o sintoma denuncia no corpo uma satisfação ambígua, que rompe com o ideal que seria sustentado por um “eu” ao qual o sujeito tentaria, sem sucesso, se adequar. Contemporaneamente, interessa-nos pensar essa dimensão imaginária sobretudo no que ela nos permite ler do ideal cis-heteronormativo que compõe o imaginário de maneira quase inquestionável. Se muitas discussões no campo se propõem a atrelar esse registro a identidades políticas minoritárias, nossa direção neste trabalho consiste, em outra via, a delimitar o imaginário em seu aspecto mais vinculado à norma, isto é, o que sustenta essa identificação - cis, hétero - de forma tão consistente socialmente. Essa normatização é, como sabemos, produtora de sofrimento psíquico e violências de maneira massiva. O que o caso nos permite avançar, articulado à teorização psicanalítica, é justamente o resgate do que há de estranho na relação com o corpo de maneira amplificada. Tendo isso em vista, mudam-se as noções de terapêutica e de direção do tratamento de uma forma que, apostamos, permite fazer frente a tratamentos prescritivos. Tenta-se avançar, assim, sobre o potencial emancipatório contido na orientação pela estranheza do sintoma.

“Não sou de verdade”: a dimensão do corpo na experiência da criança trans

Yasmim Marques de Souza

Palavras-chave: *Corpo, infância, gênero, política, subjetividade*

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 14 - Trauma, Gênero e Escrita: A Criança Trans, Alice e o Trauma Colonial — por Yasmim Marques de Souza

Tomando o contexto brasileiro em que as políticas sexuais e de gênero têm ganhado resplandecência na cena social com o suporte de estudos feministas e queer, surge a questão da “criança trans” para grafar experiências de infância que não se inserem na lógica hegemônica de gênero. Nessa seara, tem-se a cooptação de discursos ideológicos e supostamente científicos que acionam sentidos de infância e colaboram para a construção narrativa da infância vulnerável, a ser protegida contra as discussões sobre gênero e sexualidade. A partir dessa figuração de “vulnerável e idiótica” produzem-se operadores de cuidado à infância que privilegiam a ideia de um corpo infantil vacilante e que deve ser disciplinado a partir de fronteiras rígidas entre natureza e cultura e de uma compreensão de gênero dicotômica. Propõe-se discutir o que esses discursos produzem no campo de subjetivação da criança, em especial na dimensão corporal. Para isso, utilizam-se vinhetas clínicas produzidas a partir de atendimentos realizados em clínica privada com uma criança de 5 anos que reivindica a transição para o gênero feminino. A criança em questão traz falas emblemáticas como: “Eu não sou de verdade”; “Deus me fez errado, porque não existe menina de pinto”; “Vou arrancar meu pinto para poder ser menina” e que apontam para a não inteligibilidade de sua experiência com o corpo, que produz efeitos de não-existência. Em psicanálise, compreende-se a formação subjetiva a partir de um corpo que é inscrito na linguagem através dos significantes do Outro. Quando o campo do discurso engendra um regime de verdade baseado nos signos binários de gênero, aponta-se para efeitos de subjetivação que acabam por excluir outras vivências e formas de ser criança e se localizar na vida social. Aponta-se, então, para a necessidade de construir práticas de cuidado que se façam sob a égide da criança como operador ético, capaz de revelar contradições sociais e subjetivas e aproximar a compreensão da experiência singular de infância. De tal forma que se possa compreender que por trás do enunciado “trans” há uma montagem sintomática que não se resume à escolha “menino ou menina”, mas lançar-se à possibilidade de encontrar enredamentos possíveis, capazes de gerar efeitos de estabilização da imagem de si e dar condições de sustentação para a existência de seu corpo no mundo. No caso apresentado, apostou-se na relação transferencial e no brincar como forma de acessar representações possíveis ao corpo. Foram criadas cenas a partir da invenção de personagens como “a fantasma”, que contava através da brincadeira o que tinha de bom em não ser de verdade. Confecções de mapas do corpo em conjunto, em que contornamos e desenhávamos como queríamos que as pessoas nos vissem e tampávamos o que queríamos que elas não vissem. E oficina sobre outros seres (reais ou mitológicos) que não sabemos se são meninos ou meninas. Considera-se a urgência de modos de produzir escuta da criança que se dirija a ela também em sua dimensão de sujeito na política.

Sexual e sexualidade no Seminário 18 de Jacques Lacan: notas sobre o lugar do corpo na desigualdade de gênero

Louise Victoria Domingos Santos; George Miguel Thisoteine; Andre Luiz Gellis

Palavras-chave: *Desigualdade de gênero, sexualidade, semblante, não-relação, Jacques Lacan*

A desigualdade de gênero tem raízes históricas e sua superação corresponde a um dos principais Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) elencados pela Organização das Nações Unidas. O principal dispositivo de justificação da desigualdade de gênero nas sociedades ocidentais e ocidentalizadas é o discurso biomédico, que tem como corolário as categorias modernas da diferença sexual. Esse paradigma adota os registros anatômicos e fisiológicos do corpo como uma realidade primária marcada pelo dimorfismo sexual. A suposta existência de dois sexos estáveis, distintos e opostos por natureza opera como fundamento deste modelo que naturaliza a binariedade de gênero e seus arranjos sociais correlativos. O seminário 18 de Jacques Lacan se dedica à formalização do semblante em sua determinação simbólica e imaginária. Esse operador desloca a identidade sexual do corpo para o nível do discurso, o que favorece desnaturalização da sexualidade. O estudo investigou os contextos de utilização dos termos sexual e sexualidade em “De um discurso que não fosse semblante”, de Lacan, a fim de delimitar tais noções e iluminar meios de enfrentamento à desigualdade de gênero. Tratou-se de um estudo qualitativo, de caráter descritivo-exploratório. A coleta do material foi realizada por meio da seleção de passagens da obra, extraídas sob a forma de citação direta; e sua posterior organização em um anexo, que constitui o corpus da pesquisa. Foi realizada a análise de conteúdo, priorizando a construção de categorias temáticas mutuamente excludentes, executada em 3 etapas: a) pré-análise e pré-categorização, b) exploração do material e homogeneização, c) tratamento dos resultados e categorização. Foram encontradas 89 passagens contendo os sintagmas “sexual”, “sexualidade” e variações,

excetuando-se “sexo”; resultando no corpus de análise. Com base no anexo, foram elaboradas as categorias: (1) Impasse na ontologia do sexual (61 passagens), que compreende a formalização do aforismo lacaniano “não há relação sexual”, enfatizando o impasse intrínseco ao sexual e a diferença entre posições discursivas como fatores definidores da identidade sexual; e (2) Funcionamento e modalização do gozo sexual (28 passagens) e discorre sobre os caminhos de estruturação do gozo sexual, tomando como referência a posição em relação ao semblante fálico na castração. As categorias indicam que a sexualidade é abordada na obra pela via da negatividade, tal como articula a inexistência da relação sexual. Essa perspectiva coloca em relevo a natureza discursiva das identidades sexuais que, apreendidas pela noção de semblante, se definem a partir do impasse da não-relação sexual. Em detrimento de uma compreensão do gênero baseada no dimorfismo sexual, os achados antepõem a não-relação à realidade corporal, rompendo com essencialismos biológicos na determinação das identidades sexuais e possibilitando novos olhares sobre a relação entre corpo e gênero. Consoante os parâmetros do ODS 5, as considerações apresentadas propiciam uma abordagem crítica do gênero e da sexualidade, desnaturalizando categorias-chave do modelo biológico de justificação da desigualdade de gênero. Ademais, a compreensão da não-relação enquanto paradigma analítico permite libertar o corpo do jugo da biologia, abrindo caminho para outras formas de corporeidade possíveis.

Corpo e sexualidade no contexto do Cristianismo brasileiro: reflexões psicanalíticas

BENJAMIN TAVARES DE OLIVEIRA PINHEIRO; Anaís Souza de Santana

Palavras-chave: Corpo, Sexualidade, Cristianismo, Psicanálise, Clínica Psicanalítica

A sexualidade humana se traduz numa questão complexa e central dentro da psicanálise freudiana. O presente trabalho tem como objetivo propor reflexões sobre a corporeidade e a sexualidade no contexto da religião cristã no Brasil a partir da literatura psicanalítica, explorando temas como o corpo pulsional, a produção de sintomas, os limites da representação psíquica em psicanálise e os efeitos decorrentes dessa forma de subjetivação na cultura com foco na sexualidade do sujeito na contemporaneidade. Entendemos a sexualidade como construída social e culturalmente, isto é, construída em relação a um outro, sendo produzida e moldada por discursos, instituições e modos de ser, saber e poder. O campo é marcado por tensões entre o(s) discurso(s) religioso(s), os saberes médicos e práticas sociais que regulam desejos e identidades. Historicamente, a tradição cristã exerceu papel central na constituição de normas sexuais do nosso país, remontando desde a colonização, assim definindo no imaginário social e individual concepções de pecado, pureza, corpo e desejo, instituindo a sexualidade sob um regime de controle moral. Esse enquadre influencia a maneira que a sexualidade é vivida e representada pelos sujeitos. Na literatura psicanalítica brasileira acerca do tema observam-se duas principais conclusões: em primeiro, que o saber psicanalítico se coloca como desafiador das concepções moralizantes da sexualidade; e constata-se que o discurso religioso é formativo da constituição subjetiva do sujeito. Partindo da premissa que existe uma dimensão social da metapsicologia freudiana, como aponta Freud ao afirmar que não há separação entre a psicologia individual e a social, entende-se necessário compreender historicamente a formação do discurso religioso no país e seus encontros com o discurso do saber psicanalítico. A partir dessa proposta, busca-se desenvolver um panorama acerca da instituição cristã por meio do saber psicanalítico atual, com ênfase em alguns eixos teóricos que entendemos como relevantes para o entendimento do enquadre clínico e conceitual dessa temática. Sob essa ótica, podemos compreender a centralidade do discurso religioso cristão na cultura contemporânea brasileira, bem como de suas repercussões na clínica psicanalítica quanto à produção da sexualidade e seus efeitos, que devem ser examinadas em articulação com o corpo metapsicológico, concebido em seus distintos aspectos: o corpo pulsional, o corpo biológico e o corpo representacional no âmbito da psicanálise, assim como também há de ser pensado levando em consideração as relações, tensões e limitações do saber psicanalítico que operam diante do discurso institucional religioso cristão.

Psicanálise e Identidade de Gênero na Literatura Científica Contemporânea: Uma Revisão da Literatura

Maria de Fátima Alencar Castro Santos; MONIQUE BARBOSA DA LUZ; Lilyane Andressa Aguiar Morais De Moura

Palavras-chave: Teoria psicanalítica, identidade de gênero, literatura, feminina

O estudo analisa a relação entre a teoria psicanalítica e os debates contemporâneos sobre gênero e feminilidade, destacando o papel da psicanálise como campo que, desde suas origens, abriu espaço para reflexões críticas acerca da sexualidade. Diferente de visões reducionistas que a interpretam apenas como um modelo de patologização, a psicanálise contribuiu para ampliar concepções sobre identidade de gênero. O objetivo central da pesquisa foi mapear produções científicas sobre gênero, feminilidade e psicanálise, buscando compreender como esses temas têm sido representados atualmente. Metodologicamente, realizou-se uma revisão integrativa em bases de dados como Scielo, Biblioteca Virtual em Saúde e Plataforma Capes, com descritores relacionados à teoria psicanalítica e ao feminino, no período de 2020 a 2025. Inicialmente, 33 artigos foram identificados; após critérios de exclusão, 18 trabalhos foram analisados. Esses estudos discutem e questionam principalmente conceitos freudianos e lacanianos, evidenciando críticas a formulações que reforçam concepções normativas de gênero, como a centralidade do falo, a ideia de plenitude feminina pela maternidade e a sexualização em Lacan. Tais críticas são contextualizadas em relação aos períodos históricos em que as teorias foram produzidas, revelando, contudo, a potência subversiva da psicanálise para fomentar debates que se popularizaram ao longo do século XX. Autores como Judith Butler aparecem como referência para repensar e tensionar essas concepções. A conclusão aponta que a leitura crítica de materiais psicanalíticos é fundamental para revisar e atualizar compreensões sobre gênero e sexualidade, incorporando perspectivas culturais e sociais mais amplas. O estudo ressalta ainda o potencial transformador da psicanálise ao propor abordagens menos normativas e mais humanas, deslocando o olhar centrado no masculino, branco e europeu, e abrindo caminhos para novas formas de conceber o sujeito em sociedade

Cartas e dissidências de gênero e sexualidades: uma metodologia encarnada frente ao trauma colonial

Lis Paiva de Medeiros; Iasmin Sharmayne Gomes Bezerra - UFRN

Palavras-chave: Cartas, decolonialidade, dissidências, gênero, escritas de si

■ Apresentado na Mesa de Comunicação 14 - Trauma, Gênero e Escrita: A Criança Trans, Alice e o Trauma Colonial — por Iasmin Sharmayne Gomes Bezerra - UFRN

■ Assistir: [Português](#)

A partir de Sandor Ferenczi, entende-se que o trauma só se constitui como patogênico quando o sofrimento da vítima não é legitimado pelo outro (Gondar, 2012). Fanon (2020) denuncia os efeitos psíquicos e sociais do racismo estrutural e da colonização, mostrando como o homem negro foi reduzido a objeto pela ciência e pela cultura eurocentrada; Miller (2011) critica a doutrina cristã do quarto mandamento por legitimar relações de violência e silenciar a dor infantil, mas sua leitura é questionada por desconsiderar recortes de raça, classe, território e gênero, universalizando uma infância branca e europeia. Contra essa homogeneização, os feminismos negros e decoloniais denunciam que as infâncias negras e colonizadas são atravessadas por feridas específicas, fruto da colonialidade de gênero, raça e da hierarquização de quais vidas infantis merecem cuidado. Esses autores evidenciam que o trauma não pode ser pensado apenas no nível individual ou familiar, mas deve ser compreendido em suas imbricações com a colonialidade, o racismo e a cisheteronormatividade. No contexto desse trauma, as cartas carregam uma potencialidade ligada a seu uso social entre comunicação e memória, que podem dar espaço às suas transformações psíquicas desses traumas. Há nelas uma dimensão de elaboração subjetiva, a qual também abre espaço para uma escrita do inconsciente. Guardam ainda uma dimensão corpórea, pois nelas é possível descrever cheiros, imagens, sons, texturas, explorar símbolos, fantasiar. Dado esse panorama, buscamos analisar como a partilha da escrita de cartas, quando ocorre atravessada pelas dissidências de gênero e sexualidades, ganha uma dimensão política necessariamente coletivizada e, neste movimento de giro, pode fazer resistência ao trauma coletivo da colonialidade que cotidianamente insiste em mortificar - simbólica e materialmente - esses corpos. Elaboramos essa pesquisa bibliográfica, em busca de responder ao seguinte problema: como a escrita e troca de cartas entre pessoas dissidentes de hegemonias de gênero e sexualidade pode funcionar como ferramenta encarnada de resistência frente às feridas do trauma colonial? O objetivo é apresentá-las como proposta metodológica de um dispositivo de produção de um “si” coletivo. A pesquisa baseia-se na interlocução entre duas teses, em andamento, as quais fazem das cartas sua base metodológica, como ferramenta de elaboração e corporificação da escrita de si, individual e

coletivamente. Neste recorte, buscamos dialogar com as psicanálises a partir dos seus cruzamentos e (in)suficiências, em articulação com os feminismos negros e decoloniais, pois descolonizar o conhecimento exige redes de escrita e partilha autobiográfica entre corpos fronteiriços, capazes de desafiar as narrativas homogêneas da academia e valorizar a singularidade na produção do saber. Entendemos as cartas como um dispositivo metodológico que possibilita a corporificação da escrita de si em diálogo com o outro, abrindo espaço para um “nós” coletivo que ressignifica as feridas coloniais e produz novas formas de existência. Defendemos que a experiência vivida, quando narrada e partilhada, transforma-se em conhecimento legítimo e em ferramenta de resistência - uma aposta na construção de comunidades de afetos, subjetividades e saberes que resistem à violência colonial, recuperando a dignidade de corpos historicamente silenciados e criando outras possibilidades de futuro.

A palavra sem corpo: considerações sobre Efeitos das Práticas diagnósticas contemporâneas.

Geovana França Feitosa; Juliana Gama; Tiago Neves

Palavras-chave: *Medicalização, Neoliberalismo, Psicanálise, Práticas (psico)diagnósticas*

Diante da justaposição entre economia e vida psíquica, observa-se, em cada época, a construção e a internalização de determinadas formas de viver. Nesse contexto, Safatle (2021) conclui que não se sofre da mesma maneira dentro e fora do neoliberalismo. De forma semelhante, Dunker (2015) destaca como a emergência da produção de diagnósticos, dentro da lógica neoliberal, a partir de sistemas classificatórios e descritivos, resulta na determinação de formas de tratamento, atualmente hipercentrados na medicalização dos corpos e da infância. Frente a esse cenário, o presente trabalho tem como objetivo discutir, a partir de uma perspectiva psicanalítica, os efeitos das práticas (psico)diagnósticas contemporâneas, marcadas por sistemas classificatórios e descritivos como o CID e o DSM, sobre a constituição subjetiva e o laço social, considerando sua articulação com os discursos econômicos neoliberais e seus impactos na concepção de sintoma, corpo e sofrimento psíquico. Para isso, foi realizada uma pesquisa narrativa, que contempla tanto autores críticos às atuais práticas (psico)diagnósticas, quanto os Manuais instituídos como padrão pela APA (2022). Como resultado, destaca-se a concepção psicanalítica de corpo e sua constituição imaginária pela linguagem, conforme abordado por Eidelsztein (2024), a fim de tensionar a fabricação de formas patoplásticas de concepção de si e do outro, formas essas que acabam por petrificar os modos de laço social. Desse modo, reflete-se que a transmissão do diagnóstico ao sujeito subverte as possibilidades de investigação daquilo que se repete em sua história de vida, reduzindo o sintoma a uma nomeação finalista que passa a operar como causa última de seu sofrimento. É digno de nota que, o DSM se propõe a diagnosticar de maneira categórica e individual os chamados transtornos mentais, valendo-se de uma abordagem descritiva e classificatória, sem consideração etiológica, com o intuito de formar uma linguagem padrão entre os profissionais da saúde. A inserção desses estados de nomeação no imaginário social pode ser relacionada à crítica de Politzer (2022) à psicologia clássica. Segundo ele, a tentativa de formalização dos fenômenos observados resulta na criação de um realismo psicológico abstrato, que obscurece aquilo que há de mais singular no sujeito: o drama, compreendido como um fato psíquico que se expressa por significados particulares, desprovidos de significações gerais e dotados de mobilidade em seu sentido. Nesse sentido, Lebrun (2008) discute como o discurso cientificista e neoliberal suprime a perda decorrente da subtração do gozo da linguagem. Em seu lugar, instaura-se a necessidade de obtenção de uma verdade fixa, eliminando o espaço para o vazio constituinte do sentido. Assim, na ausência de renúncia, o pacto civilizatório se dissolve. Por fim, diante dos tensionamentos teóricos suscitados, emergem questionamentos profícuos acerca do valor social atribuído ao diagnóstico, considerando-se o papel desempenhado por seus dispositivos de agenciamento institucionais e econômicos, sua transmissibilidade, e suas implicações nas formas de autodeterminação dos sujeitos. A pesquisa, por fim, tensiona o lugar da palavra e seus modos de circulação, apontando para o império dos significantes-mestres na construção de narrativas e na uniformização dos modos de reconhecimento social de um “sintoma” descritivo, construído sem corpo.

A devastação nas relações mãe e filha na obra *Um amor incômodo*, de Elena Ferrante

Anna Caroline Garcia Resende; Christiane Carrijo Eckhardt Mouammar

A literatura constitui-se como um espaço de disputa e problematização de representações sociais historicamente instituídas (Candido, 2011). Ao encontrar-se com a psicanálise, manifestam-se arranjos acerca da feminilidade e suas contradições, possibilitando um questionamento dos papéis sociais limitadores atribuídos às mulheres no que diz respeito à maternidade (Iaconelli, 2023). O objetivo desta pesquisa foi identificar e sistematizar, na obra *Um amor incômodo* (2017), de Elena Ferrante, como aparece o conceito psicanalítico de devastação (Lacan, 1992) nas relações mãe e filha, para analisar a complexidade deste laço, marcado por ambivalência, identificação e ruptura. Por meio da problematização de representações normativas da maternidade, a obra descreve relações maternas que se distanciam da hegemonia, desconstruindo estereótipos que reforcem a naturalização da maternidade como um destino inescapável para as mulheres. A metodologia é qualitativa (Sampieri; Collado; Lucio, 2006), baseando-se no Estado da arte (Soares, 1989). Em um primeiro momento, foi realizada uma revisão integrativa de literatura através das bases de dados CAPES, Google Scholar e SciELO, utilizando os descritores “Devastação”, “Relação mãe e filha”, “Psicanálise”, “Elena Ferrante” e “Literatura”, a partir dos seguintes critérios de inclusão: (a) artigos, dissertações e teses publicados em português, entre janeiro de 2014 e dezembro de 2024; (b) estudos que discutam as relações mãe-filha a partir do conceito de devastação. Em um segundo momento, realizou-se a leitura sistemática dos textos freudianos e lacanianos selecionados, submetendo-os à Análise de Conteúdo de Bardin (2016), assim como a leitura flutuante da obra *Um amor incômodo*. Nesta, foram eleitos sintagmas que se relacionam ao conceito laciano de devastação para a construção de categorias de análise que serão aplicadas às relações mãe e filha exploradas na obra. Os resultados da revisão integrativa da literatura apresentaram 35 trabalhos, sendo 25 artigos, 8 dissertações e 2 teses. Estes foram registrados de maneira a descrever os trabalhos selecionados, com um enfoque nos eixos temáticos: (a) devastação e (b) maternidade. Em vista da leitura do material, emergiram as seguintes categorias de análise: (1) A devastação feminina nas relações mãe e filha: pesquisas sobre o vínculo mãe-filha moldado pelo conflito entre identificação e repulsa; (2) O mito do amor materno: estudos que discutem a maternidade e contestam a ideia de feminilidade atrelada apenas à capacidade de procriação; (3) O questionamento dos papéis sociais das mulheres: escritos que partem da valorização da diversidade das experiências femininas no combate a papéis sociais limitantes; (4) A escrita na construção de subjetividades femininas: trabalhos sobre as vivências de resistência do feminino corporificadas no registro escrito como uma forma de resistência. Os resultados parciais da pesquisa demonstram que os estudos sobre a temática da devastação nas relações mãe e filha ainda são escassos. A investigação mostra-se valorosa ao usar da psicanálise enquanto uma potência transformadora, com o intuito de questionar estruturas sociais misóginas e buscando dar voz a experiências femininas que não se resumem à maternidade. Nesse sentido, a obra *Um amor incômodo* oferece um olhar próprio sobre o laço mãe-filha, subvertendo o lugar de sujeição que foi imposto estruturalmente às mulheres.

Categorias emergentes sobre o sexual e a sexualidade no Seminário 16, de Jaques Lacan

Isabela de Oliveira Fogaça; George Miguel Thisoteine; Andre Luiz Gellis

Palavras-chave: *Desigualdade de gênero, psicanálise, sexualidade, Jacques Lacan, Seminário 16*

Os Objetivos do Novo Milênio, que se transformaram nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), reforçam a importância que para a superação da desigualdade de gênero é fundamental a inserção do social, histórico e cultural nessa questão, ou seja, que a igualdade de gênero depende mais do que de novos direitos, retomar os problemas que ali estão e são tomados como desigualdade para serem esses também objetos de elaboração. Nesse sentido as políticas de gênero de forma geral demandam uma compreensão histórica, ética e política sobre alguns temas como: o corpo, o sexo, o desejo e a mulher (o que inclui o homem). Temas esses que são trabalhados no Seminário 16: de um Outro a um outro, de Jacques Lacan. Por isso, a partir de um estudo qualitativo, de caráter descritivo-exploratório, de tipo bibliográfico-conceitual, foi realizada uma investigação sobre os contextos de uso do sexual e da sexualidade na obra indicada. O material coletado foi trabalhado a partir da análise de conteúdo, onde o mesmo seguiu três etapas: 1.leitura exaustiva do material e coleta; 2. pré-análise e avaliação por juiz cego; 3. elaboração final das categorias e debate com a bibliografia da área sobre a extensão dos resultados. Foram produzidas três categorias e nove subcategorias (três para cada uma), sendo elas: 1. Relação sexual (Ato Sexual; Identificação; Falo); 2. Gozo (Saber Sexual; Gozo da Mulher; Mais-de-gozar); 3. Estrutura Sexual (Função

Sexual; Perversão; Demanda e Falo). Ao todo foram identificados 88 sintagmas, sendo que o as categorias permitiram abordar o tema central e as subcategorias as formas que se aproximavam desse tema a partir das exposições de Lacan. O avanço que os resultados do estudo permitem observar mais diretamente é o quanto a compreensão psicanalítica dialoga com desafios práticos apontados pelos ODS, em particular ao 5 (Igualdade de Gênero), que visa alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. Nesse sentido, a pesquisa permite pensar a questão da desigualdade – onde se observam questões complexas de violência, de falta de representatividade política e das assimetrias do mercado de trabalho não por uma complementaridade, mas por uma contingência que inclua a capacidade subjetiva e criativa para pensar seja o gênero, seja às suas condições de produção e reprodução. Achados que também dialogam com as questões e os movimentos sociais e políticos que eclodiram na França em 1968 e que tornam ainda mais pertinentes a apresentação e a elaboração desses elementos a partir do seminário 16.

Implicações do imaginário social nas produções discursivas e sintomáticas das mulheres

Maria Eduarda Farias Maciel; Juliana Gama

Palavras-chave: Mulheres. Teorias de gênero. Psicanálise. Imaginário Social. Outro

Desde os primórdios, o ser humano é constituído e forjado a partir de suas relações. Somos tocados e causados pelo olhar, pelo toque e pela palavra do outro, que nos atravessa e angustia, ao passo que também nos estrutura. Isso implica pensar, que o imaginário social vem esculpindo um modelo comumente aceito e alimentado pela sociedade sobre a representação do “ser mulher”, refletindo padrões comportamentais e símbolos cristalizados, ligados à ideia de subalternidade. Diante disso, o presente artigo teve como objetivo geral analisar as relações entre os lugares construídos para as mulheres no imaginário social e as produções discursivas, sintomáticas de sofrimento, apresentadas por elas. Para tanto, foi feita uma pesquisa etnográfica, de natureza qualitativa, na qual foram investigados vídeos e textos publicados por mulheres que tinham perfis abertos na rede social Instagram, e que tratavam de lugares sociais imputados às mulheres, articulando-os às implicações desses lugares nas formações sintomáticas de sofrimento apresentadas por elas. Os perfis, dos quais foram extraídas seis postagens, foram: Giovanna Ewbank (@gioewbank), que é uma atriz brasileira, casada, mãe de filhos negros e branco, que debate, com frequência, sobre racismo, feminismo e relacionamento; Samara Felippo (@sfelippo), que é uma atriz brasileira que se apresenta como mãe-solo e foi criticada pela frase “Eu não gosto da função de ser mãe”, ao falar sobre a maternidade sobrecarregada e a desigualdade de gênero; Helen Ramos, (@ahelenramos), que é escritora e podcaster/videocaster da Radiohel, em que debate cultura, comportamento e atualidades, com conteúdo feminino e materno; Alexandra Maria (@alexandramariasemr), mestra em literatura, nomeia-se como “sapaPoeta” e “sapaFeminista”, criadora da @papel.mulher; Sandy (@sandyoficial), que é uma cantora brasileira, com frequência, remetida a sua jovialidade e ao ideal feminino; Leandrinha (@leandrinhadu) que é uma mulher trans, com deficiência, blogueira, e atua a partir do lema “Sou foda demais para você entender o que eu faço”. A análise do material coletado foi feita com base no referencial psicanalítico, feminista e das teorias de gênero, aliando-se a duas temáticas: o corpo feminino e a maternidade. Concluiu-se que, falar sobre mulheres, produções discursivas e produções sintomáticas é dizer daquilo que grita nas notícias, na literatura e na carne. Observou-se que as produções atuais sobre a diferença entre papéis de gênero e lugares imputados às mulheres no imaginário social são resultado de muitos anos de silenciamento estrutural dentro da lógica falocêntrica. Portanto, pensar o local socialmente construído para as mulheres exige um esforço teórico e clínico que permita costurar a linguagem da psicanálise com a potência de um fazer cada vez mais atento e equiparado com uma escuta interseccional. A escuta, nesse sentido, é convocada a ultrapassar os limites de uma abordagem universalizante e a considerar as especificidades históricas, raciais, sociais e culturais que atravessam a experiência única de cada mulher. A articulação teórica entre psicanálise, feminismo e teorias de gênero apontou, portanto, para a urgente necessidade de uma transformação subjetiva e social, sustentada por uma escuta que acolha a diferença e que tensione, radicalmente, os discursos hegemônicos que perpetuam a subalternidade.
